

GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO

FUNDADA EM 1888

REVISTA QUINZENAL

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. Gazeta dos Caminhos de Ferro
5, Rua da Horta Séca, 7

COMÉRCIO e TRANSPORTES / ECONOMIA e FINANÇAS / ELECTRICIDADE e TELEFONIA / NAVEGAÇÃO e AVIAÇÃO / OBRAS PÚBLICAS / AGRICULTURA / MINAS / ENGENHARIA / INDUSTRIA / TURISMO e CAMINHOS DE FERRO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua da Horta Séca, 7, 1.º
Telefone: P B X 20158

REMINGTON RAND

MODEL ONE

DESCRICAÇÃO

Teclado típico de quatro filas de teclas
88 caracteres
Exclusividade da acção da barra de tipo
Completa visibilidade
Cilindro grande
Fita igual à dos modelos maiores
Roda de escape em forma de estréla
Reversão automática da fita
Barra de espaços silenciosa
Pés almofadados com borracha
Espaçador de linhas triplo
Tabulador
Acabamento. Esmalte preto suave com cromagens brilhantes
Caixa da máquina. Aperfeiçoada. Elegante.
Peso: Kgs., 5,750. Com caixa: Kgs., 7,500

Uma realização soberba

O Modelo Rand n.º 1 representa o mais alto grau de perfeição já alcançado na produção de máquinas de escrever portáteis. É um novo triunfo da grande indústria fundada pela Remington, confirmando, através 60 anos de significativas tradições, os seus créditos na fabricação das máquinas de escrever.

É pois, uma verdadeira realização, feita para levar o nome Remington a nova e maior Glória. Moderna como o dia de amanhã, com a mesma robustez que sempre caracterizou a marca Remington.

Para o perito. A vós, cuja experiência e conhecimentos exigem muito dumha máquina de escrever, o Modelo Rand n.º 1 satisfaz as vossas maiores exigências. A sua rapidez, facilidade de manejo, leveza de toque, suave e cómoda, e admirável nitidez de trabalho, agradar-vos-hão tanto como o seu serviço em «stencils» e cópias de químicos.

Para o novato. A vós, que optais pela simplicidade, modalidade essa que no Modelo Rand n.º 1, vos ajudará a adquirir a velocidade e destreza na prática de escrever. Apreciareis a sua simplicidade, e dareis valor ao facto de se encontrarem reunidos anos e anos de experiência no seu belo aspecto exterior.

REMINGTON

109--RUA NOVA DO ALMADA--LISBOA

**Sociedade Anónima
BROWN, BOVERI & C.º
BADEN (FABRICAS EM BADEN E EM MUNCHENSTEIN) SUISSA**

A firma que instalou o maior número de kilowatos nas Centrais Eléctricas Portuguesas—
A firma que montou o maior número de turbinas a vapor.—
—: em Portugal. —:

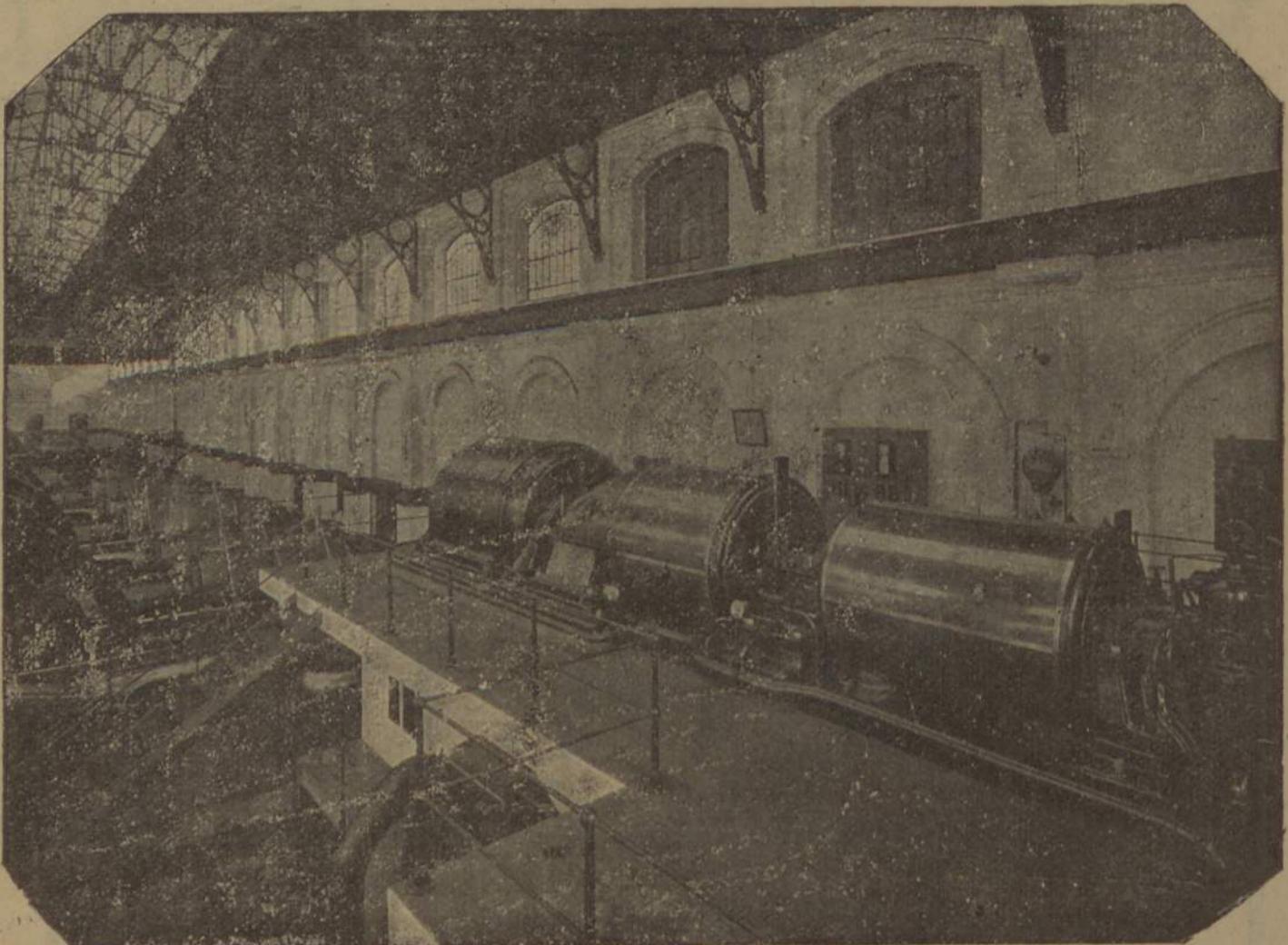
Representante geral:

**EDOUARD
DALPHIN**

ENGENHEIRO-
DELEGADO

Escritório técnico: R. Passos Manoel 191-2º

porto

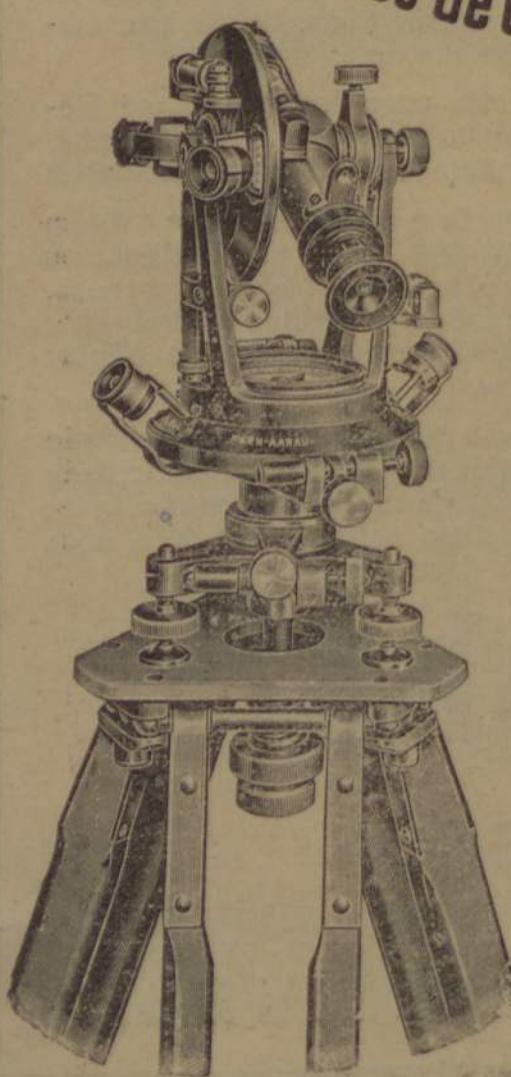


O turbo grupo a vapor de 5.000 kitowatts da Central de Massarelos
da Companhia Carris de Ferro do Porto



Kern
AARAU
SUISSE

Boîtes de compas de précision



INSTRUMENTOS
DE PRECISÃO

Kern
AARAU

TAQUEÓMETROS

ALIDADES

TEODOLITOS

BINÓCULOS

Vendas a retalho
em todas as casas
da especialidade

AGÊNCIA EM LISBOA

Rua dos Fanqueiros, 15, 2º

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2º Telef. 26519

Dr. Armando Narciso — Medicina, coração e pulmões
ÁS 5 HORAS

Dr. Bernardo Vilar — Cirurgia geral, operações
ÁS 5 HORAS

Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias
ÁS 10 HORAS

Dr. Correia de Figueiredo — Pele e sífilis
ÁS 6 HORAS

Dr. R. Loff — Doenças nervosas, electroterapia
ÁS 3 HORAS

Dr. Mario de Mattos — Doenças dos olhos
ÁS 2 HORAS

Dr. Mendes Bello — Estomago, fígado e intestinos
ÁS 4 HORAS

Dr. Filipe Manso — Doenças das crianças
ÁS 12 HORAS

Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações
ÁS 2 HORAS

Dr. Francisco Calheiros — Garganta, nariz e ouvidos
ÁS 3 1/2 HORAS

Dr. Armando Lima — Bôca e dentes, prótese
ÁS 12 HORAS

Dr. Aleu Saldanha — Raio X
ÁS 4 HORAS

ANÁLISES CLÍNICAS

EM CASA
OU
EM VIAGEM
As Sardinhas de Conserva Portuguesas

tem o seu lugar marcado

pelo seu alto valor alimentar

Apesar disso SÃO ECOMÓMICAS

PARA
PINTAR
AREDES

Use MURALINE
UMA TINTA QUE SE PREPARA
EM 10 MINUTOS
SECA EM 10 HORAS
E DURA 10 ANOS

DEPOSITÁRIOS:

MÁRIO COSTA & C. A. L. DA
Rua do Almada, 30-1.º e 2.º — PORTO — Telefone 2571

TINTURARIA PIRES BRANCO

CASA FUNDADA EM 1835

DE Maria d'Assunção Silva Branco
45, Calçada do Carmo, 47-LISBOA-Telef. 21860
(Juato á Estação do Rocio)
10% A TODOS OS EMPREGADOS FERROVIÁRIOS
CONFRONTEM OS NOSSOS ACABAMENTOS

FAZENDAS—Tinge em tódas as côres, garantindo-as, lava e limpa a séco (Degrassage à sec) tóda a qualidade de fazendas, seda, (mesmo a seda acetato), lã, jutas, algodão, capas de borracha, tapetes, feltros, etc..—PELES—Curte, tinge, limpa, transforma e confecciona tóda a classe de peles.

GRANDE SORTIDO A PREÇOS CONVIDATIVOS
ATENÇÃO—As nossas secções de lavandaria e engomadaria encaram-se de tóda a classe de roupas a preço convencionais. PASSA-SE a ferro fatos de homem e vestidos de senhora em 15 MINUTOS, tendo os Ex.ºs fregueses um gabinete de espera.—LUTOS EM 12 HORAS—Os fatos e vestidos não tem necessidade de ser desmanchados para tingir

PARA VIAGEM...

lêr o livro

O BAILE DOS BASTINHOS

de ARMANDO FERREIRA

O MAIOR SUCESSO DO HUMORISMO NACIONAL



R. G. DUN & C.[°]

DE NEW YORK

★ Agência internacional ★
de informações comerciais

FUNDADA EM 1841

ESCRITÓRIO EM LISBOA

(DIRECÇÃO PARA PORTUGAL)

15, Rua dos Fanqueiros

SUCURSAL NO PORTO

Avenida dos Aliados, 54

PORTUGAL

Restaurante do Entroncamento

Sob a direcção de

FRANCISCO MÉRA

Ótimo serviço de mesa.

ALMOÇOS E JANTARES

por encomenda

ENTRONCAMENTO

(ESTAÇÃO)

PORTUGAL

VISITAE

Caldas da Rainha

e o seu melhor hotel:

HOTEL CENTRAL

PORTUGAL

Nova Pensão «Camões»

Praça Luiz de Camões, 22

Telefone 22945

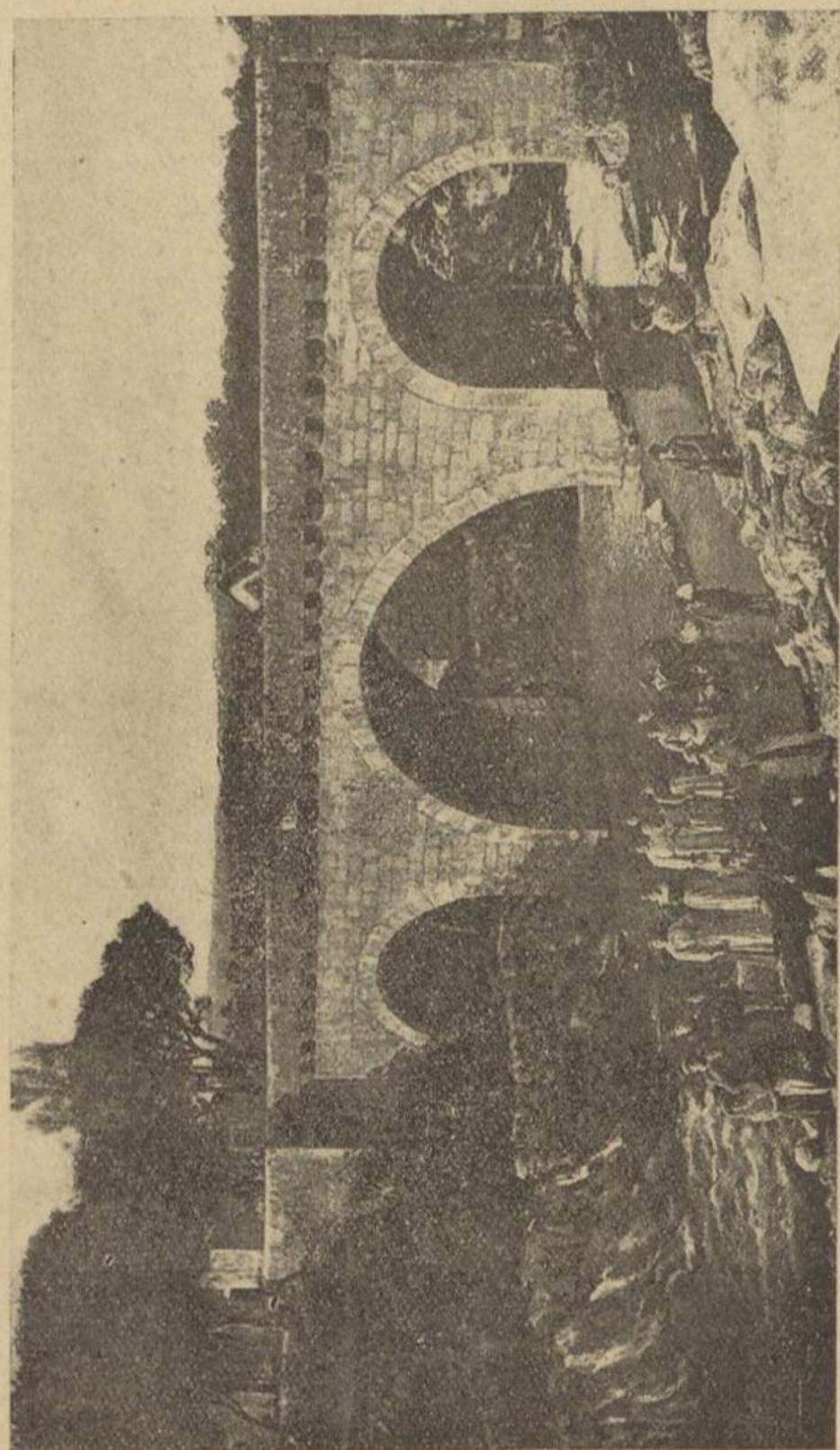
LISBOA

Director — Joaquim Bustos Romero

Quartos com o maior conforto.
Casas de banho. Esmerado serviço de mesa. Menús especiais.

Frein pour Chemins de Fer à Vapeur & électriques,
Automotrices, Camions automobiles &c.
Chauffage & Conditionnement de l'air pour tous Véhicules
COMPAGNIE DES FREINS WESTINGHOUSE
ÉTABLISSEMENTS DE FREINVILLE,
Sevran (Seine-et-Oise) France

T O N D E L A



Ponte sobre o Rio Minho

GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO

REVISTA QUINZENAL FUNDADA EM 1888

COMÉRCIO E TRANSPORTES — ECONOMIA E FINANÇAS — ELECTRICIDADE E TELEFONIA — OBRAS PÚBLICAS
— NAVEGAÇÃO E AVIAÇÃO — AGRICULTURA E MINAS — ENGENHARIA — INDÚSTRIA E TURISMO

Integrada na «Associação Portuguesa da Imprensa Técnica e Profissional»
e na «Federación Internacional da Imprensa Técnica e Profissional»

PREMIADA NAS EXPOSIÇÕES: GRANDE DIPLOMA DE HONRA: Lisboa, 1898; — MEDALHAS DE PRATA: Bruxelas, 1897; Porto, 1897; — Liège 1905; — Rio de Janeiro, 1908; Porto, 1934; — MEDALHAS DE BRONZE: Antuerpia, 1894; S. Luiz, (Estados Unidos) 1904;

Delegado em Espanha: A. MASCARÓ, Nicolás M.^a Rivero, 6 — Madrid
Delegado no Pôrto: ALBERTO MOUTINHO, Avenida dos Aliados, 54 — Telefone 893

S U M Á R I O

TONDELA, Ponte sobre o rio Minho. — Dr. Leonardo Coimbra, por MENDES DA COSTA. — As novas comunicações ferroviárias entre Zafra e o nosso País, pelo Eng.^o GABRIEL URIGÜEN. — O Império Britânico acaba de perder o Rei Jorge V. — Aviação, a conclusão do Cruzeiro Aéreo às Colónias. — À Tabela, pelo Eng.^o ARMANDO FERREIRA. — A Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal. — As grandes comunicações de Lisboa, pelo Eng.^o J. FERNANDO DE SOUZA. — Bases orçamentais para assentamento de via férrea, por ANTÓNIO GUEDES. — Portugal Turístico. — Os nossos Caminhos de Ferro em 1935. — Viagens e transportes. — Caminhos de Ferro. — Parte Oficial. — Carruagens Modernas. — Ecos & Comentários, por PLÍNIO BANHOS. — Victórias Portuguezas, por L. DE MENDONÇA E COSTA. — Há :—: quarenta anos. — Progressos do Norte :—;

1 9 3 6

ANO XLVIII

1 DE FEVEREIRO

NÚMERO 1155

FUNDADOR

L. DE MENDONÇA E COSTA

DIRETORES

Eng.º FERNANDO DE SOUZA
CARLOS D'ORNELLAS

SECRETARIOS DA REDACÇÃO

OCTAVIO PEREIRA

Eng.º ARMANDO FERREIRA

REDACÇÃO

Eng.º M. DE MELO SAMPAIO
DR. AUGUSTO D'ESAGUY

JOSÉ DA NATIVIDADE GASPAR

Dr. ALFREDO BROCHADO

ANTONIO GUEDES

EDITOR

FERNANDO CORRÊA DE PINHO

COLABORADORES

General JOÃO D'ALMEIDA

Brigadeiro RAUL ESTEVES

Coronel CARLOS ROMA MACHADO

Coronel Eng.º ALEXANDRE LOPES GALVÃO

Engenheiro CARLOS MANITTO TORRES

Capitão de Eng.º MARIO COSTA

Engenheiro D. GABRIEL URIGUEN

Engenheiro PALMA DE VILHENA

Capitão de Eng.º JAIME GALO

Coronel de Eng.º ABEL URBANO

Dr. JACINTO CARREIRO

Tenente HUMBERTO CRUZ

Capitão BELMIRO VIEIRA FERNANDES

Dr. PARADELA DE OLIVEIRA

DELEGAÇÕES

Espanha — A. MASCARÓ

Pôrto — ALBERTO MOUTINHO

FREÇOS DAS ASSINATURAS E NÚMEROS
AVULSO

| | |
|---|--------|
| PORTUGAL (semestre) . . . | 30\$00 |
| ESTRANGEIRO (ano) £ . . . | 1.00 |
| ESPAÑA () ps. ^{as} | 35.00 |
| FRANÇA () fr. ^{os} | 100 |
| ÁFRICA () . . . | 72\$00 |
| Empregados ferroviários (trimestre) | 10\$00 |
| Número avulso. | 2\$50 |
| Números afixados. | 5\$00 |

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
RUA DA HORTA SÉCA, 7, 1.º

Telefone P B X 2.0158

DIRECÇÃO 2.7520

Dr. Leonardo Coimbra

A perda do Dr. Leonardo Coimbra, sucedida em 2 do corrente, no Pôrto tem de ficar registada nas páginas da «Gazeta dos Caminhos de Ferro», cujo director manteve com o malogrado homem de ciência inesquecíveis relações de estima; e só por absoluta falta de espaço no nosso último número é que não a noticiámos, oportunamente.

Sinistrado, dias antes, por um acidente de viação, numa das ruas daquela cidade, o ilustre professor fôra transportado para o pavilhão particular do Hospital da Misericórdia, onde os recursos da ciência não poderam transformar em consoladora salvação o seu caso de perigosa gravidade.

Morreu, prematuramente, o Dr. Leonardo Coimbra, cuja compleição robusta era de molde a permitir-lhe, porventura, uma dilatada existência. Completara, em 30 do mês findo, 52 anos, a que um fúnesto desastre de trânsito pôs tão trágico ponto final.

Nascera em Amarante, casara com a sra. D. Maria Amélia Coimbra, era pai do sr. Leonardo Coimbra Júnior, aluno do 5.º ano da Faculdade de Medicina do Pôrto, e irmão do sr. dr. António Inácio Coimbra, médico em Lixa.

A cerimónia do seu consórcio que, ha bastantes anos, tivera apenas registo civil como a do baptismo de seu filho, fôra confirmado na última véspera do Natal pelo registo da Egreja. No mesmo dia celebrara-se, também, o baptismo católico do sr. Leonardo Coimbra Júnior. Assim dava o malogrado pensador colaboração prática às suas ideias — que o haviam, nos últimos anos, transmudado em militarite católico

* * *

O dr. Leonardo Coimbra, que fôra aspirante de Marinha, fez os seus cursos no Pôrto, onde, em 1908, fundou a Associação Académica Republicana «Os Amigos do A. B. C.», de que tempos depois saiu o grupo de literatura «Renascença». Em 1910, formou-se pela Faculdade de Letras de Lisboa e em 1913 concorreu à cadeira de Filosofia daquela Academia, com a apresentação do trabalho «O creacionismo». Em 1919, ocupou como deputado uma cadeira no Parlamento, onde, pouco depois, tomou assento na bancada ministerial como titular da pasta da Instrução Pública. Fundou, então, a hoje extinta Faculdade de Letras do Pôrto, de que, mais tarde, foi director. Em 1924 tomou posse de uma cadeira docente no Liceu Rodrigues de Freitas, cargo que desempenhou até à sua morte.

* * *

O Dr. Leonardo Coimbra, catedrático, orador, filósofo era uma gigantea figura de pensador, do estalão profundo que molda os cogitadores de almas, os interpretes dos significados reconditos das causas e dos mandos.

Por entre a pobreza dos compatriotas em função cerebrina, assombrava o seu vulto de sábio meditabundo que ao culto da palavra emprestava vôos aquilinos e estranhas belezas de verbalismo enérito. No livro como na oração, conprazia-se na especulação do espírito, sempre em demanda de conceitos reveladores. A sua figura de arcaboiço possante sublinhava o seu formidável poder de palavras, na fluência e na formação vibrante. Por isso, o seu renôme de tribuno era aclamado não só em Portugal como em Madrid, onde foi, a convite da Residência de Esfudantes, fazer uma série de conferências sobre a «Relatividade e as teorias de Einstein» e sobre «Antero, Eça e Teixeira de Pascoais», trabalhos que lhe mereceram entusiásticas consagrações do público, da Academia e do alto meio mental de toda a Espanha.

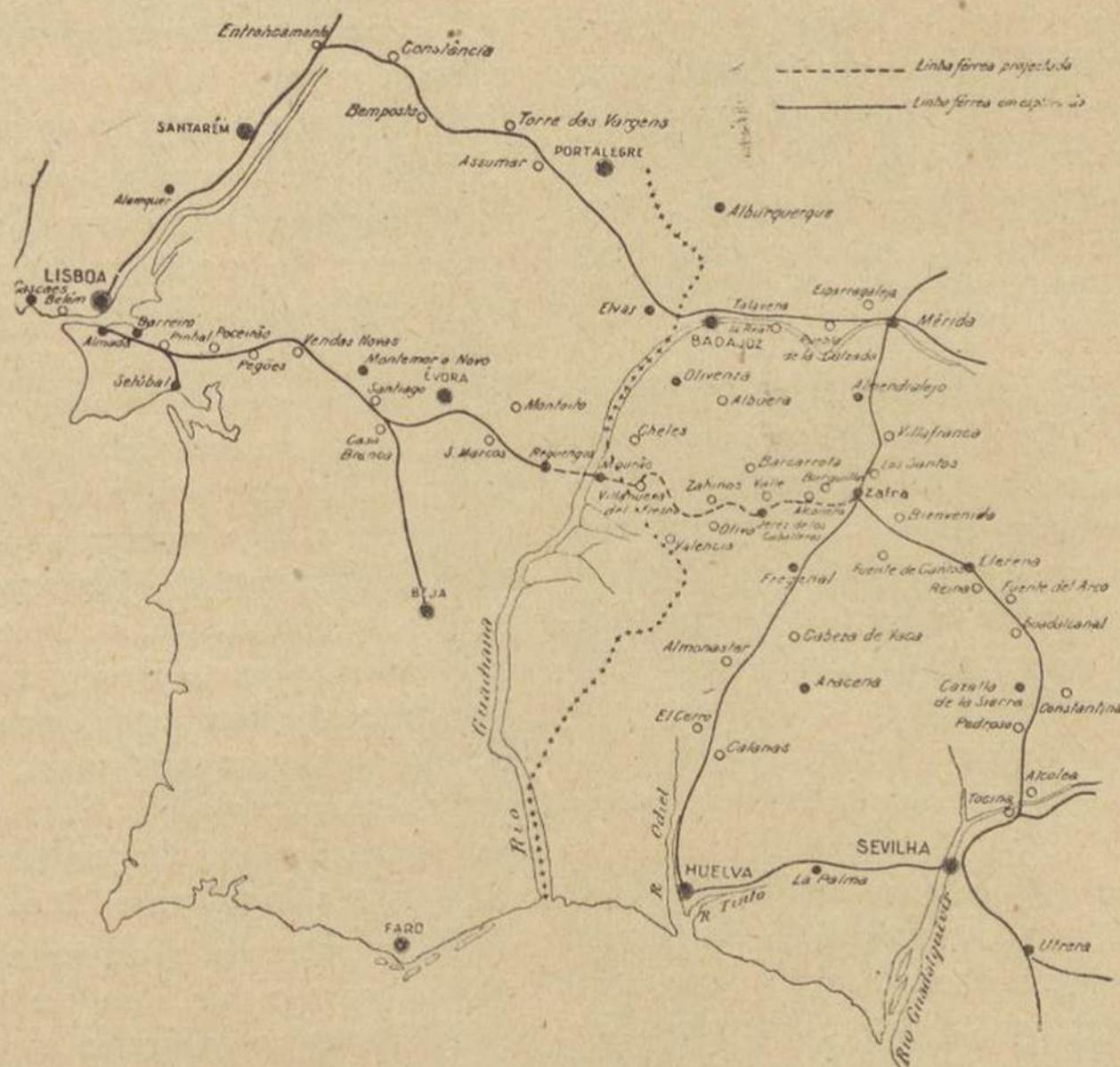
O sua última peça oratória foi a que sob o título «A Rússia de hoje e o Homem de Sempre» declamou no Teatro de S. Carlos no princípio de 1935 e por iniciativa do Secretariado de Propaganda do Estado.

Os seus mais notáveis livros publicados foram «O Creacionismo», «Pensamento Creacionista», «Luta pela imortalidade», «Razão experimentada», «Filosofia de Henry Bergson», «Pensamento filosófico de Antero», «A alegria, a Dor e a Graça», «Do Amor e da Morte» e «A Morte».

M E N D E S D A C O S T A

PORTUGAL

ESPAÑA

AS NOVAS COMUNICAÇÕES FERROVIÁRIAS
ENTRE ZAFRA E O NOSSO PAÍS

Pelo Engº GABRIEL URIGÜEN

○S Peninsulares, que durante toda a vida temos considerado como uma das nossas ilusões referentes ao estreitamento efectivo das duas Nações que habitam o solar ibérico, sem amesquinhar de forma alguma a personalidade inconfundível dos povos que o habitam, vão oferecer-nos num prazo relativamente breve, a satisfação da entrada em serviço da linha Zafra a Vila Nova del Fresno. Sobre este assunto ocupar-nos-hemos nestes artigos, que terão por finalidade demonstrar a necessidade de ligar mais estreitamente, Lisboa com Sevilha, beneficiando ainda as relações com a África.

Não podemos esquecer que Lisboa possuindo o pôrto mais importante da Península, lhe interessa extraordinariamente aproximar-se do continente Africano, para o que em devido tempo se ligará San Fernando com Algeciras, realizando-se por conseqüência a comunicação directa entre Lisboa-Algeciras.

Fica por resolver um pequeno problema, pequeno pelo custo da obra, mas grande pelas dificuldades burocráticas a vencer, para que o trajecto de oito quilómetros sómente, que dista Vila Nova

del Fresno até à fronteira pelo lado de Espanha e 18 quilómetros de Reguengos a Mourão, e mais 9 de Mourão à fronteira, sejam construídos, para que toda a primeira parte deste belo ideal seja uma realidade, isto é, a comunicação directa de Lisboa com Sevilha.

Na *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, vamos relatar o estado das obras, estado que seguramente alguns leitores desta *Revista* ignoram e por certo serão notícias que agradam e aos restantes surpreender pelo adiantamento em que os trabalhos se encontram.

A Companhia dos Caminhos de Ferro de Zafra a Portugal, é concessionária do caminho de ferro de Zafra a Vila Nova del Fresno, em virtude dos decretos de 21 de Agosto de 1928, 16 de Abril de 1929 e 4 de Abril de 1931, baseados na lei Ferroviária de 29 de Abril de 1927.

Não obstante chegar a concessão unicamente até Vila Nova del Fresno a oito quilómetros da fronteira portuguesa, este Caminho de Ferro foi concedido com carácter internacional, ficando por conseqüência dependente da resolução das Comissões Espano-Lusitana, para assim de comum

acordo determinar o ponto de passagem na fronteira. A internacionalidade d'este caminho de ferro, está firmada na conferência Espano-Lusitana, celebrada em Lisboa, em Maio de 1928, conferência que, entre outros diversos acordos, aceitou, por considerar de grande interesse para os dois países, a ligação de Reguengos-Fronteira-Vila Nova del Fresno.

A projectada união, independentemente o interesse local, para o intercâmbio de passageiros e mercadorias, entre a zona sul da Extremadura, em Espanha e a região de Évora em Portugal, tem sobretudo, uma maior importância no encurtamento que estabelece sobre as actuais comunicações entre Lisboa e toda a região Andaluza.

Na sua parte local a linha de Zafra a Vila Nova del Fresno, atravessa uma região rica em agricultura e gados e especialmente importante na riqueza mineira.

Na verdade, hoje em dia, o estado absolutamente deprimido do mercado mundial de minerais, não permite pensar-se na exploração d'estes, por existir outros similares em zonas muito mais próximas da costa, cujas explorações se encontram totalmente paralizadas.

Este fenómeno obedece ao facto, de encontrar-se as duas Nações beneficiadoras d'estes minerais, Inglaterra e Alemanha, com 60 a 70 % dos seus altos fornos paralizados, ainda que se note ultimamente uma maior actividade n'este ramo.

Sai fora do nosso limite, determinar se esta crise que sufoca o mundo, cujas causas e remédios, não obstante preocupar profundamente todos os especialistas, ainda não poderam ser precizados, se prolongará por mais ou menos tempo; mas voltando ao problema que nos ocupa, é um facto que se o mercado dos minerais se reintegra no seu estado normal, parte destas minas da zona atra-vessada, poderiam ser postas em exploração, de que resultaria, encontrando-se as minas eqüidistantes de Lisboa e Sevilha, o seu embarque se verificaria por um d'estes portos, dependendo a sua escolha das maiores facilidades que dessem as companhias afectadas e os portos indicados.

Indico esta questão mineira, não pelo interesse que possa oferecer actualmente, que o considero quase nulo, mas sim pelo que poderá oferecer de futuro.

Ligado com as relações que existem e que poderiam estabelecer-se entre Andaluzia e Lisboa há um ponto de vista que até agora não se tem tido em muita consideração, por tratar-se dum assunto relativamente recente. Trata-se do grande desenvolvimento, cada dia maior, que está adquirindo tanto na parte comercial como na turística, toda a zona de Marrocos francês. Existe uma corrente de passageiros, que aumenta de ano para ano, entre a zona francesa de Marrocos e Lisboa, que obedece principalmente, ao facto de tocar n'este porto uma grande parte dos transatlânticos europeus, que transbordam aqui os passageiros para outros barcos de menor tonelagem, conduzindo-os a Marrocos, ou ainda de Lisboa, apesar das péssimas comunicações existentes, dirigem-se por terra a Algeciras e daqui para Tânger.

Esta corrente será indubitavelmente encaminhada, para o caminho de ferro, logo que se possa dar um serviço moderno e rápido, seguindo o traçado que a princípio temos exposto.

Estas considerações, obedecem ao critério que a Companhia do Caminho de Ferro de Zafra a Portugal tem ao levar a efeito a união da sua linha com a rede portuguesa, que será num futuro não longíquo, dum verdadeiro interesse comercial, tanto no que respeita ao intercâmbio da província espanhola da Extremadura e a portuguesa do Alentejo, como também no seu aspecto geral no que respeita às relações entre Andaluzia

e o Pôrto de Lisboa. Este tráfico adquire certamente um maior interesse com a realização da projectada ponte sobre o Tejo, frente a Lisboa, que permitirá à rede portuguesa de caminhos de ferro do sul penetrar directamente na capital.

No próximo artigo daremos conta do estado do grande adiantamento das obras, até ao ponto de que no presente ano será inaugurada a primeira metade da linha, compreendida entre Zafra e Jerez de los Caballeros, e no próximo ano de 1937, todo o resto da linha.



SEVILHA — Praça de Espanha

O IMPÉRIO BRITANICO

ACABA DE PERDER O

REI JORGE V

UM telegrama de Londres datado de 20 de Janeiro comunica a Portugal oficialmente que o Rei Jorge V morreu serenamente às 23,55, rodeado pela Rainha Maria, príncipe de Gales, Duque de York, Princesa Real e Duques de Kent, tendo-lhe ministrado a última benção o Arcebispo de Canterbury.

O Filho de Eduardo VII de Inglaterra foi um grande monarca dos nossos tempos e a sua morte foi um acontecimento mundial que abalou sinceramente a alma dos que, através dos tempos, conheceram no grande Rei o prestigioso e grande amigo da paz e da felicidade dos povos.

Jorge V, pôde afirmar-se ganhou gerais simpatias em toda a Europa e o seu trabalho de dedicação pela paz mundial fica registado nos anais da história mundial.

Portugal, o velho aliado da Inglaterra não mais pôde esquecer o falecido rei.

NOTAS BIOGRÁFICAS DO FALECIDO REI NA VIDA DIPLOMÁTICA

Jorge V quando subiu ao trono em 1910, era herdeiro dumha tradição diplomática que soube respeitar e prolongar, mesmo em presença do facto mais grave que a história da Inglaterra regista: a colaboração britânica na guerra mundial.

E uma verdade incontestável que nos termos da Constituição inglesa o monarca, se não governa, reina o que implica para ele a necessidade de ser posto diariamente ao corrente, com toda a minúcia, dos assuntos que, nos domínios externo e interno, interessam à vida da nação.

Jorge V em todos os momentos delicados da actividade inglesa soube o que os seus ministros preparavam e o que realizavam. O «Foreign Office» preveniu-o das circunstâncias difíceis que para a Europa e para o Mundo criava a onda crescente do imperialismo germânico como ainda recentemente os ministros responsáveis e os altos funcionários desse departamento do Estado lhe davam conta com freqüência, da evolução do conflito italo-etiope.

É que a tradição do palácio de Buckingham corresponde a tradição do Ministério dos Estrangeiros. E nas salas imponentes do «Foreign Office» permanece bem viva ainda a recordação da cena violenta que a velha rainha Vitória teve com o seu ministro dos Estrangeiros, lord Palmerston, no dia em que este se permitiu, imprudentemente, abrir uma carta que, tratando assuntos de política internacional, fôrça dirigida à soberana.

A fôrça da realeza em Inglaterra deriva precisamente da prática constante desta tradição: Jorge V continuou Eduardo VII como este fôrça o continuador da sua gloriosa māi.

Compreende-se assim que subordinando toda a sua acção a uma regra de conduta inflexível o falecido rei de Inglaterra lhe tenha imprimido as próprias marcas do seu feito pessoal—a modéstia e o conhecimento exacto das realidades.

Com o fim da Era Vitoriana a política de «esplêndido isolamento» que criava o maior Império do Mundo tocava o seu termo.

Eduardo VII subindo ao trono em plena maturidade compreendeu que a Inglaterra passava a ser uma potência continental. A sua fronteira política deslocava-se da Mancha para o coração da Europa. Por isso, ele realizou, com felicidade, a obra de aproximação franco-britânica, liquidando as velhas questões existentes entre os dois países poucos anos depois do incidente penoso de Fachoda. O então príncipe de Gales, cujo carácter reservado escondia uma soma de reais qualidades de bom senso e de ponderação foi durante esse período de febril actividade diplomática escolhido por seu pai para realizar na Alemanha diversas missões de inegável importância.

Eduardo VII, que não tolerava o sobrinho Guilherme II, depois de lhe ter sido mostrada a carta dirigida por este ao Imperador da Rússia, na qual lhe eram feitas as mais desagradáveis referências, evitava a corte de Berlim, por não suportar o convívio do seu audacioso parente.

Mas, muito inteligente para romper abertamente com a Alemanha, aproveitava seu filho como diplomata, capaz de dissipar os mal-entendidos que, com frequência, já se levantavam entre os dois países.

Numa dessas viagens, realizadas em 1905, o então príncipe de Gales teve de liquidar com a sua presença e com a sua acção na capital germanica a polémica violenta que se havia suscitado entre dois dos maiores homens públicos do seu tempo: Bulow e o velho Chamberlain.

As relações anglo-germanicas não deixavam de se agravar depois dessa data, por virtude da pretensão alemã de construir uma esquadra que pudesse fazer frente à poderosa frota inglesa.

E um dos momentos mais difíceis da vida de Jorge V foi aquele em que teve de receber oficialmente em Londres a visita do Kaiser, vindo expressamente, apesar de todos os conselhos em contrário, dados pelas pessoas de bom senso e pelo próprio pessoal diplomático, para assistir aos funerais do seu velho e fiel inimigo Eduardo VII.

O acesso na «gare» tinha sido apenas consentido às personagens com representação oficial; logo que desceu do comboio Guilherme II, como era seu costume, abraçou ruidosamente o primo, não tendo em conta o luto profundo que envolvia os corações ingleses.

Mas quando os dois se meteram numa carruagem descoberta, a multidão silenciosa, que enchia as ruas, fez sentir ao senhor da Alemanha, que a política britânica não se alteraria com o advento do novo rei.

Jorge V, que compreendera a lição, soube conservar-se fiel à herança do grande rei que o antecederá, e as relações entre as duas cortes continuaram mantendo o tom cerimonioso e frio que Eduardo VII lhes havia imprimido.

PREVENDO A GUERRA

Subindo ao trono em 1910, Jorge V encontra já a Europa em armas. Nas vésperas da grande conflagração, os liberais, presididos por Asquith, detêm o poder e realizam um programa vasto de reformas sociais. A pasta dos Estrangeiros está confiada ao representante de uma daquelas famílias que, pela constituição segura de uma aristocracia da inteligência e do carácter, alicerçam a grandeza do Império Eduardo Grey.

O monarca, cumprindo fielmente as obrigações do seu cargo, segue a marcha dos acontecimentos e aprova a política dos ministros responsáveis.

A tempestade acumula-se sobre a Europa e ninguém tem dúvidas acerca dos acontecimentos que se preparam.

Em 1912 o rei é informado das confidências feitas pelo Kaiser e pelo seu chefe do Estado Maior Moltke ao soberano belga. A missão Haldane, que não logrou êxito, foi a última tentativa para evitar o rompimento entre os dois países.

O nome do Rei aparece logo intimamente ligado a dois episódios que precederam de perto a abertura das hostilidades.

Nos últimos dias de Julho de 1914, o Kaiser assumira já compromissos que, praticamente, significavam a guerra e mostrava-se inquieto sobre a atitude que a Inglaterra assumiria na iminência de um conflito europeu.

Enviou por isso a Londres, seu irmão, o príncipe Henrique, de Prússia, com o encargo de sondar as disposições da Corte inglesa.

Dada a gravidade dos acontecimentos, o príncipe Henrique regressou apressadamente a Kiel, onde chegou a 28 de Julho, escrevendo desta cidade, a seu irmão, uma carta, na qual descrevia assim a conversa tida com o monarca inglês:

«Antes da minha partida de Londres, quere dizer, domingo de manhã, 28 de Julho, tive a tua pedido uma conversa com o Rei, que estava perfeitamente ao corrente da situação actual e que me assegurou que ele e o seu Governo tentariam tudo para localizar a luta entre a Áustria e a Sérvia.

Jorge disse-me textualmente: *Faremos todos os nossos esforços para nos conservarmos fóra desta questão e ficarmos neutros.*

Estava visivelmente preocupado e manifestou a mais séria e sincera intenção de evitar um conflito mundial.

E' um problema que os historiadores ainda não conseguiram resolver, o de averiguar até que ponto as informações do príncipe Henrique,

da Prussia, reproduziram com fidelidade a conversa que tivera com Jorge V.

A comunicação fôra feita de Kiel, com a data de 28 de Julho. E logo no dia seguinte, o Kaiser anotando um telegrama do seu embaixador em Londres, no qual se dava conta das transformações operadas na opinião pública britânica, escrevia com azedume:

«A Inglaterra descobre-se neste momento em que considera que nós estamos liquidados. Essa canhada de mercadores quis enganar-nos com jantares e discursos. A mistificação mais grosseira que ela preparou está nas palavras ditas pelo rei Jorge ao príncipe Henrique, que me eram dirigidas e nas quais lhe afirmava que a Inglaterra ficaria neutral».

(Como se vê acima S. M. o Rei Jorge V nada garantira manifestando apenas os seus desejos).

O segundo episódio a que aludimos é a famosa correspondência trocada entre Jorge V e o Presidente da República francesa, Raymond Poincaré, quando este, verificando a impossibilidade de se evitar a abertura das hostilidades, dirigiu a Jorge V um apelo patético, para que uma intervenção decisiva da Grã-Bretanha conseguisse salvar a Paz ou assegurasse uma cooperação militar capaz de garantir a vitória das potências ocidentais.

Na carta de Poincaré, datada de 31 de Julho de 1914, o Presidente da França, depois de recordar a existência de convenções militares e navais franco-britânicas, que reservavam aos dois governos uma inteira liberdade de movimentos no campo da política, acentuava que uma estreita colaboração diplomática da Inglaterra, da França e da Rússia daria à Alemanha uma impressão de forte unidade, seria ainda capaz de salvaguardar a Paz.

Este documento histórico foi transportado pessoalmente para Londres, onde chegou no dia seguinte, pelo diplomata francês William Martin.

A resposta foi trazida pelo mesmo alto funcionário, toda escrita em inglês pelo próprio punho de Jorge V, em papel com o timbre de Buckingham Palace. Não continha ainda qualquer garantia positiva sobre a intervenção inglesa.

Jorge V dizia, nesse documento, que estava a consagrar os seus melhores esforços, junto dos imperadores da Rússia e da Alemanha, para retardar o início das operações militares e permitir assim que as negociações diplomáticas prosseguissem com êxito, e acrescentava:

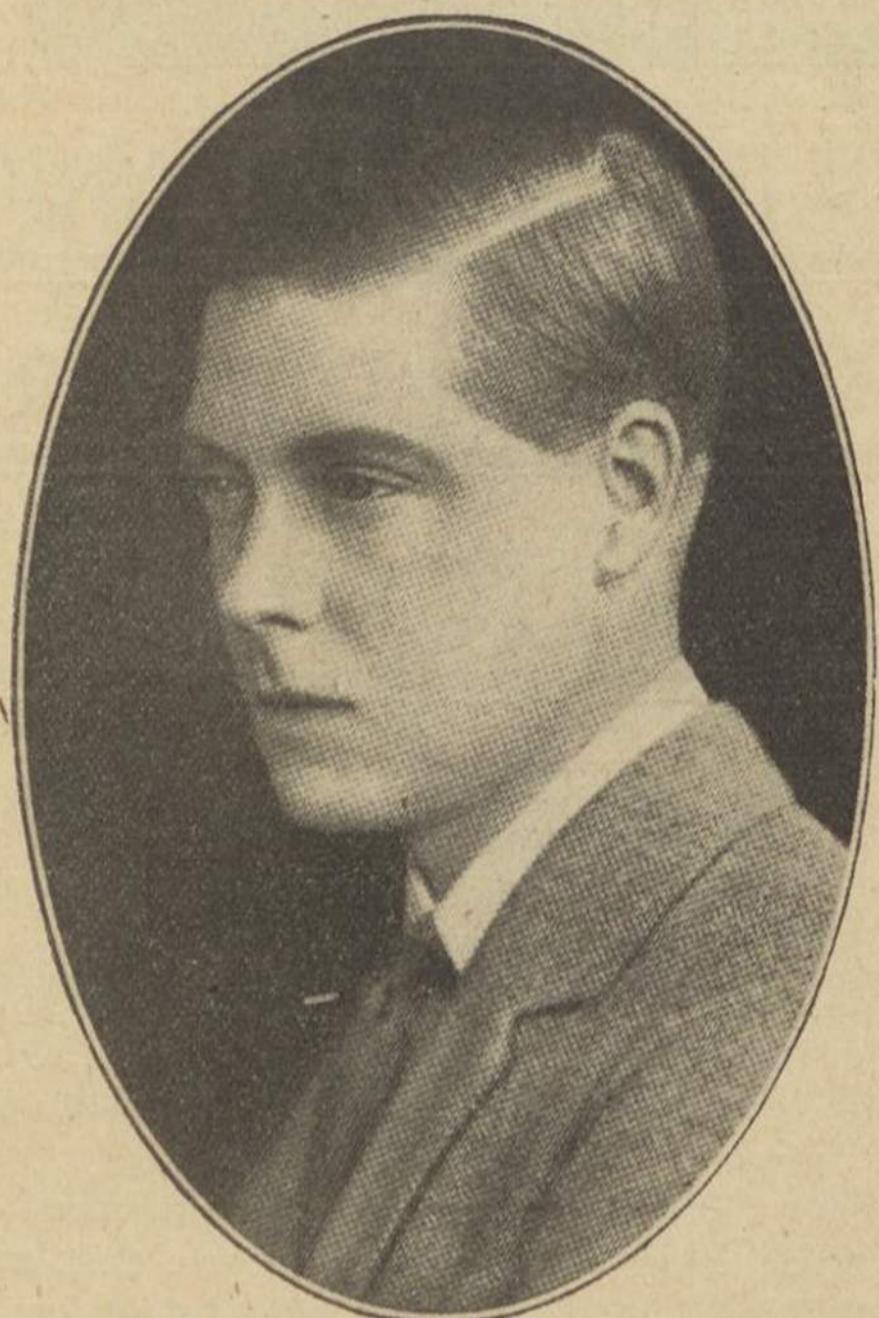
«Quanto à atitude do meu país, os acontecimentos mudam com uma tal rapidez que é difícil fazer vaticínios sobre o futuro. Mas podeis estar certo de que o meu Governo continuará a examinar livre e lealmente, com o vosso embaixador, todos os assuntos que dizem respeito aos interesses das nossas duas nações».

Quando a resposta de Jorge V, que não podia ser outra, foi recebida em Paris, já as tropas germânicas haviam transposto a fronteira francesa, iniciando assim as hostilidades.

DURANTE OS QUATRO ANOS DE GUERRA

No dia em que, pouco tempo depois, o Governo britânico, perante a violação da neutralidade belga, julgou do seu dever intervir no conflito, com todo o peso do poder imperial, o rei, fiel aos compromissos nacionais e às indicações da opinião pública, não consentiu que os laços de família ou quaisquer sentimentos pessoais impedissem a Inglaterra de cumprir dignamente o seu dever.

Na tarde da declaração de guerra da Grã-Bretanha à Alemanha, 4 de Agosto de 1914, uma multidão entusiasta juntou-se em frente do palácio real; durante quatro horas, os gritos e os cantos patrióticos sucederam-se ininterruptamente, até que Jorge V, acompanhado por toda a família real, apareceu a uma das janelas, recebendo uma ovacão indescritível. A Inglaterra ia mais uma vez cumprir o seu dever.



O REI EDUARDO VIII

Muitas vezes se tem posto o problema de saber que atitude teria assumido, nesse momento histórico, o rei Eduardo VII, se ainda fosse vivo. O próprio monarca falecido agora acentuava que a sua resposta a Poincaré — *my wretched letter* — como ele costumava dizer, não contribuiria para esclarecer o horizonte internacional nestas horas perturbadas. Mas a sua resposta foi feita inteiramente de acordo com o Governo e refletia as próprias dúvidas que alanceavam a opinião pública britânica. Jorge V, escrevendo-a, cumpria escrupulosamente os seus deveres de rei constitucional. Seu pai, com o poder de persunção que todos lhe reconheciam e um conhecimento superior dos homens e da História, poderia talvez ter influenciado um ou outro membro do Governo (então muito dividido) mas não teria, por certo, alterado o curso dos acontecimentos, condicionado pelas reacções de uma opinião pública soberana e senhora dos seus destinos. Isso mesmo reconhecem os mais calorosos panegiristas do rei Eduardo, que, pela sua ação diplomática clavidente, preparou a derrota dos impérios centrais.

Em Julho de 1915 o rei Jorge V recebeu em Londres a visita de Poincaré, eleito pouco antes para a Presidência da República francesa, tendo retribuído essa visita com uma viagem a Paris, em Abril de 1914.

Como prova da amizade franco-britânica, Jorge V ofereceu a Poincaré os famosos medalhões que, representando cenas da vida de Luiz XIV, ornamentavam a estátua do rei Sol e se encontravam há mais de um século em Inglaterra.

No discurso que por essa ocasião pronunciou, durante o banquete que lhe foi oferecido no Eliseu, Jorge V, ainda além do formulário diplomático e protocolar, pronunciou palavras que constituíam uma franca apologia da amizade entre os dois países.

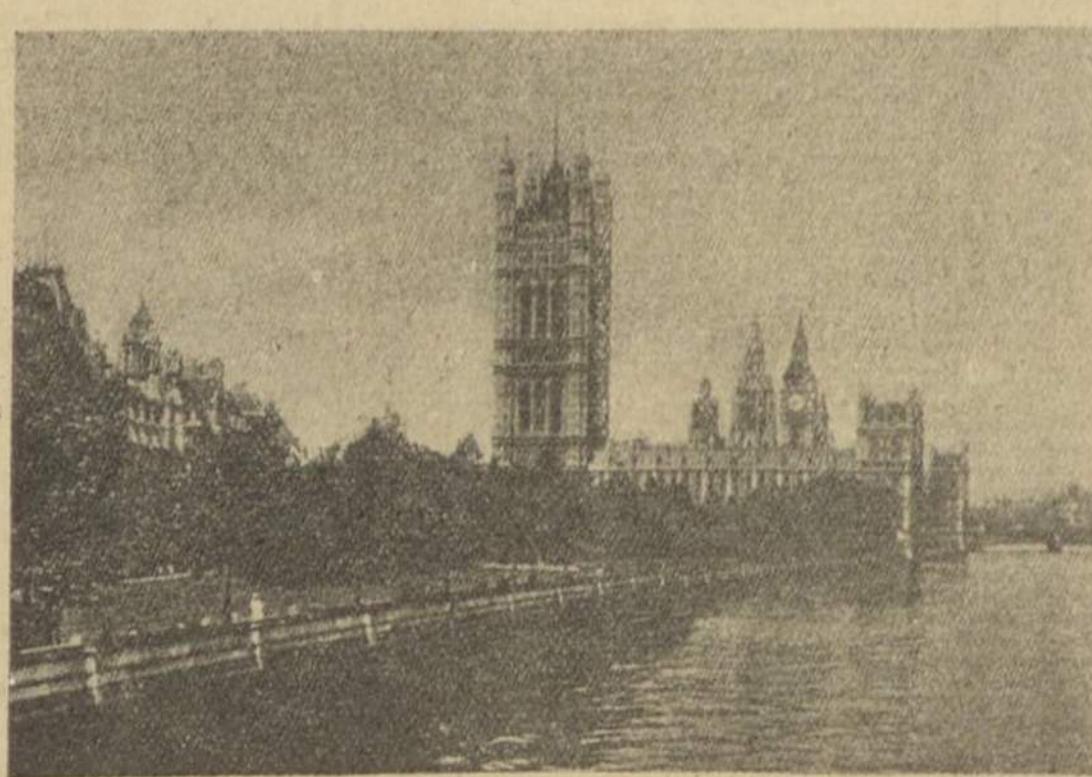
Foi por ocasião dessa viagem, em que o rei se fez acompanhar de sir Edward Grey, que se iniciaram, por intermédio da França, que se iniciaram por intermédio da França, as negociações para um acordo naval anglo-russo, o qual devia precipitar com a desconfiança crescente da Alemanha, a declaração de guerra.

Depois de abertas as hostilidades, o rei Jorge V, com uma justa compreensão dos seus deveres, iniciou a tarefa exaustiva de assistir os seus compatriotas que se batiam, só a dando por terminada no dia em que a vitória sorriu aos exércitos aliados.

Durante quatro anos, incansavelmente, inspecionou regimentos que partiam para a frente de batalha, visitou ambulâncias e hospitais, presidiu a cerimónias patrióticas e condecorou heróis que se batiam pela causa aliada.

Enquanto Kitchener nomeado ministro da Guerra, preparava mitagrosamente um corpo expedicionário de um milhão de homens, Jorge V visitava com freqüência o seu exército, instalando-se por vezes, durante dias no Quartel General.

A mocidade inglesa vestia-se de «kaki», para responder à ofensiva do imperialismo germânico; o rei, aclamado em todos os pon-



O Parlamento Inglês

tos onde aparecia, continuava a ser o símbolo vivo da grandeza e da unidade do Império.

Numa dessas visitas à «frente» inglesa, o rei encontrou-se, em 1 de Dezembro de 1914, com o Presidente Poincaré, tendo-lhe explicado, então, os motivos por que lhe escrevera a famosa carta, acrescentando que a Inglaterra, envolvida na luta, prosseguiria, sem desfalecimentos, até à vitória final.

Durante todo o período da guerra, Jorge V dedicou também uma especial atenção à Armada britânica, visitando freqüentemente bases e unidades navais. Quando as esquadras deixaram as águas inglesas, a caminho da Jutlândia, para se defrontarem com a Armada alemã, o rei fez expedir para bordo do «Iron Duke» um rádio de saudação ao almirante Jellicoe, em que manifestava a sua convicção de que os marinheiros «continuariam a merecer bem a confiança do Império e a honrar as gloriosas tradições da Inglaterra».

Quando as esquadras regressaram vitoriosas, Jorge V discursou em Portsmouth, a alguns milhares de marinheiros combatentes, afirmando-lhes que «todos haviam cumprido nobremente o seu dever, honrando a Pátria».

DEPOIS DA GUERRA

Quinze dias depois de concluído o Armistício, a 26 de Novembro de 1918, o rei fazia a sua grande visita oficial a Paris, consagrando, por entre as intermináveis manifestações da população, a vitória final dos Aliados. Ele próprio tinha a consciência de haver cumprido exemplarmente o seu dever durante as hostilidades, como em todas as circunstâncias da vida, e podia dizer desafogadamente ao embaixador americano Walter Page:

«Sabendo as dificuldades que rodeiam um monarca constitucional, eu dou, todas as manhãs, graças ao Senhor por me ter poupad o trabalho de ser rei absoluto».

Depois da guerra, o rei tem sabido conduzir os negócios do Império no sentido da rápida reconstrução económica, destruindo os malefícios efeitos e as dolorosas recordações que o grande conflito deixou por todo o Mundo.

Os seus últimos discursos proferidos, quando da abertura da 1.ª Conferência Naval e por ocasião da reabertura e encerramento do Parlamento, são modelos de um alto senso político, de um acrisolado amor patrio e de um especial sentido das realidades políticas.

Quando do encerramento do Parlamento, há dois meses, Jorge V não deixou de acentuar a sua discreta censura à atitude assumida pela Itália em África.

A última vez que o falecido rei discursou foi em 25 de Dezembro último, quando dirigiu, pela T. S. F., a saudação do Natal a todos os ingleses espalhados pelo Mundo.

No meio de uma cerimónia monumental a que assistiram milhares de pessoas e várias entidades militares com perto de 6.000 homens deu-se a proclamação da subida ao trono do novo rei Eduardo VIII que foi lida em todas as capitais e cidades do Império Britânico. O facto deu lugar a diversas manifestações de lealdade à Coroa Inglesa.

Em Singapura a proclamação foi lida pelo Governador Geral, perante uma enorme multidão. Aquela foi depois traduzida em diferentes línguas e dialectos asiáticos. Depois da leitura, as tropas desfilaram pelas ruas da cidade.

Em Gibraltar milhares de pessoas escutaram a leitura da proclamação feita pelo Chefe da Justiça do Rei.

Em nova Delhi e em todas as cidades da Índia, a leitura da proclamação foi motivo de grandes manifestações à Coroa Britânica. Depois de uma salva de 100 tiros de canhão, o Vice-Rei assistiu a um desfile compreendendo todos os chefes militares e todos os altos funcionários administrativos.

O texto da proclamação da subida ao trono do rei Eduardo VIII, lida no Palácio de Saint James, no Templo de Charing-Cross e na Bolsa de Valores, é o seguinte:

— «Por isso que Deus Todo-Poderoso quis chamar á sua Divina Presença o soberano e Lord rei Jorge V, cuja memória é para nós bendita e gloriosa, e que por

sua morte a Coroa Imperial da Gran-Bretanha e Irlanda e a de todos os Domínios de Sua Majestade pertence unicamente e normalmente ao príncipe Eduardo Alberto Cristiano George André Patrick Davis.

Nós, Lords temporais e espirituais d'este Reino, auxiliados pelos membros do Conselho Privado do falecido soberano e por outros gentishomens e por todos os cidadãos britânicos, consentimos por unanimidade proclamar que o todo poderoso príncipe Eduardo Alberto passe a ser, em virtude da morte do nosso soberano de gloriosa memória, o nosso único e legal soberano sob o nome d' Eduardo VIII da Gran-Bretanha Irlanda, dos Domínios Britânicos d'Alem Mar, Rei defensor da Fé e Imperador das Índias, pela Graça de Deus, a quem devemos fidelidade e obediência, imploramos a Deus, pela graça da qual reinam todos os Reis e Rainhas, que lance a sua benção ao nosso Rei Eduardo VIII e que faça com que o seu reino se mantenha por longos e felizes anos».

NOTAS BIOGRÁFICAS DO REI EDUARDO VIII DE INGLATERRA

O primogénito do Rei Jorge V e da Rainha Maria, nasceu em 1894 — quando seus pais eram ainda duques de York — em White Lodge (Richmond Park), no dia 23 de Junho de 1894, e foi baptizado 23 dias depois com os nomes de Eduardo Alberto Cristiano Jorge André Patrício David.

Em 1902 foi nomeado seu preceptor H. P. Hausei e com ele viveu o pequeno príncipe até agosto de 1914. De 1902 a 1907 foi o príncipe preparado para a Armada Britânica e em 1907 passou a residir no palácio real de Osborne (ilha de Wight), onde permaneceu durante dois anos, antes de ser inscrito no Royal Naval College, de Dartmouth. O seu primeiro serviço como cadete de marinha foi apresentado em Março de 1917, ao maior e ao munício, o remo que estas entidades outrora haviam possuído como símbolo do bailiado sobre as águas de Dartmouth.

Terminada a sua instrução em Dartmouth (Junho de 1911), foi armado cavaleiro da Jarreteira e em 13 de Julho criado príncipe de Gales e conde de Chester; seu pai acabava de suceder a Eduardo VII. Ao mesmo tempo era-lhe concedido o título de Duque de Cornwall.

A investidura na dignidade de Príncipe de Gales realizou-se com grande pompa no palácio de Carnavou. O príncipe dirigiu ao seu povo uma interessante alocução em «welsh». Foi a primeira vez que o titular do Principado se dirigiu aos habitantes de Gales no seu idioma.

Promovido a guarda-marinha, o Príncipe entrou no «Hindustan», onde serviu três meses.

Na primavera de 1912, esteve 5 meses em Paris, como hóspede do marquês de Breteuil. Durante este período foi instruído pelo sr. Mauricio Eschouffier na história e língua francesa.

Em Outubro do mesmo ano entrou no Magdalena College, em Oxford, onde teve como escudeiro o major William Cadogan, do 10º regimento de «hussars». Ali conviveu com a maior simplicidade com os seus camaradas, tomando parte em todos os actos da vida escolar oficial e extra-oficial, especialmente nos jogos desportivos.

Dormia na camarata comum e comia no refeitório universitário ou em qualquer dos clubes académicos, sem tomar nunca atitudes diversas da dos seus camaradas. Passava as suas férias em viagens pela Europa. Visitou a Alemanha em 1912 e 1913, a Dinamarca e a Norega em 1914.

DURANTE A GRANDE CONFLAGRAÇÃO EUROPEIA

Quando rebentou a guerra, em Agosto de 1914, tinha o Príncipe concluído o seu curso universitário. Cinco dias depois de começar a guerra estava alistado nos «Grenadier Guards» e em 11 de Agosto entrou no acampamento do 1.º batalhão, em Wasey Barracks (Essex). Em Novembro foi nomeado ajudante do general Sir John French, comandante das forças expedicionárias inglesas em França. Partiu imediatamente para a França e entrou a fazer serviço no quartel-general inglês de Saint Omer. Durante os 18 meses subsequentes serviu com o corpo expedicionário na Flandres e percorreu várias vezes a linha de combate. Esteve primeiro adido à segunda Divisão, sob o comando do Sir H. S. Horne, depois ao 1.º Corpo de Exército, comandado por Sir Charles Moore e por fim as Divisões da Guarda, sob o comando do Conde de Cavan.

Em Março de 1916 foi nomeado para o Estado Maior do general

comandante das forças expedicionárias do Mediterrâneo e partiu imediatamente para o Egito. No regresso visitou o quartel general italiano em Udine e nos meados de Junho regressou às linhas britânicas em França. Foi adido ao XIV Corpo de Exército na Flandres em França. Depois partiu com estas forças para a Itália (Outubro de 1917) e permaneceu na Frente até Agosto de 1918. Por essa ocasião fez uma visita semi-oficial a Roma. Depois regressou a França e foi adido ao Corpo Canadiano, em que serviu até ao Armistício.

Nestas visitas aos diversos pontos do globo onde a Inglaterra defendia os interesses comuns dos Aliados e a grandeza e prestígio do Império, o Príncipe de Gales soube inculcar coragem a todos, tornando-se simpático pela participação nos riscos e trabalhos comuns e aparecendo aos «Tommies» com a personalização da Inglaterra, que estava sempre presente com os que defendiam e firmavam o seu Império no Mundo. A popularidade que o Príncipe adquiriu nessa ocasião foi enorme.

Depois do armistício permaneceu algum tempo com o Corpo expedicionário australiano, na Bélgica e em seguida visitou o exército de ocupação no Reno, passando alguns dias com a Divisão de Nova Zelândia e fazendo uma breve visita ao general Pershing, no quartel-general americano de Coblenz.

VISITANDO O IMPÉRIO

Regressando à Inglaterra em Fevereiro de 1919, o Príncipe tomou imediatamente as suas funções oficiais, que durante a guerra não pudera desempenhar. Em 29 de Maio foi recebido como cidadão de Londres. Em 5 de Agosto começou a visita ao Império, embarcando no «Renown» em direcção à Terra Nova e ao Canadá, aonde chegou em 15, desembarcando em S. João (Novo Brunswick). Foi a primeira vez que o herdeiro do Império pisou a terra daquela riquíssima parte do mundo, uma das joias mais preciosas da Coroa Imperial. Visitou todo aquele grande Domínio e em 10 de Novembro deixou a terra canadense para ir a Washington, para fazer uma breve visita oficial ao presidente dos Estados Unidos. Esteve em Nova Iorque e depois de numerosas recepções e festas, partiu para Halifax, onde se despediu do Canadá, regressando à Inglaterra. Desembarcou em Portsmouth em 1 de Dezembro.

Pouco tempo se demorou na metrópole do Império. Em 16 de Março de 1920 o «Renown» partiu para a Nova Zelândia e para a Austrália, levando o herdeiro do Império. O grande barco de guerra fez escala por Bridgetown (Barbados), transpôs o Canal do Panamá, visitou S. Diego (Califórnia) Honolulu e Fiji e em 24 de Abril, após um percurso de 14.000 milhas, aportava em Auckland. Um mês se demorou o Príncipe na Nova Zelândia, visitando toda a ilha, e em 26 de Maio desembarcava em Melbourne. Depois de visitar todos os estados do «Com-

monwealth» embarcou em Sidney, no dia 19 de Agosto. Na viagem de regresso parou em Fiji, Honolui e Acapulco e depois de transpor outra vez o Canal do Panamá, demorou-se três semanas nas Indias Ocidentais. Em 11 de Outubro o «Renown» entrava na baía de Portsmouth.

O Príncipe teve então algumas semanas de férias, que passou em caçadas e, passado o Natal, retomou as funções do seu alto cargo. O primeiro semestre de 1921 passou-o em Londres, com os intervalos para breves visitas a Oxford, Cambridge, Glasgow, Clyde, as suas propriedades no Devon, em Cornwall e na ilha de Scilly, Cardiff, Newport e Bristol.

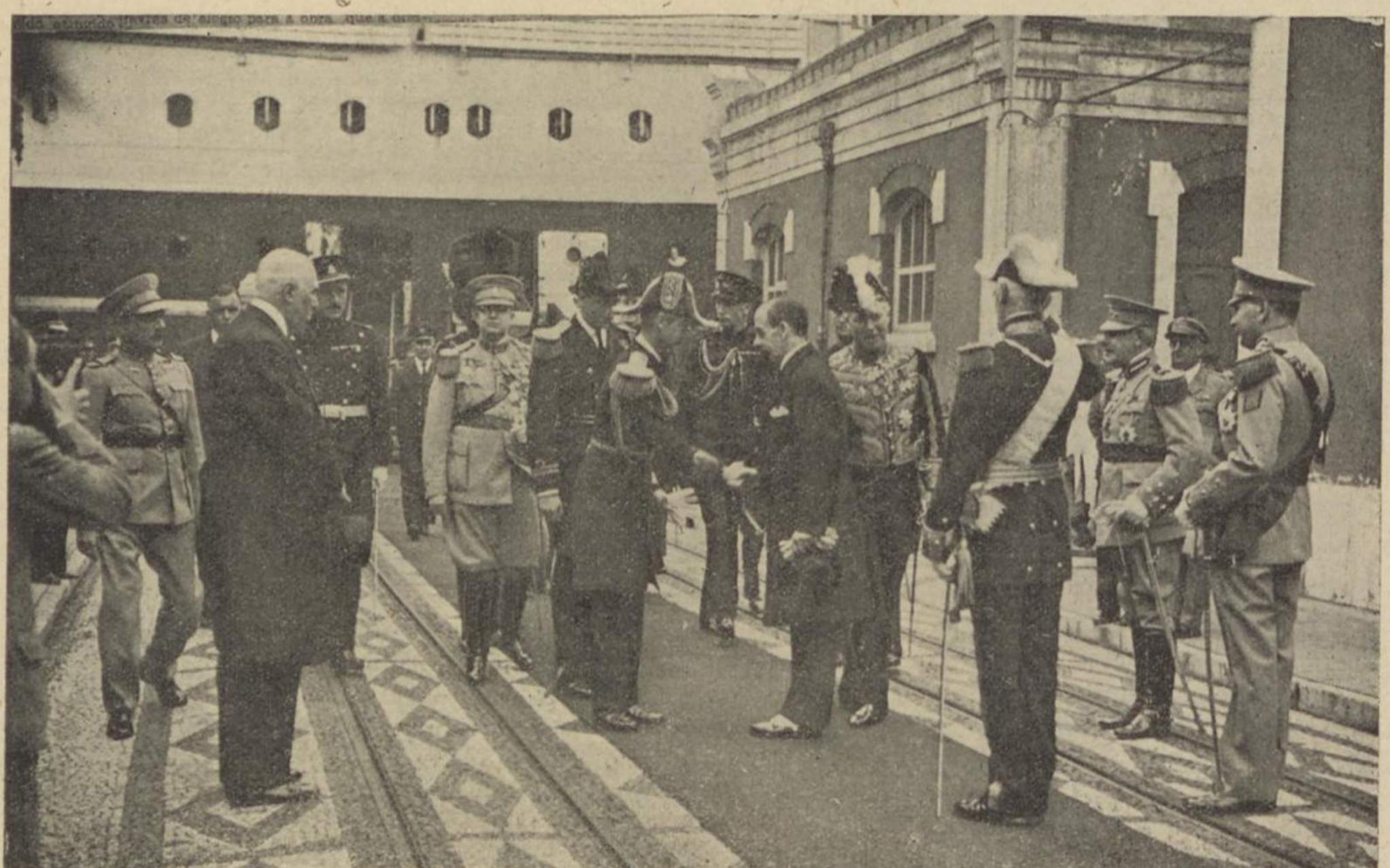
Em 26 de Outubro embarcou novamente no «Renown» para a India. De caminho visitou Gibraltar, Malta (onde abriu o primeiro parlamento maltês) e Aden. Chegou a Bombaim em 17 de Novembro. Depois de algumas semanas na India, embarcou em Calcutá para Rangoon, visitou Mandalay e Madras. Por ocasião da sua visita houve certa agitação nativista e chegou a haver alguns distúrbios em Bombaim, mas foram rapidamente reprimidos, sem consequências. Em toda a parte a recepção foi esplêndida, embora os swarajistas conseguissem num ponto ou outro persuadir a população a permanecer dentro das suas casas e alhear-se das manifestações.

Em 14 de Fevereiro o Príncipe recebeu uma mensagem do parlamento indiano. Depois de visitar a fronteira noroeste, um dos pontos sempre agitados do Império, embarcou em Karachi no dia 7 de Março para o Japão, aonde chegou em 12 de Abril, depois de ter visitado Colombo, Port Swettenham, Singapura e Hong Kong. Demorou-se no Império do Sol Nascente até 9 de Maio e na viagem de regresso visitou Manila, Borneo, Penang e o Cairo, chegando a Portsmouth em 20 de Junho.

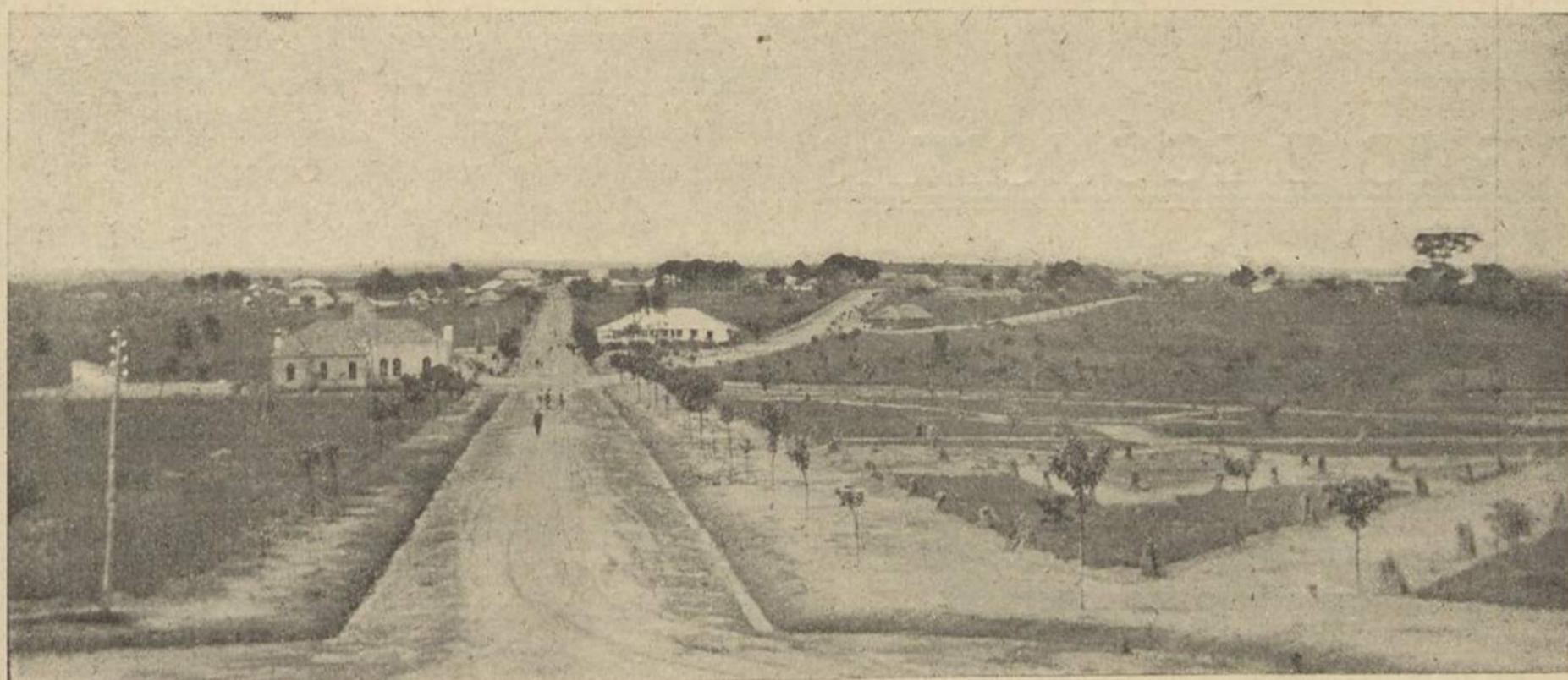
Em Abril de 1923 visitou Bruxelas para presidir à inauguração do monumento da Gratidão Inglesa. Visitou também a seguir os campos de batalha da Flandres e do Norte da França.

Nos anos de 1925 e 1924 visitou várias localidades e zonas industriais, interessando-se pela situação da indústria e pelas condições de vida dos trabalhadores: West Yorkshire, Birmingham, Newcastle-on-Tyne, Nottingham, North Wales, Dundee, etc. Ficou célebre a sua visita à região mineira e a advertência, que então fez aos patrões.

Em 28 de Março de 1925 recomeçou as suas viagens no «Repulse». Visitou as colónias da África Ocidental e a União Sul-Africana. Aportou em Bathurst e tocou em Gâmbia, Serra Leoa, Costa do Oiro e Nigéria. Saindo de Lagos em 22 de Abril, chegou a Cape Town em 30 e visitou não só os centros urbanos, mas também o «hinterland» e numerosas povoações indígenas.



EDUARDO VIII quando Príncipe de Gales recebendo as saudações do Governo Português ao desembarcar da sua visita a Lisboa



VISTA PARCIAL DA VILA DE MAQUELA DE ZAMBO

ao VII aéreo

A CONCLUSÃO DO CRUZEIRO AÉREO ÁS COLÔNIAS

Continuamos hoje a fazer o relato da viagem que os aviadores portugueses estão fazendo às Colónias Portuguesas.

No último número haviam os componentes do Cruzeiro Aéreo às Colónias chegado a Benguela no dia 14, partindo a 15 de manhã, para Nova Lisboa, a 400 quilómetros, fazendo uma aterragem esplêndida. O regosijo foi enorme pois não há memória de dia tão festivo. No aeródromo de Nova Lisboa não se dava, há muitos anos a aterragem de qualquer aparelho, pois este construído quando o sr. General Norton de Matos era governo, não mais funcionou.

A caminho de Lourenço Marques, os oito aviões seguiram no dia 18 o itinerário de ligação entre Angola e Moçambique estabelecido em 1930 por uma comissão que esteve em Nova Lisboa, constituída pelos srs. maiores Sintra e Pinho da Cunha, comandantes Ortins Bettencourt e o malogrado capitão Avelino de Andrade e um engenheiro francês. Também na sua viagem a Moçambique, os srs. capitães Pais Ramos e Oliveira Viegas passaram pelo mesmo aeródromo chegando a Vila Luso (México).

Para satisfazer um pedido de Vila Teixeira de Sousa, reuniram-se os Comandos do cruzeiro que deliberaram aceder à representação que lhes foi feita para uma visita ali visita esta que foi feita no dia 19.

E assim foi alterado o percurso estabelecido para a viagem, pois a etapa prevista era Elisabethville. A Vila Teixeira de Sousa, que é um centro comercial importante, fica na região do Dilolo, a pouca distância

de Vila Luso, e é servida pela estação do caminho de Ferro de Benguela, última em território de Angola, na linha Lobito-Katanga. O campo de aviação encontra-se a SE da vila, junto à povoação, e a 12 quilómetros da fronteira do Congo Belga.

No dia 21 a esquadilha partiu com destino a Elisabethville, não o fazendo na véspera em virtude das condições atmosféricas o não permitirem.

O sr. tenente-coronel Ribeiro da Fonseca viu-se logo obrigado a abandonar os seus camaradas do Cruzeiro, aos quais só acompanhava, desde há dias, com grande dificuldade, pelo facto de ter sido atacado pelas febres, durante a travessia da África Equatorial francesa. Em manifesta inferioridade física, aquél oficial, persistiu, porém, em continuar a viagem. Infelizmente um acesso mais violento de febre atacou o ilustre aviador e os médicos aconselharem-lhe o abandono imediato da viagem, a que ele teve de submeter-se, contrariadíssimo.

No dia 22, o sr. tenente-coronel Ribeiro da Fonseca seguiu no combóio, para o Lobito, onde aguardará um paquete com destino a Portugal.

A aterragem em Elisabethville foi feita às 15 horas no aeródromo local, depois uma viagem bastante tormentosa, e aqui se demorou até 23 partindo para Broken Hill, na Rodesia, primeira terra inglesa do percurso, onde não houve festejos em homenagem aos aviadores, pelo luto que ali reina pela morte do Rei de Inglaterra Jorge V.

No dia 24, o cruzeiro partiu às 8 horas para Tete,

Á TABELA

TURISMO E ECONOMIAS

SIMULTANEAMENTE com os preparativos para o recente Congresso de Turismo chegava-nos a notícia que os rápidos do Pôrto iam voltar a ser em dias alternados. Por um lado *turismo*. Por outro *economias*.

Talvez os rápidos do Pôrto não tenham realmente nada que ver com o turismo, mas de facto podem tirar-se deduções do seu desaparecimento parcial.

Para desenvolver o turismo é preciso *bom senso*, mas também dinheiro. Obras, principalmente estradas, bons combóios e bons hoteis. Para montar esta máquina que produzirá riqueza para o país, é preciso dispender dinheiro, muito dinheiro.

E falando em dinheiro vem a análise do panorama financeiro do momento: e esse panorama mostra-se por tôda a parte o mesmo: *economias*.

Economia o particular, restringe os seus vôos ao estrangeiro e até mesmo os seus passeios dentro da sua pátria: é ver a supressão do mísero rápido diário entre as duas primeiras cidades do país.

Economia o nacional porque as circunstâncias o obrigam a isso, mas economisa também o estrangeiro porque raros são os países onde o desafogo da vida tenha aumentado. Até os países que vivem do turismo se queixam da diminuição das suas receitas, diminuição que chega a causar pânico nos orçamentos governamentais.

Em Portugal, na realidade, o número dos que em caravana nos visitam — Lisboa em 12 horas — tem aumentado em grande proporção. Mas, o ponto de referência era o *zero* quase absoluto, e por isso todos os cálculos das probabilidades... da incomensurável fonte de receita do turismo, partiam de base errada.

Há nêste belo campo da campanha pró-turismo, pelo menos um lado pelo qual só o país tem a ganhar: é no que os nacionais aproveitam de se lhes arranjar as estradas, ter bons hoteis, enfim a limpeza necessária para mostrarmos uma face civilizada aos que hão-de vir.

Podem não ser muitos, não ser aquela avalanche que há-de enriquecer as mil pequeninas indústrias que vivem do estrangeiro em viagem, mas basta que sejam alguns e êsses alguns reconheçam que temos civilização, — combóios, estradas, água bôa, hoteis, petiscos nacionais — de preferência às vielas clássicas da Alfama e ao fado da tradição com pulgas grátils aos ouvintes, basta meia duzia a gozar o que se crie na miragem do dilúvio de ouro, para que se justifique e aplauda a congregação de esforços em prol do *turismo*, transformados em esforços em prol da *Civilização*.

Quanto aos *rápidos do Pôrto*, suprimidos... são um sintoma da penúria nacional, sinal dos tempos, igual aliás para todos, e em tôdas as terras, mas que é bom de recordar na hora dos eternos projectos e das visões grandiosas.

ARMANDO FERREIRA
(que também podia assinar)

VELHO DO RESTELO

em Moçambique, que fica a 605 quilómetros de Broken Hill, onde chegaram às 12 horas.

Desde que os aviões saíram da Amadora, a 14 de Dezembro, percorreram as seguintes etapas:

| | |
|--------------------------------------|---------|
| Amadora-Casablanca | 790 km. |
| Casablanca-Cabo Juby | 935 " |
| Cabo Juby-Port-Etienne | 950 " |
| Port-Etienne-Dakar | 800 " |
| Dakar-Bolama | 400 " |
| Bolama-Kayes (só a segunda patrulha) | 600 " |
| Kayes-Bamako (só a segunda patrulha) | 500 " |
| Bamako-Ouagadougou | 700 " |
| Ousgadougou-Niamey | 600 " |
| Niamey-Zinder | 700 " |
| Zinder-Fort Lamy | 600 " |
| Fort Lamy-Fort Archambault | 500 " |
| Fort Archambault-Bangui | 600 " |
| Bangui-Coquilhatville | 650 " |
| Coquilhatville-Leopoldville | 700 " |

| | |
|--|----------|
| Leopoldville-Luanda | 600 km. |
| Luanda-Benguela | 460 " |
| Benguela-Nova Lisboa | 400 " |
| Nova Lisboa-Vila Luso | 460 " |
| Vila Luso-Teixeira de Sousa-Elisabethville | 900 " |
| Elisabethville-Broken Hill-Tete | 820 " |
| Hille-Tete Tete-Beira | 430 " |
| Tete-Beira Inhambane | 350 " |
| Inhambane-Lourenço Marques | 400 " |
| Total | 14.845 " |

No dia 25, partiram às 8 horas da manhã de Tete para Beira os 8 aviões do Cruzeiro, chegando às 10,45 (hora local) aterrando normalmente, e no dia 28 chegaram a Inhambane às 8,15.

Finalmente a esquadilha do Cruzeiro Aéreo ás nossas Colónias concluiu a sua viagem num percurso de 14.845, aterrando em Lourenço Marques no dia 29, às 10 horas, no campo de aviação.

A COMPANHIA

DOS

CAMINHOS DE FERRO

DO

NORTE DE PORTUGAL

A SUA RECONSTITUIÇÃO FINANCEIRA

Pelo Eng.^o J. FERNANDO DE SOUZA

A Gazeta tem acompanhado com o interesse que merece o estranho caso da Companhia do Norte de Portugal, cujos corpos gerentes foram suspensos há quase dois anos e meio das suas funções por um decreto e substituídos por uma comissão administrativa delegada do Governo.

Por várias vezes transcrevemos artigos do jornal A Voz que esclarecem o assunto.

O mesmo faremos ao artigo que segue e que é acompanhado de exposição feita em meados de Julho (há 6 meses) ao Presidente do Ministério pelos corpos gerentes sem lograr qualquer resposta.

É um documento de alto valor que dispensa comentários.

Tenho versado vezes sem conta os assuntos conexos da situação anormal em que essa Companhia se encontra, mercê do D. n.^o 22.951 publicado vai para 28 meses. Importa relembrar que, entre as atribuições conferidas pelo decreto à Comissão administrativa e de inquérito, delegada do Governo, por esse diploma criada, figura o seguinte — além da elaboração e proposta, até 6 de Fevereiro de 1934, de um projecto de convenção com os credores —:

Art. 2.^o n.^o 2 — Elaborar e propor ao Governo e à assembléia geral, tendo em atenção a maior reciprocidade de interesses e as possíveis condições de reorganização da Companhia, a modificação, condicionamento, substituição ou eliminação de qualquer das cláusulas das concessões de que esta é beneficiária, bem como a introdução de novas cláusulas ou a rescisão de qualquer das concessões.

N.^o 3.^o — Submeter à assembléia geral, depois de aprovado pelo Ministro das Obras Públicas o projecto de modificação dos estatutos, que as condições de reorganização da Companhia impuzerem.

A Comissão tem pois faculdades descrecionárias de proposta ao Governo para a reorganização da

Companhia, remodelação das suas condições e estatuto. Mas essas propostas depois de aprovadas pelo Governo, têm que ser submetidas ao exame da Assembléia Geral.

Estatue o art. 4.^o:

Art. 4.^o — Enquanto subsistir a Comissão administrativa, a assembléia geral não poderá reunir nem deliberar, senão quando aquela a convocar para os efeitos exclusivos da convocação.

Importa ainda recordar outros preceitos do decreto, que dâvemos ter presente:

Art. 3.^o — A comissão administrativa cessa as suas funções imediatamente depois de regularizada a situação financeira da Companhia.

Art. 4.^o — A partir da data deste decreto e enquanto não cessarem as funções da Comissão Administrativa, não poderá ser decretada a falência da Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal, nem ser proposta ou ter seguimento qualquer execução contra ela.

Assim, pois, dos preceitos citados resulta:

1.^o — A apresentação ao Governo, pela Comissão, no prazo de 6 meses, de um projecto de acordo com os credores para ser por aquele aprovado;

2.^o — A apresentação ao Governo e à Assembléia Geral em prazo indeterminado do projecto de reorganização da Companhia e remodelação das suas concessões, sem ficar definido o procedimento que se deva seguir se há discordância entre o Governo e a Assembléia Geral;

3.^o — É impossível qualquer remodelação financeira ou administrativa da Companhia sem audiência da Assembléia;

4.^o — As funções da Comissão só terminam depois dessa regularização;

5.^o — Só depois de terminarem as funções da Companhia pode ser decretada a sua falência ou dado seguimento a qualquer execução.

* * *

Convém lembrar que à data da aparição do decreto estava convocada a Assembléia Geral para apreciar uma proposta financeira que implicava o pagamento integral aos credores e a conclusão do trôço da Boa Vista à Trindade e outros melhoramentos, mediante a colocação das acções em carteira e da conversão das obrigações cuja taxa de emissão diferia muito da que resulta das condições actuais do mercado.

Não foi consentida a reunião e por isso a proposta ficou sem resolução.

Há meses foi renovada perante os corpos gerentes suspensos, que não podiam dar-lhe seguimento sem saberem se o Governo estava de acordo.

Foi isso apresentada em 16 de Julho último uma

exposição a que nos temos referido por várias vezes e que importa publicar na íntegra, pois é um documento elucidativo, que mostra a possibilidade de dar aos credores não 35 %, como lhe foi oferecido há meses, nem mesmo 50 %, como a um foi proposto, mas a totalidade dos seus créditos.

Segue o documento que está pendente de decisão governamental e é por enquanto simples *memorandum* de uma corporação por enquanto suspensa.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO DO NORTE DE PORTUGAL

Fez no dia 5 de Agosto dois anos que o "Diário do Governo" publicou o Decreto número 22.951, que suspendeu a Administração da Companhia do Norte, nomeando para a substituir a actual Comissão Administrativa.

Esse mesmo diploma estabelecia, entre outras obrigações, a de a mesma Comissão Administrativa apresentar, no prazo máximo de seis meses, um projecto de acordo com os credores. Decorreram vinte e três meses sem que a mencionada Comissão Administrativa nada conseguisse a tal respeito. Sabe-se, apenas, que fôram tentadas negociações com os credores, por meio de cartas circulares, oferecendo-se-lhes 35 % dos seus créditos e mais uma percentagem sobre o produto líquido de uma operação financeira que a Companhia iria realizar, mas que se não diz qual seja, nem em que condições é efectuada.

Ora a Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal não carece de sacrificar os credores para resolver definitivamente a crise que temporariamente a afectuou.

Ao contrário: pelos seus próprios meios está habilitada a reembolsa-los por inteiro e a concluir ao mesmo tempo todos os trabalhos e construções interrompidas.

Ao Estado também a Companhia não pede qualquer sacrifício, nem mesmo qualquer vantagem nova. Basta que lhe seja permitido levar a efeito a conversão das suas obrigações, emitidas às taxas de 9 e 7,5 %, noutra à taxa uniforme de 5 %, operação que em nada prejudica os interesses dos portadores dos títulos e que apenas representa a aplicação, a uma empresa de utilidade pública, dos processos que o Estado adoptou, com tão grande êxito e vantagem, na conversão de parte dos seus títulos.

Efectivamente, mal se explica que hoje, quando a taxa de juro baixou de maneira sensível e os juros dos Empréstimos do Estado desceram a 4 %, se mantêm títulos garantidos com o juro de 9 e 7,5 %, que apenas se justificavam na época em que fôram emitidos pela Companhia.

Feita a conversão e colocadas as 41 mil acções próprias, que a Companhia tem em carteira, a um preço não inferior ao nominal, fica a Companhia do Norte habilitada a:

— concluir em poucos meses a linha da Boavista à Trindade;

— pagar integralmente aos seus credores:

— levar a efeito, com o saldo restante, vários melhoramentos nos serviços da Exploração e designadamente adquirir automotoras.

As negociações para a realização de uma operação em bases idênticas estavam quase concluídas quando da publicação do Decreto n.º 22.951 de 5 de Agosto de 1933.

Nesses termos não podiam prosseguir as negociações entabolidas, ficando, porém, nos arquivos da Companhia toda a correspondência que a tal respeito se trocou.

Deve salientar-se que a Companhia do Norte tomou sobre si o encargo não só de unificar a bitola de via das duas linhas, como também o da construção da segunda via entre a Boavista e a Sr.ª da Hora, melhoramentos êsos já concluídos em 1932. E é também de bonderar que a Companhia do Norte é já para o Estado apreciável fonte de receita, pois só de encargos directos contribue anualmente com cerca de 1.400 contos, sem contar com as inúmeras fontes de receita que individualmente, digo, que indirectamente promove e desenvolve.

Tivera sempre a Companhia saldos positivos até à incidência do período agudo da crise. Com esta as suas receitas fôram afectadas, como aliás as de todas as outras empresas congêneres. Todavia, um rigoroso sistema de economias reduziu sensivelmente os seus perniciosos efeitos e, assim, logo no primeiro semestre de 1933 o desequilíbrio das contas quase desapareceu, dando lugar à previsão de que em breve cessariam os "deficits".

Com efeito a Companhia do Norte tem já hoje novamente saldo positivo de Exploração, que muito maior será no dia em que deixar de suportar os pesados "déficits" da linha do Vale do Tamega e conseguir abrir à exploração o troço da Boavista à Trindade, trazendo as suas linhas ao coração da cidade do Porto.

Concluída a operação a que se aludiu, nas bases que a seguir se indicam, fica sendo a Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal a empresa ferroviária de mais largo futuro e mais sólida situação económica e financeira, sem que para tal se tenham de sacrificar os interesses de quem quer que seja:

Efectivamente:

— O Estado não efectuará nenhum novo sacrifício e em compensação vê regularizada em excelentes condições a vida de uma empresa de utilidade pública, com valiosíssimos serviços prestados à região.

— Os credores serão reembolsados por inteiro, restabelecendo-se por essa forma todo o crédito que a Companhia merece.

— Os acionistas verão inteiramente respeitados os seus direitos, como é de inteira justiça, pois é justo não esquecer que na Capital do Norte se acha englo-

bado o das suas Companhias que a precederam e que acrescentaram ao património do Estado 120 quilómetros de linhas construídas há cinquenta anos, sem auxílio do Tezouro, no valor de 3.000 Contos-Ouro, cerca de 70.000 Contos na nossa moeda, que além de terem assegurado sensível aumento da receita de impostos, são factor valioso do desenvolvimento económica regional.

BASES PARA A ORGANIZAÇÃO DA COMPANHIA

BASE I—A reorganização da Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal assentará principalmente na conclusão rápida e imediata da linha da Boavista à Trindade, no pagamento integral aos seus credores e no melhoramento das condições de Exploração.

BASE II—Para conseguir o exposto na Base I, a Companhia carece, unicamente, de se aproveitar dos próprios recursos, sem gravame novo para o Estado nem alargamento das regalias concedidas pelos Decretos n.ºs 12.568 e 12.989, de 29 de Outubro de 1926 e 6 de Janeiro de 1927 e diplomas complementares de 18 de Março de 1929, 7 de Dezembro do mesmo ano e 1 de Fevereiro de 1930.

BASE III—A Companhia do Norte fará a conversão das suas obrigações emitida às taxas de 9 % e 7,5 %, para um tipo único à taxa de 5 %.

Essa conversão será facultativa, isto é, oferecer-se-á aos obrigacionistas o reembolso ao par ou novo título por cada um dos anteriores.

N. B.—Convém não esquecer que nenhum dos portadores adquiriu as actuais obrigações por preço superior ao valor nominal. Ao contrário: parte delas fôram emitidas abaixo do par e até aquelas com que ficou a Caixa Geral de Depósitos fôram tomadas com uma diferença de 12 pontos, para menos.

BASE IV—O Estado para efectivação da operação descrita, não aumentará em caso algum a sua responsabilidade, nem prorrogará o prazo pelo qual foi concedida a Garantia de Juro.

O montante da anuidade teórica de cálculo dessa Garantia, a que se referem os Decretos já aludidos n.ºs 12.568 e 12.988 e o Contrato de 8 de Agosto de 1927 e alterações posteriores, não sofrera qualquer modificação.

BASE V—Serão colocadas as acções em carteira a um preço não inferior ao nominal.

BASE VI—Os credores e fornecedores serão pagos integralmente pela importância real dos seus créditos à data de 5 de Agosto de 1933.

BASE VII—Serão terminados dentro de alguns meses os trabalhos de construção da linha da Boavista à Trindade, cuja exploração provisória se iniciará

imediatamente, sem dependência da construção prévia da estação terminus definitiva.

BASE VIII—Para bôa execução do referido nas anteriores Bases, apenas se pede que o Estado conceda a prorrogação de todos os prazos contratuais por um lapso de tempo igual àquele em que a actual Comissão Administrativa se encontra em funções, acrescido de mais seis meses e se cumpra em tudo o mais o contrato de 8 de Agosto de 1927.

BASE IX—A Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal, por seu turno, continuará a cumprir integral e pontualmente, nos seus precisos termos, o contrato assinado com o Estado, tal como sempre fez até 5 de Agosto de 1933.

BASE X—A Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal prolongará, com os seus próprios recursos, a via dupla da Senhora da Hora a Matozinhos-Leça.

BASE XI—O produto da conversão das Obrigações e venda dos Títulos em Carteira será exclusivamente empregado na conclusão dos trabalhos da linha da Boavista à Trindade e no reembolso integral dos credores.

Constituir-se-á com o saldo restante um fundo destinado a adquisição de automotoras e melhoramento das condições de Exploração.

BASE XII—Serão acordadas com o Estado modalidades de Exploração, pelas quais deixem de estar a cargo da Companhia os "deficits" das linhas do Vale do Tamega, ou seja rescindido, de comum acordo, o respectivo contrato de transferência.

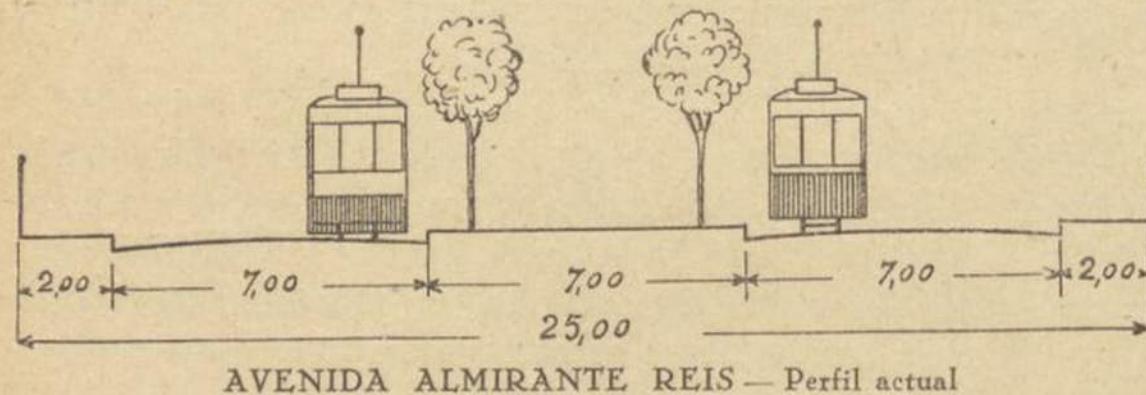
Os saldos negativos, anteriores à data em que tiver lugar esse acordo serão regularizados na mesma ocasião e pela mesma forma, tendo em atenção o contrato em vigor.

BASE XIII—A economia da operação descrita, em numeros redondos e aproximados, será a seguinte:

| | |
|---|---------------|
| Produto líquido da conversão das Obrigações, deduzidos todos os encargos bancários e outros | 12.000 contos |
| Produto líquido mínimo da venda ao par das Acções em Carteira | 4.100 " |
| Total | 16.100 contos |

| | |
|---|---------------|
| Conclusão das obras da Boavista à Trindade | 3.500 contos |
| Reembolso de credores | 10.500 " |
| Saldo aproximado da operação, destinado ao fundo de adquisição de automotoras e outros serviços relacionados com a melhoria das condições da exploração | 2.100 " |
| Total | 16.100 contos |

BASE XIV—Logo que sejam aceites em princípio as bases anteriores, será dada ao Governo garantia da sua completa execução.



PUBLICOU *A Voz* uma série de 6 artigos em que expoz um notável plano de melhoramento das comunicações de Lisboa, intelligentemente elaborado pelo distinto engenheiro António Belo, autor do projecto do porto de pesca em Pedrouços, da estação de caminhos de ferro central e marítima no terrapleno da Alfândega, da modificação da avenida marginal e estrada para Cascais, em que se suprimiam as principais passagens de nível.

Embora se não refira êsse plano aos caminhos de ferro, tem com êles íntimas conexões, especialmente no que respeita á circulação nos tranvias da cidade. Não fica pois deslocado na *Gazeta* um resumo dêsse estudo.

* * *

São notórias as crescentes dificuldades de circulação na parte central e mais antiga de Lisboa, mercê do considerável desenvolvimento dos transportes mecânicos: eléctricos e automóveis. Importa por isso «definir por forma definitiva o sistema das grandes arterias da cidade», tendo em vista o futuro e a grande área que lhe foi atribuída, na qual se fazem os trabalhos de urbanização.

* * *

Nessas arterias ha que ter em conta o seu traçado e o perfil transversal, corrigindo-se imperfeições existentes. Assim nas Avenidas Fontes e Almirante Reis com 30^m e 25^m de largura importa colocar ao centro uma faixa para a circulação privativa dos eléctricos, ladeada de passeios para os piões que os aguardam ou dêles descem, deixando-se as faixas laterais para o movimento dos automóveis e outros carros.

Os desenhos juntos mostram os perfis actual e proposto da Avenida Almirante Reis.

São modificações pouco dispendiosas e sobremodo úteis.

* * *

É a Baixa o centro da vida social e comercial da cidade. Dela devem partir as grandes arterias radiais de comunicação, cruzando as transversais paralelas e concéntricas. Formam-se assim grandes malhas dentro das quais se deve fazer a urbanização da cidade por moradias independentes, que tenham jardim em vez da urbanização em blocos por prédios de muitos andares.

O centro de irradiação das comunicações deve ser

AS GRANDES COMUNICAÇÕES

RÊDE DE ARTÉRIAS RADIAIS

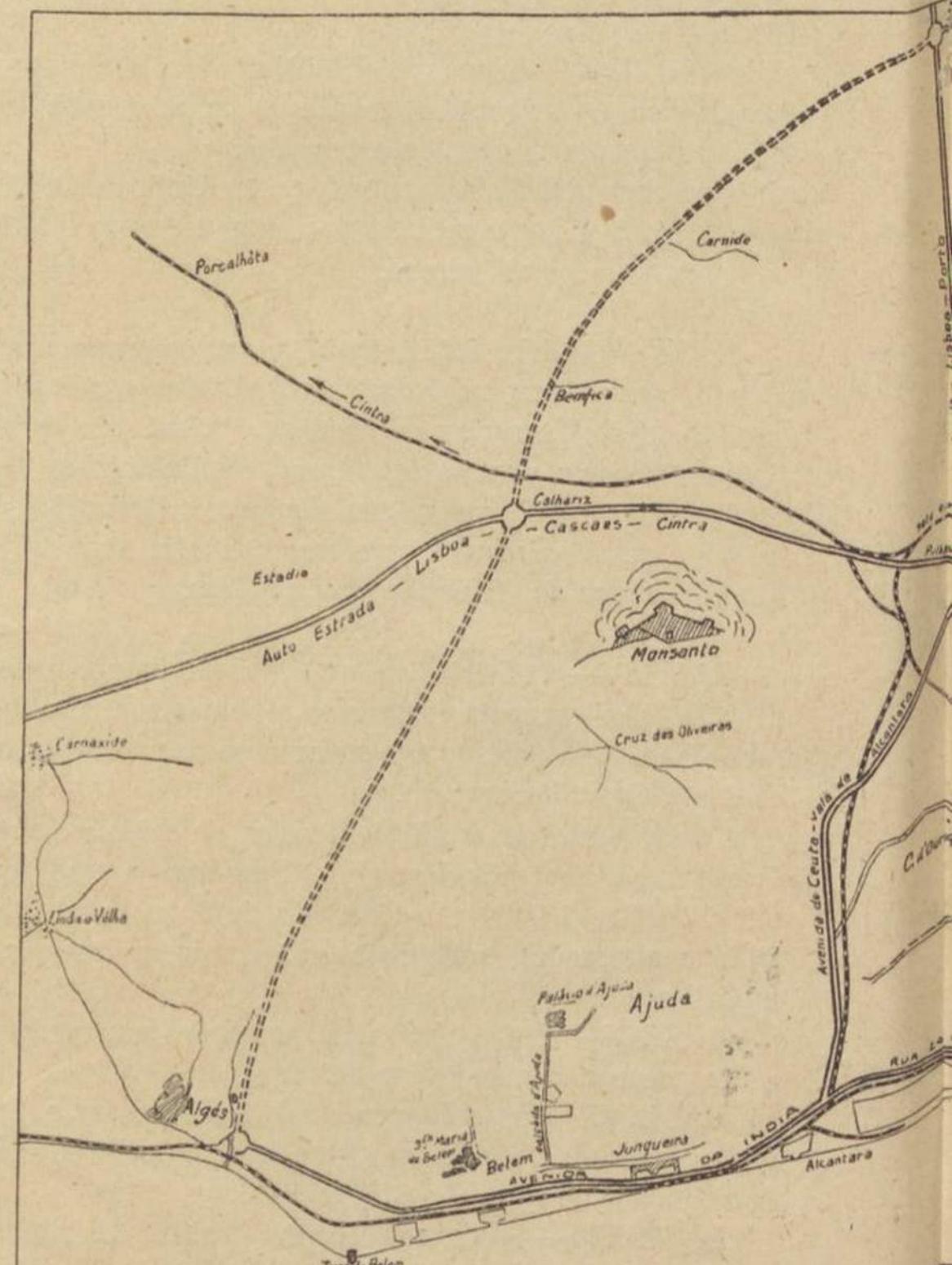
Pelo Engº J. FERNANDES

a praça do Comércio, que antes deveria chamar-se do *Estado* por ser o foco da vida oficial e séde de quase todos os Ministérios.

As artérias radiais, derivadas da orografia da cidade, devem ser as seguintes, segundo o plano Belo:

a) *Leste-Oeste* — É a avenida 24 de Julho, que deve ser prolongada do Cais do Sodré à praça do Comércio e para o outro lado tem a continuação na Avenida da India e a estrada marginal para a Costa do Sol.

b) *Nordeste-Sueste* — É a Avenida da Liberdade prolongada através do Parque Eduardo VII para ir terminar numa praça em Palhavã, que o sr. Belo chama praça *Salazar*.



ESQUEMA DO PLANO GERAL

COMUNICAÇÕES DE LISBOA

DIAIS E TRANSVERSAIS

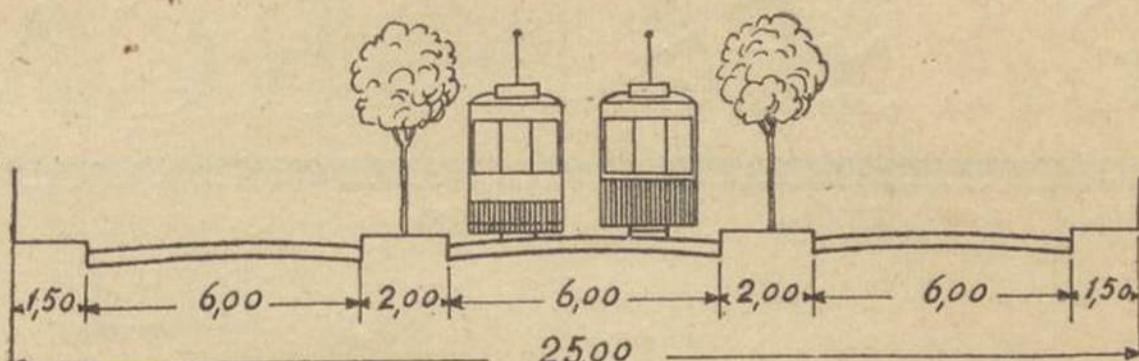
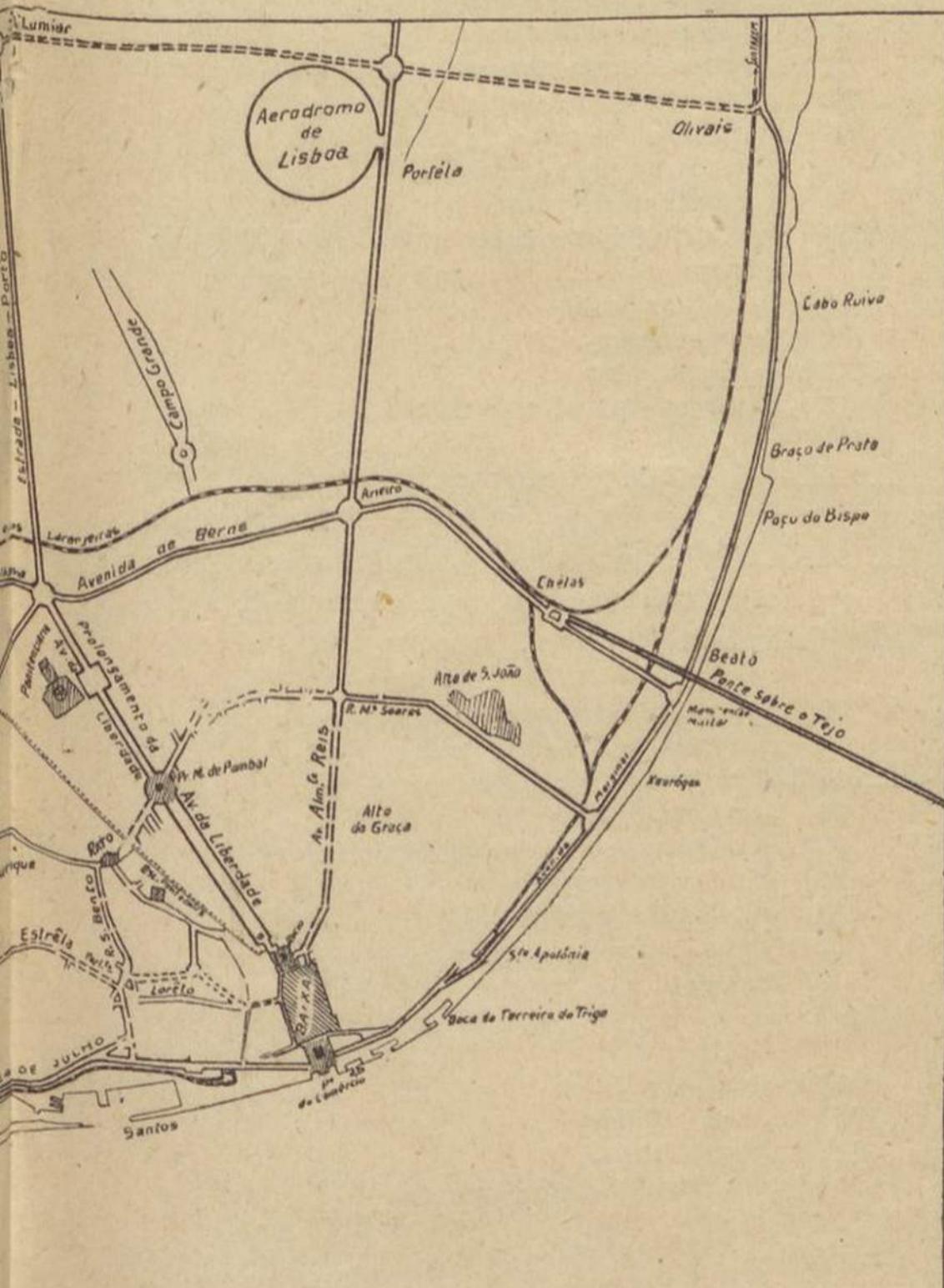
WANDO DE SOUZA

Deve haver, no ponto culminante a par da Penitenciária, uma praça que sirva de miradouro do magnífico panorama da cidade e do Tejo.

Da praça Salazar irradiam as avenidas transversais de Berne, a que venha a Alcantara, a auto-estrada para Cascais, que passa pelo Calhariz ao Norte do Parque projectado da Serra de Monsanto e uma avenida directa para o Lumiar. Pela auto-estrada faz-se a ligação mais directa com Bemfica e Sintra.

c) Norte-Sul — É a avenida Almirante Reis prolongada até o Aerodromo projectado e que cruza as transversais, que vão uma ao Beato e a outra aos Olivais.

Terá a sua origem na Praça da Figueira.



AVENIDA ALMIRANTE REIS — Perfil proposto

d) Nordeste-Sudoeste — É a avenida marginal, da praça do Comércio a Sacavém, onde se liga com a estrada de Lisboa a Santarém.

Lembra ainda o sr. Belo outras mais restritas, a saber: rua do Carmo, Chiado, Loreto, calçada da Estrela e seus prolongamentos ao vale de Alcantara; Cais do Sodré, rua do Alecrim, S. Pedro de Alcantara, rua da Escola Politécnica, Praça do Brazil, Amoreiras, rua Saraiva de Carvalho e Campo de Ourique.

Para desafogo dessas duas artérias e melhoria do Bairro Alto são propostas avenidas que partem da Praça de Camões à escadaria do palácio do Parlamento com um ramal para a Praça do Rio de Janeiro, conforme veremos em artigo posterior.

Vejamos agora as artérias transversais indicadas na memória do Sr. Belo.

Primeira transversal (já construída)—Avenida Wilson, rua de S. Bento, praça do Brazil, rua Bramcamp, avenida Fontes, rua Moraes Soares, Alto de S. João e prolongamento a Xabregas. Demanda algum alargamento no extremo superior da rua de S. Bento.

Segunda transversal — Parte da Avenida da India pelo vale de Alcantara a Campolide, onde passa por cima do túnel para ir á praça Salazar. Segue pela Avenida de Berne ao Campo Pequeno para cruzar no Arieiro a Avenida Almirante Reis e ir terminar no Beato. Liga-se em Chelas com a ponte sobre o Tejo projectada do Beato ao Montijo.

Põe o aeroporto em comunicação com tôda a parte ocidental da cidade e liga-se com a auto-estrada de Cascais por directriz preferivel á que foi estudada da Rotunda Marquês de Pombal á Cruz de Oliveira com altíssimo e caro viaduto sôbre a ribeira de Alcantara e perfil acidentado.

Terceira transversal — É a estrada de circunvalação de Algés por Bemfica ao Lumiar, ao Aerodromo e aos Olivais.

Fica assim definido o plano racional das principais artérias radiais e transversais, indicado no esquema que ilustra o artigo e no qual se suprimiram minúcias da planta para o tornar mais legível.

Noutro artigo darei notícia resumida dos alvitres do Sr. Belo para o descongestionamento da Baixa, felizes complementos do seu plano geral.

BASES ORÇAMENTAIS

PARA

ASSENTAMENTO DE VIA FÉRREA

Por ANTÓNIO GUEDES

(Continuação)

c) Material de 39,8 quilogramas por m. l.

§ 1.º — Tangente do ângulo da cróxima 0,09.

N.º 220 — Um S de ligação para via férrea de 1^m,665 de largura entre carris com o peso de 39,8 quilos por m. l., sendo 0,09 a tangente do ângulo da cróxima e 300^m, o raio da concordância, para entrevia de 2^m,00 e incluindo balastragem.

| | |
|---------|---|
| 2 | agulhas de aço e acessórios |
| 2 | cróximas de aço e acessórios |
| 7,6411 | T de carris Vignole de aço |
| 48 | barretas de cantoneira |
| 96 | parafusos de via com porcas e anilhas |
| 876 | «tirefonds» correntes |
| 144 | «tirefonds» de junta |
| 2 | jogos de travessas especiais |
| 8 | travessas rectangulares |
| 141,148 | m. c. de brita que passe por anel de 0 ^m ,06 de diâmetro |
| 22,8 | h. de capataz de via |
| 578 | h. de assentador |
| 359,3 | h. de trabalhador |
| 5% | dos jornais para ferramentas |

N.º 221 — Um S de ligação para via férrea de 1^m,665 de largura entre carris com o peso de 39,8 quilos por m. l., sendo 0,09 a tangente do ângulo da cróxima e 300^m, o raio da concordância, para entrevia de 2^m,05 e incluindo balastragem.

| | |
|---------|---|
| 2 | agulhas de aço e acessórios |
| 2 | cróximas de aço e acessórios |
| 7,6856 | T de carris de Vignole de aço |
| 48 | barretas de cantoneira |
| 96 | parafusos de via com porcas e anilhas |
| 876 | «tirefonds» correntes |
| 144 | «tirefonds» de junta |
| 2 | jogos de travessas especiais |
| 8 | travessas rectangulares |
| 141,992 | m. c. de brita que passe por anel de 0 ^m ,06 de diâmetro |
| 22,9 | h. de capataz de via |
| 580 | h. de assentador |
| 561 | h. de trabalhador |
| 5% | dos jornais para ferramentas |

N.º 222 — Um S de ligação para via férrea de 1^m,665 de largura entre carris com o peso de 39,8 quilos por m. l., sendo 0,09 a tangente do ângulo da cróxima e 300^m, o raio da concordância, para entrevia de 2^m,10 e incluindo balastragem.

| | |
|---------|---|
| 2 | agulhas de aço e acessórios |
| 2 | cróximas de aço e acessórios |
| 7,730 | T de carris Vignole de aço |
| 48 | barretas de cantoneira |
| 93 | parafusos de via com porcas e anilhas |
| 882 | «tirefonds» correntes |
| 144 | «tirefonds» de junta |
| 2 | jogos de travessas especiais |
| 9 | travessas rectangulares |
| 142,836 | m. c. de brita que passe por anel de 0 ^m ,06 de diâmetro |
| 23 | h. de capataz de via |
| 582 | h. de assentador |
| 362,5 | h. de trabalhador |
| 5% | dos jornais para ferramentas |

N.º 223 — Um S de ligação para via férrea de 1^m,665 de largura entre carris com o peso de 39,8 quilos por m. l., sendo 0,09 a tangente do ângulo da cróxima e 300^m, o raio da concordância, para entrevia de 2^m,15 e incluindo balastragem.

| | |
|---------|---|
| 2 | agulhas de aço e acessórios |
| 2 | cróximas de aço e acessórios |
| 7,7745 | T de carris Vignole de aço |
| 48 | barretas de cantoneira |
| 96 | parafusos de via com porcas e anilhas |
| 888 | «tirefonds» correntes |
| 144 | «tirefonds» de junta |
| 2 | jogos de travessas especiais |
| 10 | travessas rectangulares |
| 143,679 | m. c. de brita que passe por anel de 0 ^m ,06 de diâmetro |
| 23 | h. de capataz de via |
| 584 | h. de assentador |
| 364,2 | h. de trabalhador |
| 5% | dos jornais para ferramentas |

N.º 224 — Um S de ligação para via férrea de 1^m,665 de largura entre carris com o peso de 39,8 quilos por m. l., sendo 0,09 a tangente do ângulo da cróxima e

300^m, o raio da concordância, para entrevia de 2^m,20 e incluindo balastragem.

| | |
|---------|---|
| 2 | agulhas de aço e acessórios |
| 2 | cróximas de aço e acessórios |
| 7,8187 | T de carris Vignole de aço |
| 48 | barretas de cantoneira |
| 96 | parafusos de via com porcas e anilhas |
| 888 | «tirefonds» correntes |
| 144 | «tirefonds» de junta |
| 2 | jogos de travessas especiais |
| 10 | travessas rectangulares |
| 144,522 | m. c. de brita que passe por anel de 0 ^m ,06 de diâmetro |
| 23,5 | h. de capataz de via |
| 586,5 | h. de assentador |
| 366 | h. de trabalhador |
| 5% | dos jornais para ferramentas |

N.º 225 — Um S de ligação para via férrea de 1^m,665 de largura entre carris com o peso de 39,8 quilos por m. l., sendo 0,09 a tangente do ângulo da cróxima e 300^m, o raio da concordância, para entrevia de 2^m,25 e incluindo balastragem.

| | |
|---------|---|
| 2 | agulhas de aço e acessórios |
| 2 | cróximas de aço e acessórios |
| 7,8631 | T de carris Vignole de aço |
| 48 | barretas de cantoneira |
| 96 | parafusos de via com porcas e anilhas |
| 894 | «tirefonds» correntes |
| 144 | «tirefonds» de junta |
| 2 | jogos de travessas especiais |
| 11 | travessas rectangulares |
| 145,366 | m. c. de brita que passe por anel de 0 ^m ,06 de diâmetro |
| 23,5 | h. de capataz de via |
| 588,5 | h. de assentador |
| 367,5 | h. de trabalhador |
| 5% | dos jornais para ferramentas |

N.º 226 — Um S de ligação para via férrea de 1^m,665 de largura entre carris com o peso de 39,8 quilos por m. l., sendo 0,09 a tangente do ângulo da cróxima e 300^m, o raio da concordância, para entrevia de 2^m,30 e incluindo balastragem.

| | |
|---------|---|
| 2 | agulhas de aço e acessórios |
| 2 | cróximas de aço e acessórios |
| 7,9076 | T de carris Vignole de aço |
| 48 | barretas de cantoneira |
| 96 | parafusos de via com porcas e anilhas |
| 900 | «tirefonds» correntes |
| 144 | «tirefonds» de junta |
| 2 | jogos de travessas especiais |
| 12 | travessas rectangulares |
| 146,210 | m. c. de brita que passe por anel de 0 ^m ,06 de diâmetro |
| 23,5 | h. de capataz de via |
| 590,5 | h. de assentador |
| 369,2 | h. de trabalhador |
| 5% | dos jornais para ferramentas |

N.º 227 — Um S de ligação para via férrea de 1^m,665 de largura entre carris com o peso de 39,8 quilos por m. l., sendo 0,09 a tangente do ângulo da cróxima e 300^m, o raio da concordância, para entrevia de 2^m,35 e incluindo balastragem.

| | |
|---------|---|
| 2 | agulhas de aço e acessórios |
| 2 | cróximas de aço e acessórios |
| 7,952 | T de carris Vignole de aço |
| 48 | barretas de cantoneira |
| 96 | parafusos de via com porcas e anilhas |
| 906 | «tirefonds» correntes |
| 144 | «tirefonds» de junta |
| 2 | jogos de travessas especiais |
| 13 | travessas rectangulares |
| 147,054 | m. c. de brita que passe por anel de 0 ^m ,06 de diâmetro |
| 23,5 | h. de capataz de via |
| 592,5 | h. de assentador |
| 370,8 | h. de trabalhador |
| 5% | dos jornais para ferramentas |

N.º 228 — Um S de ligação para via férrea de 1^m,665 de largura entre carris com o peso de 39,8 quilos por m. l., sendo 0,09 a tangente do ângulo da cróxima e 300^m, o raio da concordância, para entrevia de 2^m,40 e incluindo balastragem.

| | |
|---------|---|
| 2 | agulhas de aço e acessórios |
| 2 | cróximas de aço e acessórios |
| 7,9963 | T de carris Vignole de aço |
| 48 | barretas de cantoneira |
| 96 | parafusos de via com porcas e anilhas |
| 906 | «tirefonds» correntes |
| 144 | «tirefonds» de junta |
| 2 | jogos de travessas especiais |
| 13 | travessas rectangulares |
| 147,896 | m. c. de brita que passe por anel de 0 ^m ,06 de diâmetro |
| 23,5 | h. de capataz de via |
| 594,5 | h. de assentador |
| 372,5 | h. de trabalhador |
| 5% | dos jornais para ferramentas |

N.º 229 — Um S de ligação para via férrea de 1^m,665 de largura entre carris com o peso de 39,8 quilos por m. l., sendo 0,09 a tangente do ângulo da cróxima e 300^m, o raio da concordância, para entrevia de 2^m,45 e incluindo balastragem.

| | |
|---------|---|
| 2 | agulhas de aço e acessórios |
| 2 | cróximas de aço e acessórios |
| 8,0407 | T de carris Vignole de aço |
| 48 | barretas de cantoneira |
| 96 | parafusos de via com porcas e anilhas |
| 912 | «tirefonds» correntes |
| 144 | «tirefonds» de junta |
| 2 | jogos de travessas especiais |
| 14 | travessas rectangulares |
| 148,740 | m. c. de brita que passe por anel de 0 ^m ,06 de diâmetro |
| 23,5 | h. de capataz de via |
| 596,5 | h. de assentador |
| 374,2 | h. de trabalhador |
| 5% | dos jornais para ferramentas |

N.º 230 — Um S de ligação para via férrea de 1^m,665 de largura entre carris com o peso de 39,8 quilos por m. l., sendo 0,09 a tangente do ângulo da cróxima e 300^m, o raio da concordância, para entrevia de 2^m,50 e incluindo balastragem.

| | |
|---|------------------------------|
| 2 | agulhas de aço e acessórios |
| 2 | cróximas de aço e acessórios |

| | | |
|---|----------------------------------|---|
| 8,0851 T de carris Vignole de aço | 930 | «tirefonds» correntes |
| 48 barretas de cantoneira | 144 | «tirefonds» de junta |
| 96 parafusos de via com porcas e anilhas | 2 | jogos de travessas especiais |
| 918 «tirefonds» correntes | 17 | travessas rectangulares |
| 144 «tirefonds» de junta | 151,841 | m. c. de brita que passe por anel de 0 ^m ,06 de diâmetro |
| 2 jogos de travessas especiais | 24 h. de capataz de via | |
| 15 travessas rectangulares | 605 h. de assentador | |
| 149,584 m. c. de brita que passe por anel de 0 ^m ,06 de diâmetro | 581,8 h. de trabalhador | |
| 24 h. de capataz de via | 5 % dos jornais para ferramentas | |
| 598,6 h. de assentador | | |
| 376 h. de trabalhador | | |
| 5 % dos jornais para ferramentas | | |

N.º 231 — Um S de ligação para via férrea de 1^m,665 de largura entre carris com o peso de 39,8 quilos por m. l., sendo 0,09 a tangente do ângulo da cróxima e 300^m, o raio da concordância, para entrevia de 2^m,70 e incluindo balastragem.

| | | |
|---|----------------------------------|---|
| 2 agulhas de aço e acessórios | 2 | agulhas de aço e acessórios |
| 2 cróximas de aço e acessórios | 2 | cróximas de aço e acessórios |
| 8,1296 T de carris Vignole de aço | 8,2627 | T de carris Vignole de aço |
| 48 barretas de cantoneira | 52 | barretas de cantoneira |
| 96 parafusos de via com porcas e anilhas | 104 | parafusos de via com porcas e anilhas |
| 918 «tirefonds» correntes | 936 | «tirefonds» correntes |
| 144 «tirefonds» de junta | 156 | «tirefonds» de junta |
| 2 jogos de travessas especiais | 2 | jogos de travessas especiais |
| 15 travessas rectangulares | 18 | travessas rectangulares |
| 150,428 m. c. de brita que passe por anel de 0 ^m ,06 de diâmetro | 152,672 | m. c. de brita que passe por anel de 0 ^m ,06 de diâmetro |
| 24 h. de capataz de via | 24 h. de capataz de via | |
| 600,7 h. de assentador | 607,2 h. de assentador | |
| 377,5 h. de trabalhador | 383,5 h. de trabalhador | |
| 5 % dos jornais para ferramentas | 5 % dos jornais para ferramentas | |

N.º 232 — Um S de ligação para via férrea de 1^m,665 de largura entre carris com o peso de 39,8 quilos por m. l., sendo 0,09 a tangente do ângulo da cróxima e 300^m, o raio da concordância, para entrevia de 2^m,60 e incluindo balastragem.

| | | |
|---|----------------------------------|---|
| 2 agulhas de aço e acessórios | 2 | agulhas de aço e acessórios |
| 2 cróximas de aço e acessórios | 2 | cróximas de aço e acessórios |
| 8,174 T de carris Vignole de aço | 8,3072 | T de carris Vignole de aço |
| 48 barretas de cantoneira | 52 | barretas de cantoneira |
| 96 parafusos de via com porcas e anilhas | 104 | parafusos de via com porcas e anilhas |
| 924 «tirefonds» correntes | 942 | «tirefonds» correntes |
| 144 «tirefonds» de junta | 156 | «tirefonds» de junta |
| 2 jogos de travessas especiais | 2 | jogos de travessas especiais |
| 16 travessas rectangulares | 19 | travessas rectangulares |
| 151,272 m. c. de brita que passe por anel de 0 ^m ,06 de diâmetro | 153,504 | m. c. de brita que passe por anel de 0 ^m ,06 de diâmetro |
| 24 h. de capataz de via | 24,5 h. de capataz de via | |
| 602,7 h. de assentador | 609,3 h. de assentador | |
| 379 h. de trabalhador | 385 h. de trabalhador | |
| 5 % dos jornais para ferramentas | 5 % dos jornais para ferramentas | |

N.º 232 — Um S de ligação para via férrea de 1^m,665 de largura entre carris com o peso de 39,8 quilos por m. l., sendo 0,09 a tangente do ângulo da cróxima e 300^m, o raio da concordância, para entrevia de 2^m,65 e incluindo balastragem.

| | | |
|--|--------|---------------------------------------|
| 2 agulhas de aço e acessórios | 2 | agulhas de aço e acessórios |
| 2 cróximas de aço e acessórios | 2 | cróximas de aço e acessórios |
| 8,2185 T de carris Vignole de aço | 8,3516 | T de carris Vignole de aço |
| 48 barretas de cantoneira | 52 | barretas de cantoneira |
| 96 parafusos de via com porcas e anilhas | 104 | parafusos de via com porcas e anilhas |

| | | |
|---|----------------------------------|---|
| 918 «tirefonds» correntes | 17 | travessas rectangulares |
| 144 «tirefonds» de junta | 151,841 | m. c. de brita que passe por anel de 0 ^m ,06 de diâmetro |
| 2 jogos de travessas especiais | 24 h. de capataz de via | |
| 15 travessas rectangulares | 605 h. de assentador | |
| 149,584 m. c. de brita que passe por anel de 0 ^m ,06 de diâmetro | 581,8 h. de trabalhador | |
| 24 h. de capataz de via | 5 % dos jornais para ferramentas | |

N.º 234 — Um S de ligação para via férrea de 1^m,665 de largura entre carris com o peso de 39,8 quilos por m. l., sendo 0,09 a tangente do ângulo da cróxima e 300^m, o raio da concordância, para entrevia de 2^m,70 e incluindo balastragem.

| | | |
|---|----------------------------------|---|
| 2 agulhas de aço e acessórios | 2 | agulhas de aço e acessórios |
| 2 cróximas de aço e acessórios | 2 | cróximas de aço e acessórios |
| 8,2627 T de carris Vignole de aço | 8,3072 | T de carris Vignole de aço |
| 52 barretas de cantoneira | 52 | barretas de cantoneira |
| 104 parafusos de via com porcas e anilhas | 104 | parafusos de via com porcas e anilhas |
| 936 «tirefonds» correntes | 942 | «tirefonds» correntes |
| 156 «tirefonds» de junta | 156 | «tirefonds» de junta |
| 2 jogos de travessas especiais | 2 | jogos de travessas especiais |
| 18 travessas rectangulares | 19 | travessas rectangulares |
| 152,672 m. c. de brita que passe por anel de 0 ^m ,06 de diâmetro | 153,504 | m. c. de brita que passe por anel de 0 ^m ,06 de diâmetro |
| 24 h. de capataz de via | 24,5 h. de capataz de via | |
| 607,2 h. de assentador | 609,3 h. de assentador | |
| 383,5 h. de trabalhador | 385 h. de trabalhador | |
| 5 % dos jornais para ferramentas | 5 % dos jornais para ferramentas | |

N.º 235 — Um S de ligação para via férrea de 1^m,665 de largura entre carris com o peso de 39,8 quilos por m. l., sendo 0,09 a tangente do ângulo da cróxima e 300^m, o raio da concordância, para entrevia de 2^m,75 e incluindo balastragem.

| | | |
|---|----------------------------------|---|
| 2 agulhas de aço e acessórios | 2 | agulhas de aço e acessórios |
| 2 cróximas de aço e acessórios | 2 | cróximas de aço e acessórios |
| 8,3072 T de carris Vignole de aço | 8,3072 | T de carris Vignole de aço |
| 52 barretas de cantoneira | 52 | barretas de cantoneira |
| 104 parafusos de via com porcas e anilhas | 104 | parafusos de via com porcas e anilhas |
| 942 «tirefonds» correntes | 942 | «tirefonds» correntes |
| 156 «tirefonds» de junta | 156 | «tirefonds» de junta |
| 2 jogos de travessas especiais | 2 | jogos de travessas especiais |
| 19 travessas rectangulares | 19 | travessas rectangulares |
| 153,504 m. c. de brita que passe por anel de 0 ^m ,06 de diâmetro | 153,504 | m. c. de brita que passe por anel de 0 ^m ,06 de diâmetro |
| 24,5 h. de capataz de via | 24,5 h. de capataz de via | |
| 609,3 h. de assentador | 609,3 h. de assentador | |
| 385 h. de trabalhador | 385 h. de trabalhador | |
| 5 % dos jornais para ferramentas | 5 % dos jornais para ferramentas | |

N.º 236 — Um S de ligação para via férrea de 1^m,665 de largura entre carris com o peso de 39,8 quilos por m. l., sendo 0,09 a tangente do ângulo da cróxima e 300^m, o raio da concordância, para entrevia de 2^m,80 e incluindo balastragem.

| | | |
|---|--------|---------------------------------------|
| 2 agulhas de aço e acessórios | 2 | agulhas de aço e acessórios |
| 2 cróximas de aço e acessórios | 2 | cróximas de aço e acessórios |
| 8,3516 T de carris Vignole de aço | 8,3516 | T de carris Vignole de aço |
| 52 barretas de cantoneira | 52 | barretas de cantoneira |
| 104 parafusos de via com porcas e anilhas | 104 | parafusos de via com porcas e anilhas |
| 942 «tirefonds» correntes | 942 | «tirefonds» correntes |
| 156 «tirefonds» de junta | 156 | «tirefonds» de junta |

| | |
|---------|---|
| 2 | jogo de travessas especiais |
| 19 | travessas rectangulares |
| 154,335 | m. c. de brita que passe por anel de 0 ^m ,06 de diâmetro |
| 24,5 | h. de capataz de via |
| 611,5 | h. de assentador |
| 387 | h. de trabalhador |
| 5 % | dos jornais para ferramentas |

N.º 237 — Um S de ligação para via férrea de 1^m,665 de largura entre carris com o peso de 39,8 quilos por m. l., sendo 0,09 a tangente do ângulo da cróxima e 300^m, o raio da concordância, para entrevia de 2^m,85 e incluindo balastragem.

| | |
|---------|---|
| 2 | agulhas de aço e acessórios |
| 2 | cróximas de aço e acessórios |
| 8,396 | T de carris Vignole de aço |
| 52 | barretas de cantoneira |
| 104 | parafusos de via com porcas e anilhas |
| 948 | «tirefonds» correntes |
| 156 | «tirefonds» de junta |
| 2 | jogos de travessas especiais |
| 20 | travessas rectangulares |
| 155,167 | m. c. de brita que passe por anel de 0 ^m ,06 de diâmetro |
| 24,5 | h. de capataz de via |
| 613,5 | h. de assentador |
| 388,5 | h. de trabalhador |
| 5 % | dos jornais para ferramentas |

N.º 238 — Um S de ligação para via férrea de 1^m,665 de largura entre carris com o peso de 39,8 quilos por m. l., sendo 0,09 a tangente do ângulo da cróxima e 300^m, o raio da concordância, para entrevia de 2^m,90 e incluindo balastragem.

| | |
|---------|---|
| 2 | agulhas de aço e acessórios |
| 2 | cróximas de aço e acessórios |
| 8,4405 | T de carris Vignole de aço |
| 52 | barretas de cantoneira |
| 104 | parafusos de via com porcas e anilhas |
| 954 | «tirefonds» correntes |
| 156 | «tirefonds» de junta |
| 2 | jogos de travessas especiais |
| 21 | travessas rectangulares |
| 155,997 | m. c. de brita que passe por anel de 0,06 de diâmetro |
| 24,5 | h. de capataz de via |
| 615,5 | h. de assentador |
| 390,5 | h. de trabalhador |
| 5 % | dos jornais para ferramentas |

N.º 239 — Um S de ligação para via férrea de 1^m,665 de largura entre carris com o peso de 39,8 quilos por m. l., sendo 0,08 a tangente do ângulo da cróxima e 300^m, o raio da concordância, para entrevia de 2^m,95 e incluindo balastragem.

| | |
|---------|---|
| 2 | agulhas de aço e acessórios |
| 2 | cróximas de aço e acessórios |
| 8,4847 | T de carris Vignole de aço |
| 52 | barretas de cantoneira |
| 104 | parafusos de via com porcas e anilhas |
| 960 | «tirefonds» correntes |
| 156 | «tirefonds» de junta |
| 2 | jogos de travessas especiais |
| 22 | travessas rectangulares |
| 156,828 | m. c. de brita que passe por anel de 0 ^m ,06 de diâmetro |
| 24,5 | h. de capataz de via |
| 617,5 | h. de assentador |
| 392 | h. de trabalhador |
| 5 % | dos jornais para ferramentas |

N.º 240 — Um S de ligação para via férrea de 1^m,665 de largura entre carris com o peso de 39,8 quilos por m. l., sendo 0,09 a tangente do ângulo da cróxima e 180^m, o raio da concordância, para entrevia de 3^m,00 e incluindo balastragem.

| | |
|---------|--|
| 2 | agulhas de aço e acessórios |
| 2 | cróximas de aço e acessórios |
| 8,5292 | T de carris Vignole de aço |
| 52 | barretas de cantoneira |
| 104 | parafusos de via com porca e anilhas |
| 966 | «tirefonds» correntes |
| 156 | «tirefonds» de junta |
| 2 | jogos de travessas especiais |
| 23 | travessas rectangulares |
| 157,660 | m. c. de brita que passe por anel 0 ^m ,06 de diâmetro |
| 25 | h. de capataz de via |
| 620 | h. de assentador |
| 393,8 | h. de trabalhador |
| 5 % | dos jornais para ferramentas |

(Continúa)

COMPREM O «MANUAL DO VIA-JANTE EM PORTUGAL»

à venda em todas as livrarias.

Quereis dinheiro?

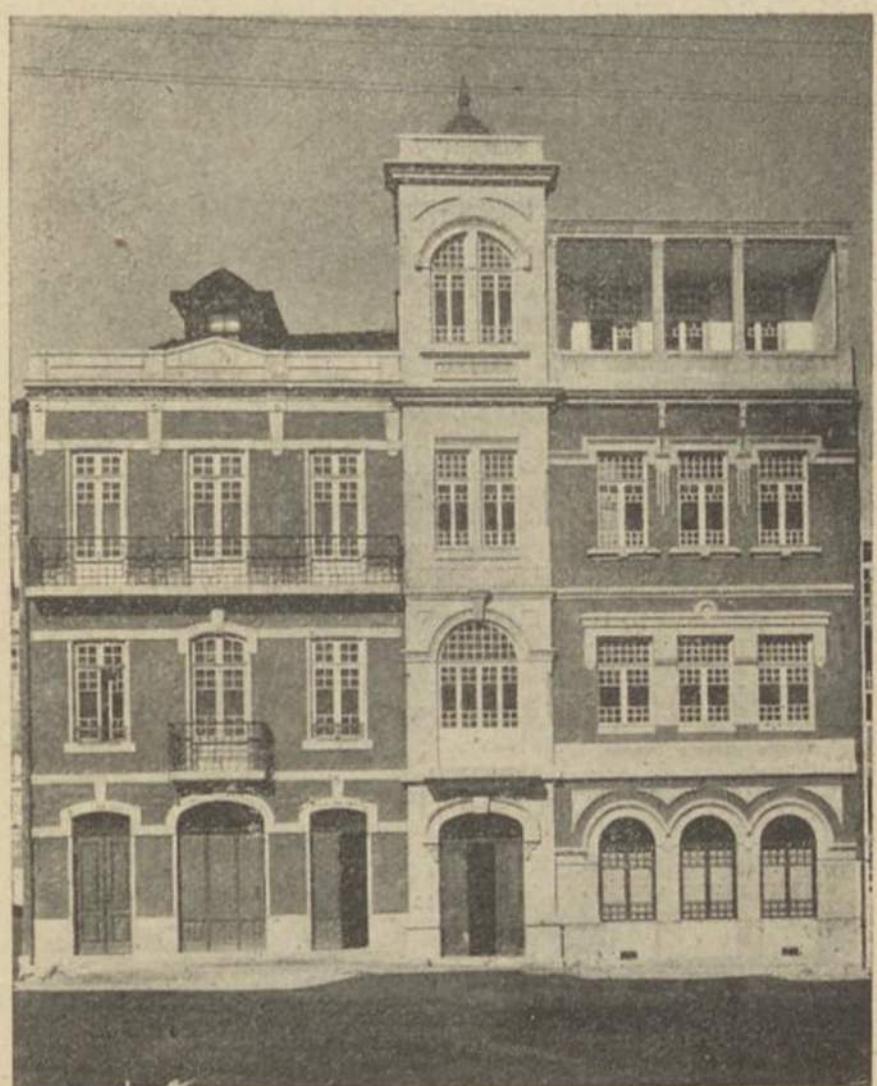
JOGAI NO

Gama

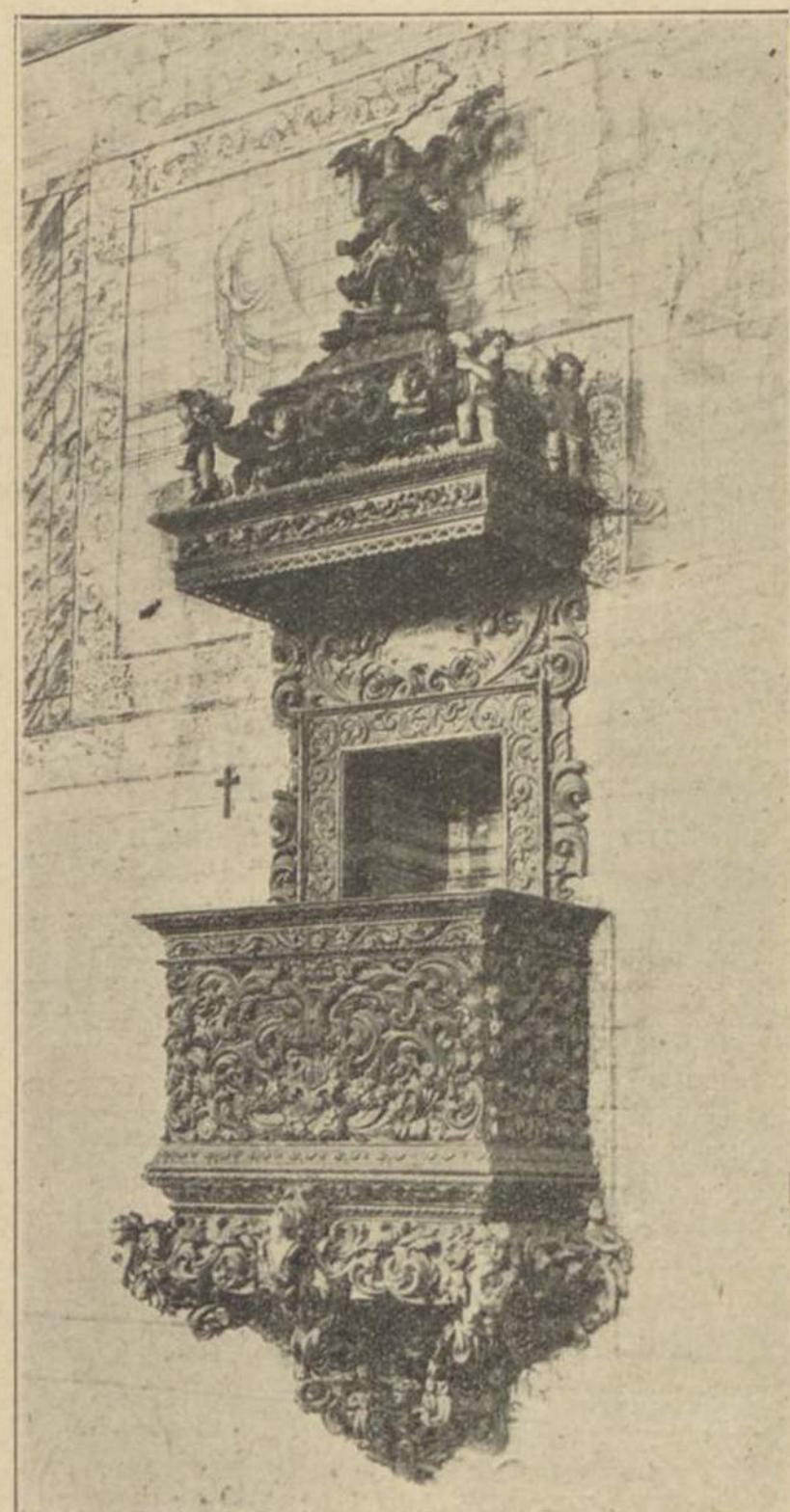
Rua do Amparo, 51
LISBOA
Sempre Sortes Grandes!

PORTUGAL

B R A G A



Hotel Aliança



Púlpito do Térço

B A R C E L O S



Mercado Municipal

T U R I S T I C O



BARCELLOS

Creche de Santa Maria

B R A G A

Arco da Porta Nova



BARCELLOS

Um aspecto da Feira

OS NOSSOS CAMINHOS DE FERRO

EM 1935

Nos numeros anteriores publicamos as notícias dos trabalhos mais importantes efectuados nas linhas das Companhias da Beira Alta, Vale do Vouga, Caminhos de Ferro Portugueses e Benguela.

Por nos ter chegado tarde só hoje podemos dar notícia dos trabalhos que efectuou a Companhia Nacional de Caminhos de Ferro, que se segue.

COMPANHIA NACIONAL DE CAMINHOS DE FERRO

SERVIÇO DE VIA E OBRAS

Linha de Bragança — Assentamento de uma via de resguardo na estação de Frechas.

Construção de um anexo para W. C. no edifício de passageiros da mesma estação.

Reparações de conservação nas habitações do pessoal da estação de Tua: e nos edifícios de passageiros das estações de Mirandela e Bragança e apeadeiro de Tralhão.

Linha do Vale do Corgo — Ampliação das casas dos partidos de conservação de via. N.ºs 1, 5 e 8.

Construção de uma toma d'água na estação de Sabroso.

Idem de uma casa de guarda no apeadeiro de Fonte Nova (Km.º 94,354).

Renovação da parte metálica da via, na extensão de 22.668,70 (entre Km.ºs 1.330,50 e 23.999,20).

Linha do Vale do Sabor — Construção de muros de vedação das instalações do Serviço de Via, na estação de Mogadouro.

Ampliação da casa de guarda da estação de Moncorvo, para a adaptar a habitação do Inspector do Serviço do Movimento.

Assentamento de uma báscula de 20 ton. na estação de Pocinho.

Linha de Viseu — Construção de uma W. C. nas Oficinas de Tracção, na estação de Viseu.

SERVIÇO DE OFICINAS

Transformou-se a carruagem A. By. 61 linha de Bragança, ficando a 1.ª classe com corredor la-

VIAGENS E TRANSPORTES

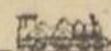
O comboio n.º 1.116, das linhas do Sado e Sul, foi suprimido entre Setúbal e Barreiro. Os comboios n.ºs 803 e 804, que circulam entre Barreiro e Santiago de Cacém, continuam a efectuar-se aos Domingos. Porém, são suprimidos, naqueles dias, os comboios n.ºs 802 e 805, que ligam o Barreiro à Funcheira, e os n.ºs 821, 822, 825 e 826, da linha de Sines.

— O horário das linhas do Sul e Sueste sofreu as seguintes alterações: supressão do comboio n.º 1.116, entre Setúbal e Barreiro, e, aos Domingos, do n.º 912, que circulava no ramal do Montijo. Por outro lado, foi estabelecido o comboio n.º 924, que parte do Montijo às 11 e 30, para chegar ao Pinhal Novo às 11 e 53.

— A Companhia Nacional de Caminhos de Ferro publicou o 3.º aditamento ao cartaz horário C. H. 26 em que informa que a circulação dos comboios n.ºs 11 e 12, indicada no 2.º aditamento ao Cartaz C. H. 26, será mantida até aviso em contrário.

— A mesma Companhia publicou o 7.º aditamento ao cartaz horário C. H. 26 da linha de Santa Comba Dão a Vizeu em que avisa que desde 25 de Janeiro do corrente é suprimido o comboio n.º 55 que se efectuava aos sábados e o n.º 60 que se efectuava às segundas-feiras.

Dêsde a mesma data os comboios n.ºs 52 e 57 passam a efectuar-se às segundas, quintas-feiras e sábados.



CAMINHOS DE FERRO

Foi nomeado vogal do Conselho Superior de Caminhos de Ferro o sr. eng.º Alvaro de Lima Henriques, na vaga ocorrida pelo falecimento do sr. eng.º João Ferreira de Mesquita

— Foi transferida da Société Anonyme Belge des Mines d'Aljustrel para a Société Anonyme de Produits et Engrais Chimiques du Portugal o direito de propriedade e exploração do ramal do caminho de ferro entre Praia-Sado e o rio Sado, construído pela primeira destas sociedades.

teral e 2 compartimentos com portas de correr, e com 6 lugares cada.

Transformou-se o wagon L. R. 20, da linha do Vale do Sabor, em wagon oficina-dormitório do Serviço de Via e Obras, ficando com um compartimento para dormitório, outro para oficinas com bancada e outro para depósito de ferramentas e materiais.

Iniciou-se a construção de 6 wagons JJ sobre bogies, carga 15 ton., sendo 3 com freio e 3 sem freio, destinados às linhas do Corgo e do Sabor

Fizeram-se as seguintes grandes reparações:

| | |
|-------------|----|
| Locomotivas | 1 |
| Carruagens | 6 |
| Wagons | 13 |

E reparações de conservação e pequena reparação:

| | |
|-------------|-----|
| Locomotivas | 157 |
| Carruagens | 171 |
| Wagons | 255 |
| Fourgons | 40 |



PARTE OFICIAL

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Secretaria

Decreto n.º 26:224

Usando da faculdade que me confere o n.º 1.º do artigo 81.º da Constituição: hei por bem conceder ao Doutor António de Oliveira Salazar a exoneração que me pediu de Presidente do Conselho, lugar que me apraz declarar exerceu com zelo, inteligência e acendrado patriotismo.

Publique-se.

Paços do Governo da República, 18 de Janeiro de 1936.—
ANTÓNIO OSCAR DE FRAGOSO CARMONA.

Decreto n.º 26:225

Usando da faculdade que me confere o n.º 1.º do artigo 81.º da Constituição: hei por bem, sob proposta do Presidente do Conselho, conceder ao tenente-coronel Henrique Linhares de Lima, Doutor Manuel Rodrigues Júnior, Doutor António de Oliveira Salazar, coronel Abílio Augusto Valdez de Passos e Sousa, comandante Aníbal de Mesquista Guimarães, Doutor Armindo Rodrigues Monteiro, Dr. Duarte Pacheco, licenciado em direito José Silvestre Ferreira Bossa, Doutor Eusébio Tamagnini de Matos Encarnação, engenheiro Sebastião Garcia Ramires e Dr. Rafael da Silva Neves Duque a exoneração que me pediram de Ministros do Interior, Justiça, Finanças, Guerra, Marinha, Negócios Estrangeiros, Obras Públicas e Comunicações, Colónias, Instrução Pública, Comércio e Indústria e Agricultura, lugares que me apraz declarar exerceram com zelo, inteligência e acendrado patriotismo.

Publique-se.

Paços do Governo da República, 18 de Janeiro de 1936.—
ANTÓNIO OSCAR DE FRAGOSO CARMONA — *António de Oliveira Salazar.*

Decreto n.º 26:226

Usando da Faculdade que me confere o § 1.º do artigo 106.º da Constituição; hei por bem, sob proposta do Presidente do Conselho, conceder ao Doutor João Pinto da Costa Leite a exoneração que me pediu de Sub-secretário de Estado das Finanças e interino das Corporações e Previdência Social, lugares que me apraz declarar exerceu com zelo, inteligência e acendrado patriotismo.

Publique-se.

Paços do Governo da República, 18 de Janeiro de 1936.—
ANTÓNIO OSCAR DE FRAGOSO CARMONA — *António de Oliveira Salazar.*

Decreto n.º 26:227

Usando da faculdade que me confere o n.º 1.º do artigo 81.º da Constituição: hei por bem nomear o Doutor António de Oliveira Salazar Presidente do Conselho.

Publique-se.

Paços do Governo da República, 18 de Janeiro de 1936.—
ANTÓNIO OSCAR DE FRAGOSO CARMONA.

Decreto n.º 26:228

Usando da faculdade que me confere o n.º 1.º do artigo 81.º da Constituição: hei por bem, sob proposta do Presidente

do Conselho, nomear o Dr. Mário Pais de Sousa, Doutor Manuel Rodrigues Júnior, Doutor António de Oliveira Salazar, coronel Abílio Augusto Valdez de Passos e Sousa, comandante Manuel Ortins Bettencourt, Doutor Armindo Rodrigues Monteiro, major de engenharia Joaquim José de Andrade e Silva Abrantes, Dr. Francisco José Vieira Machado, Doutor António Farinha Carneiro Pacheco, Dr. Pedro Teotónio Pereira e Dr. Rafael da Silva Neves Duque respectivamente Ministros do Interior, Justiça, Finanças, Guerra, Marinha, Negócios Estrangeiros, Obras Públicas e Comunicações, Colónias, Instrução Pública, Comércio e Indústria e Agricultura, Publique-se.

Paços do Governo da República, 18 de Janeiro de 1936.—
ANTÓNIO OSCAR DE FRAGOSO CARMONA — *António de Oliveira Salazar.*

Decreto n.º 26:229

Usando da faculdade que me confere o § 1.º do artigo 106.º da Constituição: hei por bem, sob proposta do Presidente do Conselho, nomear o Dr. Manuel Rebêlo de Andrade e o Doutor João Pinto da Costa Leite respectivamente Sub-secretários de Estado das Corporações e Previdência Social e das Finanças.

Publique-se.

Paços do Governo da República, 18 de Janeiro de 1936.—
ANTÓNIO OSCAR DE FRAGOSO CARMONA — *António de Oliveira Salazar.*

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO

Supremo Tribunal Administrativo

Secção do Contencioso de Contribuições e Impostos

Recurso ordinário n.º 4:438, sobre imposto profissional do ano de 1933-1934 (empregado por conta de outem), em que é recorrente a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, pelo seu ex-agente João Gomes da Cruz, recorrida a Fazenda Nacional, e de que foi relator o Ex.º Conselheiro Dr. Joaquim de Almeida Novais.

Acordam, em conferência, na secção do contencioso das contribuições e impostos do Supremo Tribunal Administrativo:

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, sociedade anónima, com sede em Lisboa, na Calçada do Duque, 20, reclamou perante o Chefe da Repartição de Finanças do conselho de Espinho contra o imposto profissional lançado ao ex-agente João Comes da Cruz no ano económico de 1933-1934, com o fundamento de ele ter sido reformado em 1 de Março de 1934, deixando desde essa data de lhe prestar serviço, pelo que pediu a onulação e restituição da colecta na parte respeitante ao último trimestre daquele ano económico.

Ofereceu testemunhas e juntou uma procuração.

A fiscalização confirmou a fl. 5 v a alegação da reclamante, mas o chefe da Repartição de Finanças, depois de inquiridas as testemunhas oferecidas, julgou improcedente a reclamação, por entender que a Companhia não tinha legitimidade para reclamar.

Em recurso interposto para o tribunal da 2.ª instância, foi aquela decisão confirmada, pelo Acordão de fl. 18, que este Supremo Tribunal revogou, mandando, pelo acordão de fl. 18, baixar o processo à 2.ª instância para conhecê-lo da reclamação.

Proferiu então aquele tribunal o acordão de fl. 32 v, que negou provimento ao recurso e julgou improcedente a reclamação.

Desse acordão vem o presente recurso, que foi interposto em tempo e com legitimidade.

O processo não contém nulidades.

O que tudo visto.

Com a sua minuta de fl. 42, juntou a recorrente o documento de fl. 44, que não é de considerar por a isso obstar o artigo 20.º do decreto n.º 16:735, de 13 de Abril de 1929.

Fundou-se o acórdão recorrido, para negar provimento ao recurso, na falta de prova do pagamento do imposto profissional impugnado.

Não procede tal fundamento, porquanto não há disposição legal que exija tal prova para se poder reclamar contra uma colecta indevidamente lançada.

No caso de cobrança coerciva, a lei até permite a interposição do recurso extraordinário no prazo de seis meses depois de efectuada a respectiva citação — artigo 52.º, n.º 2.º, alínea 2.º, do decreto n.º 16:735 — e a execução fica suspensa se o recorrente caucionar o pagamento da contribuição exequenda — artigo 158.º do Código das Execuções Fiscais.

E também a apresentação em juízo do duplicado da participação de cessação de indústria ou do exercício da profissão, faz sustar o procedimento executivo pela colecta liquidada posteriormente à cessação quando se mostre ter sido apresentada perante o contencioso das contribuições e impostos a competente reclamação e até decisão desta ou dos recursos dela interpostos decreto n.º 17:30, de 7 de Dezembro de 1929, artigo 2.º § 3.º

Das disposições citadas se conclue que, para se reclamar contra uma colecta indevidamente lançada, nem a lei exige que se junte o documento comprovativo do seu pagamento, nem este tem de preceder a reclamação.

No caso dos autos não há dúvida de que o ex-agente da Companhia recorrente, João Gomes da Couz, deixou de lhe prestar serviço desde 1 de Março de 1934, por ter sido reformado nessa data; assim o afirmou a fiscalização e assim foi provado pelos depoimentos das testemunhas inquiridas.

Em face de tam concludente prova, a consequência lógica e legal é a anulação do imposto profissional que lhe foi lançado, na parte respeitante ao último trimestre do ano económico de 1933-1934, como se pede na reclamação de fl. 2.

Nestes termos, e não obstante o parecer em contrário do digno representante da Fazenda Nacional, concedem provimento ao recurso, revogam o acórdão recorrido e mandam anular a colecta impugnada.

Lisboa, 13 de Novembro de 1935. — J. Novais — Guilherme Augusto Coelho — Sebastião Coelho de Carvalho. — Fui presente, José Adelino Azevedo Sá Fernandes.

Está conforme. — Secretaria do Supremo Tribunal Administrativo, 2 de Janeiro de 1935. — Servindo de Secretário, José de Albuquerque Rodrigues.

Recurso ordinário n.º 4:439, sobre imposto profissional do ano de 1933-1934 (empregado por conta de outrem), em que é recorrente a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, pelo seu ex-agente Manuel Alberto Heitor, recorrida a Fazenda Nacional, e de que foi relator o Ex.º Conselheiro Dr. Guilherme Augusto Coelho.

Acordam na secção do contencioso das contribuições e impostos do Supremo Tribunal Administrativo:

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, sociedade anónima, com sede em Lisboa, reclamou a anulação de um trimestre da colecta do imposto profissional liquidada no 7.º bairro fiscal desta cidade, para o ano de 1933-1934, ao seu empregado Manuel Alberto Heitor, alegando que este foi demitido em 1 de Março de 1934.

A reclamação foi indeferida, com fundamento em que, embora os autos provassem que o colectado deixou de prestar serviço à reclamante, continua a exercer a sua profissão por conta de outra entidade — a Sociedade de Construções e Reparações Navais.

A 2.ª instância, para onde a reclamante recorreu, revogou a sentença, com fundamento em que a recorrente era parte ilegítima para reclamar enquanto não lhe fosse exigido o paga-

mento da impugnada colecta; porém este Supremo Tribunal revogou o respectivo acórdão e julgou a referida Companhia parte legítima para reclamar e recorrer das colectas dos seus empregados, nos mesmos termos em que estes o podem fazer.

Baixou então o processo à 2.ª instância, que pelo seu acórdão a fl... jugou o pedido improcedente, com fundamento em que o recorrente não provou o pagamento da colecta reclamada, como era necessário.

Com esta decisão não se conformou a interessada, pelo que dela recorreu para este Supremo Tribunal, com legitimidade e em tempo.

O que tudo visto:

Tem razão o recorrente.

Já ficou assente neste processo, em acórdão deste Supremo Tribunal, que os responsáveis solidariamente pelas colectas dos seus empregados podem reclamar contra a sua liquidação, nos mesmos termos em que o podem fazer os próprios colectados.

Nenhuma disposição legal obriga o contribuinte a pagar a contribuição ou imposto para poder reclamar, pelo que tal exigência não pode ser feita à recorrente.

A própria lei prevê a hipótese de ao decidir-se a reclamação a final não estar paga a importância em questão, embora as reclamações e recursos não tenham efeito suspensivo senão em certos casos.

Improcede também o argumento com que a 1.ª instância indeferiu a reclamação.

O que está únicamente em causa é a colecta liquidada ao contribuinte como empregado da recorrente e não como empregado de outra entidade.

Se se tratasse de uma tributação de taxa fixa ainda se poderia dizer que havia apenas mudança de responsável solidário pelo seu pagamento e, nesta hipótese, a decisão não deveria concluir pela improcedência do pedido, mas únicamente por declarar a recorrente sem responsabilidade pelo pagamento da colecta.

Mas, desde que a colecta é variável conforme o vencimento do empregado, podendo até não haver lugar à sua liquidação por tal vencimento ser inferior ao limite do rendimento colectável, só há que ordenar a anulação da colecta impugnada, e a administração liquidará nova colecta ao empregado.

Os autos provam que este deixou o serviço da recorrente em 1 de Março de 1934, pelo que há que anular a colecta na parte respeitante a um trimestre.

Pelo exposto, e com o douto parecer desfavorável do digno representante da Fazenda Nacional, concedem provimento ao recurso, revogam as decisões recorridas e atendem a reclamação, pelo que se passará título de anulação respeitante a um trimestre.

Sem custas nem selos.

Lisboa, 13 de Novembro de 1935. — Guilherme Augusto Coelho — Sebastião Coelho de Carvalho — J. Novais. — Fui presente, José Adelino Azevedo Sá Fernandes.

Está conforme. — Secretaria do Supremo Tribunal Administrativo, 2 de Janeiro de 1936. — Servindo de Secretário, José de Albuquerque Rodrigues.

Recurso ordinário n.º 4:446, sobre imposto profissional do ano de 1933-1934 (empregado por conta de outrem), em que é recorrente a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, pelo seu ex-empregado Marco António de Oliveira Montaury do Nascimento, recorrida a Fazenda Nacional, e de que é relator o Ex.º Conselheiro Dr. Joaquim de Almeida Novais.

Acordam, em conferência, na secção do contencioso das contribuições e impostos do Supremo Tribunal Administrativo:

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, sociedade anónima com sede em Lisboa, na calçada do Duque, 20,

reclamou, perante o chefe da Repartição de Finanças do 7.º bairro fiscal, contra o imposto profissional lançado no ano económico de 1933-1934 ao seu ex-agente Marco António de Oliveira Montaury do Nascimento, pedindo a anulação e restituição do referido imposto na parte respeitante aos dois últimos trimestres do mencionado ano económico, com o fundamento de aquele seu ex-agente ter sido reformado em 1 de Janeiro de 1934, deixando desde essa data de lhe prestar serviço.

Ofereceu testemunhas e juntou uma procuração.

A fiscalização confirmou o alegado pela reclamante, mas o chefe da Repartição de Finanças, depois de ouvir as testemunhas oferecidas, indeferiu a reclamação.

Com tal decisão se não conformou a reclamante, que dela recorreu para o tribunal da 2.ª instância, que, pelo acórdão de fl. 19, não considerou a Companhia parte legítima para reclamar; mas esse acórdão foi revogado pelo acórdão de fl. 29, d'este Supremo Tribunal que mandou baixar o processo à 2.ª instância para conhecer da reclamação.

Foi então proferido o acórdão de fl. 35 v, que negou provimento ao recurso e confirmou a sentença da 1.ª instância. Dêsse acórdão vem este recurso, que está em tempo.

As partes são legítimas e o processo não contém nulidades. O que tudo visto :

Com a sua minuta de fl. 42 juntou a Companhia recorrente o documento de fl. 44, que não é de considerar, por a isso obstar o artigo 20.º do decreto n.º 16:733, de 13 de Abril de 1929.

Fundou-se o acórdão recorrido para negar provimento ao recurso na falta de prova de pagamento do imposto impugnado.

Não procede tal fundamento, porque não há disposição legal que exija tal prova para se poder reclamar ou recorrer contra uma colecta indevidamente lançada.

No caso de cobrança coerciva a lei até permite a interposição do recurso extraordinário no prazo de seis meses depois de efectuada a respectiva citação — artigo 52.º, n.º 2.º, segunda alínea, do decreto n.º 16:733 —, e a execução fica suspensa se o recorrente caucionar o pagamento da colecta exequenda — artigo 158.º do Código das Execuções Fiscais.

E também a apresentação em juizo do duplicado da participação de cessação de indústria, ou do exercício da profissão, faz sustar o procedimento executivo pela colecta liquidada posteriormente à cessação quando se mostre ter sido apresentada perante o contencioso das contribuições e impostos a competente reclamação e até decisão desta ou dos recursos dela interpostos — decreto n.º 17:730, de 7 de Dezembro de 1929, artigo 2.º, § 3.º.

Das disposições citadas se conclue que para se reclamar contra uma colecta indevidamente lançada não exige a lei que se junte o documento comprovativo do seu pagamento, nem este tem de preceder a reclamação.

No caso dos autos não há dúvida de que o ex-agente da Companhia recorrente Marco António de Oliveira Montaury do Nascimento deixou de lhe prestar serviço desde 1 de Janeiro de 1934, data em que foi reformado, e assim tem fundamento o pedido de anulação do imposto profissional que lhe foi lançada no ano económico de 1933-1934, na parte respeitante aos dois últimos trimestres dêsse ano.

Nestes termos, e com parecer, desfavorável do digno representante da Fazenda Nacional, concedem provimento ao recurso, revogam o acórdão recorrido e anulam a colecta impugnada.

Sem custas.

Lisboa, 13 de Novembro de 1935. — J. Novais — Guilherme Augusto Coelho — Sebastião Coelho de Carvalho. — Fui presente, José Adelino Azevedo Sá Fernandes.

Está conforme. — Secretaria do Supremo Tribunal Administrativo, 2 de Janeiro de 1936. — Servindo de Secretário, José de Albuquerque Rodrigues.

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS E COMUNICAÇÕES

Direcção Geral de Caminhos de Ferro

Por portaria de 24 de Dezembro findo, visada pelo Tribunal de contas em 2 de Janeiro corrente : João da Silva, condutor de 1.ª classe da rede do Minho e Douro, dos Caminhos de Ferro do Estado — concedida a reforma, nos termos dos artigos 25.º e 26.º do regulamento da Caixa de Reformas e Pensões dos mesmos Caminhos de Ferro, aprovado pelo decreto n.º 16:242, de 17 de Dezembro de 1928, ficando com a pensão mensal de 605\$28. (São devidos emolumentos, nos termos do decreto n.º 22:257).

Direcção Geral de Caminhos de Ferro, 9 de Janeiro de 1936. — Pelo Director Geral, Júlio José dos Santos.

Divisão dos Serviços Gerais

Secção do Cadastro do Pessoal e Arquivo Geral

Por portaria de 25 de Dezembro findo, visada pelo Tribunal de Contas em 7 do corrente mês, sendo devidos emolumentos, nos termos do decreto n.º 22:257 : Jaime Augusto Ferreira, inspector de material e tracção — concedido o 4.º período de diuturnidade, a contar de 19 de Maio de 1934, mas a abonar sómente a partir de 28 de Novembro próximo findo.

Direcção Geral de Caminhos de Ferro, 10 de Janeiro de 1936. — Pelo Director Geral, Júlio José dos Santos

Por portarias de 25 de Dezembro próximo findo, anotadas pelo Tribunal de Contas em 4 do corrente mês, não sendo devidos emolumentos :

Demóstenes Ivo Freitas de Oliveira, inspector do movimento e tráfego, Pedro Augusto Ferreira, idem, idem, e Alexandre Mendes Martins, fiscal principal do movimento e tráfego — desligados do serviço aguardando a aposentação, ao abrigo do disposto no artigo 5.º do decreto n.º 16:669, de 27 de Março de 1929.

Direcção Geral de Caminhos de Ferro, 8 de Janeiro de 1936. — Pelo Director Geral, Júlio José dos Santos.

Divisão de Exploração

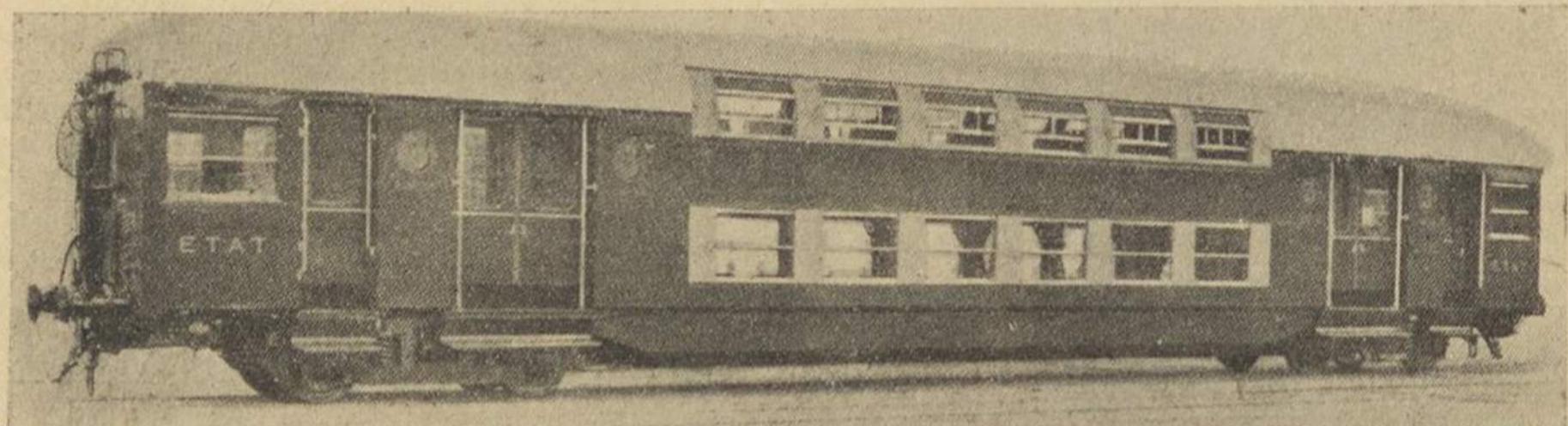
Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações, concordando com o parecer do Conselho Superior de Caminhos de Ferro, que seja aprovado o projecto de aviso ao público estabelecendo uma concessão especial para as remessas de «areia não designada», procedente da estação de Treixedo para a estação de Viseu (local), proposto pela Companhia Nacional de Caminhos de Ferro.

Ministério das Obras Públicas e Comunicações, 9 de Janeiro de 1936. — O Ministro das Obras Públicas e Comunicações, Duarte Pacheco.

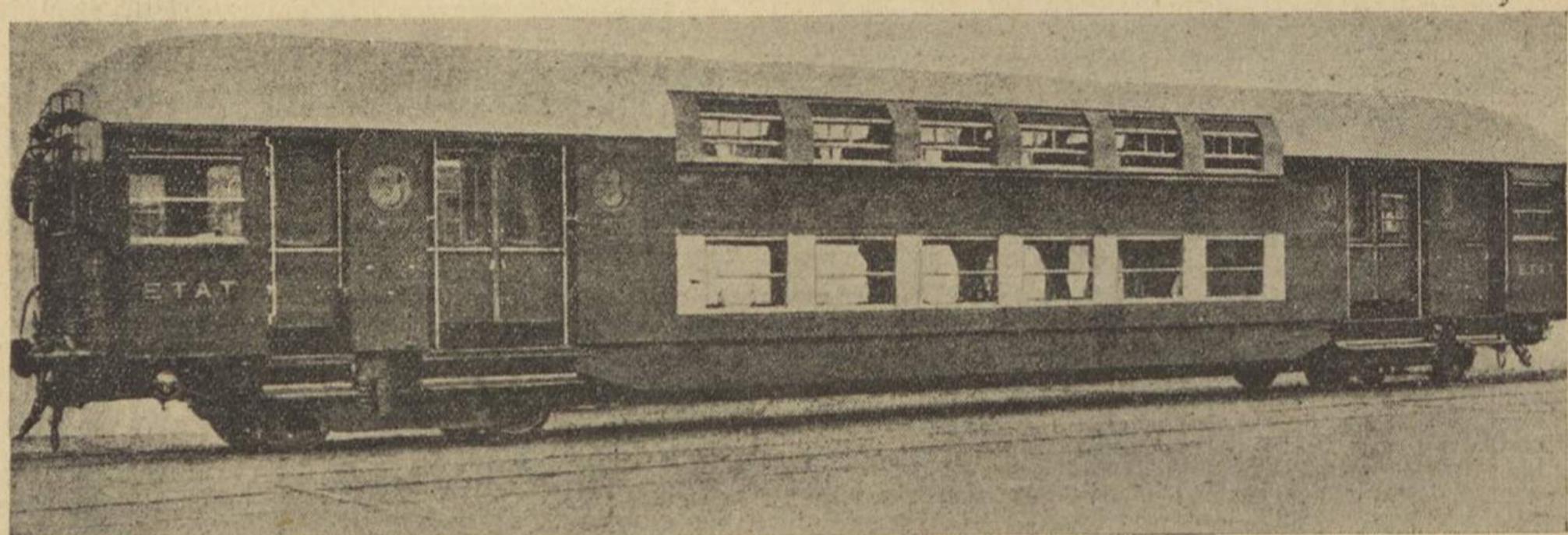
Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações, concordando com o parecer do Conselho Superior de Caminhos de Ferro, que seja aprovado o projecto de aviso ao público (12.º aditamento ao A. n.º 375, de 23 de Maio de 1933) relativamente à abertura à exploração dos novos apeadeiros : de Moscavide, situado ao quilómetro 7.650 da linha de Leste, e da Quinta das Torres, situado ao quilómetro 28,567 também da linha de Leste, proposto pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Ministério das Obras Públicas e Comunicações, 9 de Janeiro de 1936. — O Ministro das Obras Públicas e Comunicações, Duarte Pacheco.

CARRUAGENS MODERNAS



Aspecto exterior da nova carruagem de vários pisos posto em serviço nos Caminhos de Ferro do Estado Francês



Outro aspecto da carruagem de 3 andares, o seu aspecto é agradável à vista, muito embora o pavimento inferior esteja apenas a 30 cm. dos raios

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações, concordando com o parecer do Conselho Superior de Caminhos de Ferro, que seja aprovado o projecto de aviso ao público sobre o transporte de fruta fresca de mesa, legumes e hortaliças frescas, proposto pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses com o acôrdo da Sociedade Estoril.

Ministério das Obras Públicas e Comunicações, 9 de Janeiro de 1936.—O Ministro das Obras Públicas e Comunicações, *Duarte Pacheco*.

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações, concordando com o parecer do Conselho Superior de Caminhos de Ferro, que seja aprovado o projecto de aviso ao público concedendo aos expedidores que tiverem transportado durante o prazo de um ano um mínimo de toneladas superior a 2.000, 3.000 e 4.000 respectivamente o abatimento de 25, 30 e 35 por cento no custo total do transporte (incluindo a manutenção), proposto pela Sociedade Estoril.

Ministério das Obras Públicas e Comunicações, 9 de Janeiro de 1936.—O Ministro das Obras Públicas e Comunicações, *Duarte Pacheco*.

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações, concordando com o parecer do Conselho Superior de Caminhos de Ferro, que seja aprovado o projectado de aditamento às tarifas especiais n.ºs 14, de grande velocidade, em vigor na antiga rede, e 1, de grande velocidade em vigor nas linhas do Sul e Sueste e Minho e Douro, sobre a aquisição de bilhetes de assinatura semanal e mensal entre Pôrto e Braga, Barcelos e Viana do Castelo, e entre Braga e Viana do Castelo, proposto pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

Ministério das Obras Públicas e Comunicações, 9 de Janeiro de 1936.—O Ministro das Obras Públicas e Comunicações, *Duarte Pacheco*.

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações, concordando com o parecer do Conselho Superior de Caminhos de Ferro, que sejam aprovadas as novas tabelas n.ºs 11 e 12 da tarifa especial interna n.º 1 de pequena velocidade, para vigorar na rede própria da Companhia Nacional de Caminhos de Ferro.

Ministério das Obras Públicas e Comunicações, 9 de Janeiro de 1936.—O Ministro das Obras Públicas e Comunicações, *Duarte Pacheco*.

ECOS & COMENTÁRIOS

Por PLÍNIO BANHOS

A DECADÊNCIA DO AUTOMÓVEL

TODAS as modas têm o seu tempo marcado.

O teatro teve a sua fase que durou umas dezenas de anos substituindo-o o cinema, por ter mais vida e apresentar-se modernamente desempenhado. Claro que o teatro cedeu ao cinema o seu logar por lhe faltar modernismo e actualidade na sua realização. O cinema deu logar ao cinema sonoro, e agora os cinemas começam a viver mal, a principiar na França onde alguns já deram a alma ao criador.

Agora vamos ao automóvel.

É certo que ele teve o seu auge em quase todos os grandes centros de actividade, mas certo é que agora começou a entrar na decadência, não faltando pois muitos anos que ele não dé a alma ao criador.

Anunciam em letras bem gordas os periódicos franceses que os negociantes de automóveis se mostram verdadeiramente preocupados com a grande crise que começou a atravessar a indústria do automóvel em França, onde era uma das maiores. Calcula-se mesmo que a produção anual baixou 70.000 unidades.

Esta informação dá-nos «O Volante», que é insuspeito em assuntos desta natureza.

Nas suas considerações acrescenta a interessante Revista que «deste modo, a indústria francesa que, nas estatísticas mundiais aparecia em 2.º lugar, isto é, imediatamente aos Estados Unidos, passará este ano para o quarto lugar, depois da Inglaterra e da própria Alemanha.

Isto oferece um aspecto grave, pois é preciso ter em conta não só as indústrias subsidiárias da do automóvel, como esta em si que mantém a existência de aproximadamente dois milhões de pessoas,

Curioso é de notar que em 1933 a indústria do automóvel consumiu 250.000 toneladas de aço, 6 milhões de metros quadrados de tela e 5 milhões de lampadas eléctricas, isto sem contar com muitos outros materiais indispensáveis à indústria e que atingiram uma considerável importância, dando trabalho a muitos milhares de operários e activando extraordinariamente outros ramos da indústria.»

Era fatal esta derrocada.

O problema apresenta-se complicado e o Estado francês sente também a diminuição nas suas receitas dos impostos fiscais lançados à indústria automobilista.

Isto não é para admirar pois é como todas as coisas neste mundo que... passam de moda.

O caminho de ferro não passou ainda de moda, o que necessita é ser actualizado com novos maquinismos eléctricos.

Vamos a ver o que nos dá o ano corrente.

O QUE CUSTA A S. D. N.

CONTA o importante diário «Notícias de Évora», a propósito do que custa a Sociedade das Nações o seguinte:

«O orçamento da S. D. N., o famoso agrupamento genebrino, que mantém em equilíbrio as várias nações, tentando — bem ou mal — evitar novas guerras — o que nem sempre consegue — está calculado em 29.390.000 francos suíços.

Fazendo-se-lhe as contas em relação ao dinheiro português, encontrase-á duzentos e quinze mil contos, verba importantíssima para organismo de tão reduzido número, se bem que dele façam parte muitas nações.

Continuando a fazer contas chegaremos à conclusão de que o referido organismo gasta por mês 18.000 contos, por dia 600, 26 por hora e 416 escudos por minuto.

É caro, não ha dúvida, mas seria muito barato se a S. D. N. conseguisse terminar com as guerras.

O peor é que, apesar dos seus esforços as guerras continuam a flagelar o mundo. Mas se a S. D. N. não existisse talvez fosse peor. Conclue-se daqui, que, apesar de tudo, aquele organismo sempre serve para alguma coisa e que ha muito dinheiro peor gasto.»

ATERRISAGENS NOCTURNAS

UM dos grandes problemas da aviação que ainda não está bem desenvolvido é sem dúvida aquele com que luta o piloto dum avião-aterrisagem nocturna.

Este problema foi um dos que a Alemanha mais desenvolveu, após a grande guerra, por ter reconhecido de oportunidade e de grande importância, pelo que ali se fizeram inúmeras experiências, que até hoje não são consideradas a última palavra.

Antes da guerra de 914, inventaram um sistema que bastante auxiliava os pilotos nas manobras de aterrissagem nocturna nos aeródromos, sem esta constituir perigo.

No centro do aeródromo era colocada uma luz branca, de grandes dimensões e forte potência, no fundo dum pôço coberto com um vidro branco de grossa espessura para resistir aos embates dos aviões e ao tempo. A 75 metros desta luz existiam quatro luzes vermelhas, correspondentes aos pontos cardinais, e também abaixo do nível do solo. Cada uma destas luzes vermelhas estava em contacto, por meio de fios subterrâneos, com um catavento montado num ponto conveniente. A luz central brilhava durante a noite e as luzes encarnadas determinavam a direcção do vento. Se por exemplo o vento estava de Este, brilhava, além da luz branca a luz vermelha do citado ponto cardinal; se o vento era Nordeste, brilhavam as luzes do Norte e do Este. O catavento acendia e apagava as luzes por um sistema eléctrico automático.

CARTAS DE JOGAR PORTUGUESAS

TENHO presente alguns baralhos de cartas editadas e litografadas em Portugal, oferta esta duma conhecida casa comercial de Lisboa.

Apesar destas serem feitas no nosso país notam-se os azes com vistas de Pfuls u Camp, Siebengebirg, Lurlei, Bingen, Rhematem, Stolzenfels, Nassar, e Bad Ems.

Porque razão não procuram os seus confeccionadores substituir estas vistas por outras tantas de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Viana do Castelo, Sintra, Cascaes, Mafra, ou outras localidades do nosso país?

Não confundir este pedido com o que fez Mr. Guillemand, na Câmara dos Deputados de França em que o furor de republicanismo o levou a solicitar da Câmara a substituição dos quatro reis, condes e damas por elementos da República francesa como seja Adolphe Ziers, (rei de espadas) Marechal Mac-Mahon, (rei de oiros); Julio Grevij, (rei de paus); Saroi Carnot, assassinado em Lijão por um anarquista italiano, (rei de copas), os quatro primeiros presidentes da República de França e os valetes e damas também por nomes de passos de maior destaque na referida nação.

Foi uma febre perigosa que ainda por cá não passou.

CURIOSA ESTATÍSTICA

INFORMA-NOS uma estatística americana, publicada numa revista, o relato de um viajante que se resume nas informações seguintes:

Países visitados, 19; vezes que ouviu o hino americano, 78; cidades depositadas, 19; discursos de saudação pronunciados, 53; respostas a vários discursos, 41; metros de tapete vermelho percorrido, 1.870; horas durante as quais esteve com a cabeça descoberta, 29; dias de viagem, 32; reis e rainhas encontradas, 7; audiências com o Papa, 1; palácios visitados, 31; soldados passados em revista, 19.807; músicas militares ouvidas, 118; dias aborrecidos, 0! prendas compradas, 26; generais encontrados, 52; generais com quem se entrevistou, 216; medalhas vistas, 428; pratos com frango, 53; pratos em que poderiam ter servido frango, 62; banquetes com café, 88; número de gorjetas dadas, 310. Não nos informa este notável viajante as gramas de juizo que perdeu a ouvir os discursos de saudação, a contar os metros de tapete vermelho, nem nos informa quantos calices de vinho tomou e quantos quilos de alimento ingeriu.

Nesta descrição deve haver uma «escovadela» embora pequena, que nos faz não acreditar nas entrevistas com 216 generais em 32 dias.

Isto mete aldrabice pela certa.

Ou então é uma americanice das do costume!

VICTÓRIAS PORTUGUEZAS

Por L. DE MENDONÇA E COSTA

Ao encararmos os felizes successos das armas portuguezas em Moçambique, o nosso espirito, emocionado pela admiração, pelos feitos dos nossos valentes soldados, pela sua nunca desmentida intrepidez, pela sua coragem sem limites, e finalmente pelo seu prodigioso trabalho de dedicação e de sacrificio, levantou-lhes bravos freneticos.

Ao vél-os aqui, de regresso, abatidos e marcados pelo terrivel paludismo das terras de Africa, a alma nacional — essa grande alma de um povo digno que pôde estar adormecido, mas não morto — estremeceu de jubilo n'uma expansão mixta de entusiasmo e de tristeza.

Mas a obra d'esses corajosos guerreiros foi mais longe do que elles mesmos pensaram a o atacar, resolutos, disciplinados e uuidos como n'uma parada, legiões de pretos poderosas, ao arrostar com as inclemencias de climas mortiferos. Acima dos resultados physicos d'essa campanha está ainda o resultado moral na affirmação de que não está ainda comprida a missão d'este povo, experimentado, como poucos, em todas as epochas da História.

De toda a recente campanha, não foi o seu brilhantissimo epilogo o facto principal, não foi certamente a prisão de um regulo poderoso, imbecil e ignorante, o que mais gloria trouxe ao exercito portuguez.

O acontecimento principal que a todos sobreleva foi o resultado moral d'essa lucta, foi o ter sahido dos campos de Marraquene, Coolela e tantos outros, não só a derrota de um revoltado, mas especialmente o inicio da restauração do nome portuguez de ha tanto abatido pela inercia a que nos votaramos.

Batalhando e morrendo em Africa, o nosso soldado mostrou aos ambiciosos da Europa que Portugal sabe, quer e pôde manter os seus direitos, ainda mesmo a troco de pesados sacrificios.

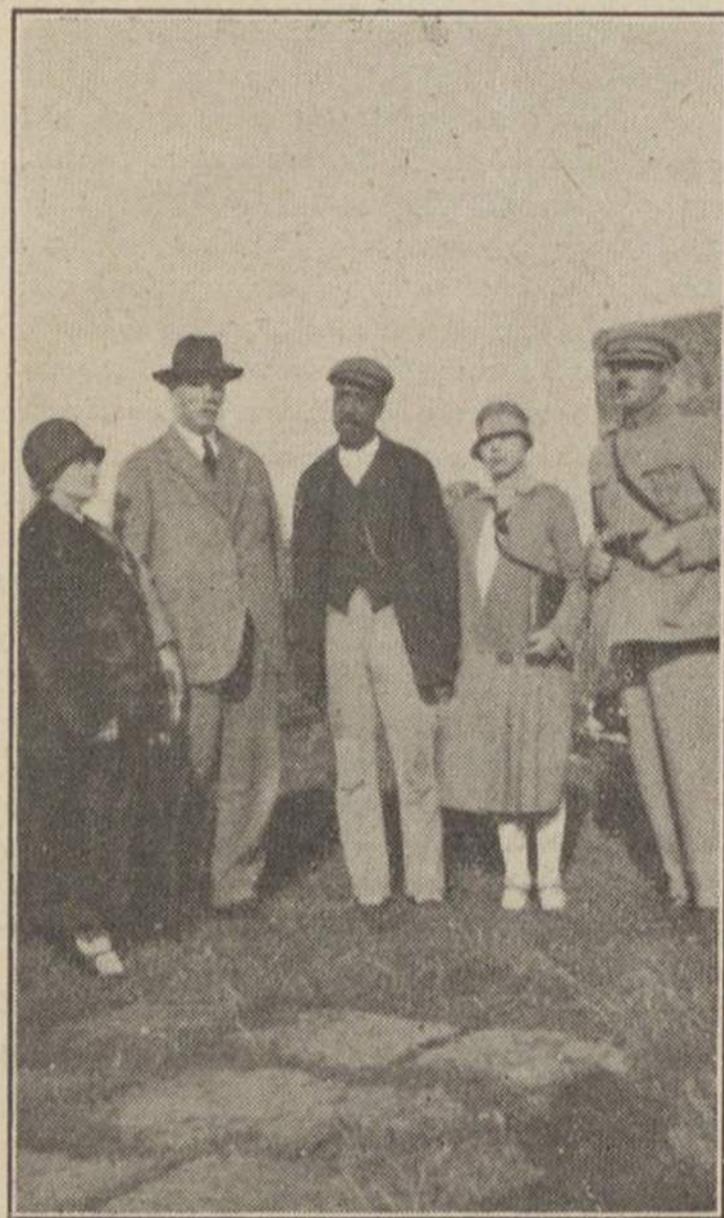
O vencer o Gungunhana era muito, mas muito mais foi o salvar a dignidade nacional.

E foi esse o grandioso trabalho do soldado portuguez.

De facto, quando passava por axioma em toda a Europa a nossa fraqueza, quando o nosso abandono era apontado e criticado por todos os paizes, quando a par dos insultos de jornaes assalariados, recebiamos de governos que se dizem amigos affrontosas humilhações, não podíamos desejar melhor vingança do que esta que nos proporcionaram as ultimas guerras.

Aos que nos tomaram como fracos, mostrámos como se sabia morrer com valentia na Guiné, no sertão de Angola, e por fim em Lourenço Marques. Aos que se riam da nossa falta de recursos indicámo-lhes como se podia fazer face ac mesmo tempo aos revoltosos de Angola, aos de Timôr, aos da Guiné, aos de Moçambique, e por fim aos da India.

Regeitando todos os auxilios, encontrámos no valor



ULTIMO RETRATO DE "ZIXAXA" — O Marechal Gomes da Costa quando da sua estada em Angra do Heroísmo, acompanhado de sua esposa, tendo à esquerda o "Zixaxa" e o tenente Anacleto dos Santos

do nosso exercito a força necessaria para nos fazer respeitar em tão distantes como diferentes paragens.

Para um paiz que estava considerado morto, é muito todo esse trabalho.

Para um paiz que quer viver, é pouco ainda.

Falta o resto.

Falta aproveitar este momento de felicidade, tão raro entre nós, completando o que se fez com amplas medidas de administração assentes em planos definidos e claros.

Temos sido accusados de não ter tino para nos governar e de não ter forças pâra nos fazer respeitar.

A ultima affirmativa desmentimol-a nós brilhantemente, como a poucos paizes tem sido dado fazer.

E' preciso desmentir a primeira.

E bem conjugados estes dois grandes elementos do progresso — boa administração e força — teremos conseguido o engrandecimento da Pátria.

Tal é a nossa mais ardente aspiração.

HÁ QUARENTA ANOS

Da *Gazeta dos Caminhos de Ferro* de 1 de Fevereiro de 1896

Estatísticas

As contas da Companhia do caminho de ferro de Guimarães, respeitantes ao exercício de 1895, mostram que o rendimento do tráfego durante aquelle anno foi de 71:116\$611 réis ou mais 3:535\$083 réis que no anno anterior; o numero de passageiros foi de 189.440 e o seu producto de 40:875\$555 réis ou mais, em numero, 7.184, e em producto, 1:483\$895 réis do que no ultimo anno; o transporte em mercadorias de grande e pequena velocidade foi de 29.708 toneladas, ou menos de 25 toneladas, e o seu producto de 29:540\$375 réis ou mais 2:013\$432 réis do que no exercício anterior; a receita fóra do tráfego foi de 700\$741 réis, a media annual kilometrica 2:071\$055 réis ou mais 103\$010 réis do que em 1894.

As despesas de exploração, incluindo as de reparações, sommaram 24:879\$115 réis, menos 711\$991 réis do que no anno anterior. Portanto o resultado liquido, deduzidas as despesas de exploração durante o anno, foi de 46:237\$496 réis ou mais 4:245\$074 réis do que no anno anterior, isto é, quasi 10 por cento livre.

D'aquelle resultado liquido, deduzindo-se as amortizações completas de contas geraes de despesas na séde da companhia de 1:294\$690 réis, imposto de transito e sellos, e de bonus ao governo, de 4:465\$597 réis; contribuição industrial e predial 484\$218 réis, gratificações aos empregados relativas a 1894, réis 859\$500, e subsídios á sua caixa de socorros 230\$545 réis, fica restando, como lucro liquido do anno, a quantia de 38:903\$146 réis, do qual se applicou a quantia de 27:036\$629 réis para o pagamento antecipado e total dos encargos geraes da dívida fluctuante da companhia, os quais foram em 1895 menores de 972\$279 réis do que os do anno anterior, ficando portanto na conta de Lucros e Perdas d'este anno o saldo positivo de 11:836\$517 réis ou mais 3.695\$673 réis do que no anno preterito, para ser applicado ao devidendo do capital accionista.

Vê-se n'este exemplo como uma cuidadosa administração pôde conduzir uma companhia, que esteve periclitante, ao caminho da prosperidade.

De Lisboa a Paris ou vice-versa em 39 horas

Parece que, finalmente, graças ás tenacissimas insistências da administração da companhia portugueza, vamos ter um rapido *a valer* entre Lisboa e Paris.

O negocio não está ainda de todo resolvido, pelo que não podemos ainda dar a boa noticia de quando o novo serviço começará a vigorar, mas está bem encaminhado para que brevemente tenha a solução que tanto desejam os que se utilizam do *sud-express* para ir a Paris ou vir d'ali.

O caso dependia de que a companhia do Norte de Espanha se oppunha a alterar a marcha d'este comboio no seu percurso, fundando-se em que não podia fazer manobrar materiaes em Medina a um tempo, reunindo ali o comboio descendente de Paris com o ascendente de Madrid, e o que ia de Lisboa e aqui havia de regressar.

Houve, portanto, que separar por completo o serviço, do que ainda resulta uma maior vantagem para o comboio directo para Portugal como adeante diremos.

O *Sud-Express* poderá partir de Lisboa ás terças e sextas pelas 6 horas da tarde e, chegando a Paris pelas 10 da manhã, terá feito o trajecto em 39 horas e alguns minutos, attentas as diferenças de meridiano.

O de Madrid sae d'aquella cidade aos domingos e quintas-feiras e seguirá a mesma marcha que hoje.

Em sentido descendente partirá de Paris ás segundas e sextas-feiras para Madrid, seguindo a marcha hoje em vigor, e para Lisboa sahirá ás 7,25 da tarde, para aqui estar pelas 10 da manhã.

Como se pôde ganhar esta diferença, em relação ao horario actual, de perto de 5 horas e meia á ida e de 2 horas á volta?

Primeiramente porque, sendo o trem de Lisboa independente do de Madrid, a demora nas fronteiras pôde ser muito menor, por não haver que visitar bagagens que se destinem á capital da Espanha, e sendo bem raras as que se dirigem aos pontos intermedios, entre Fuentes de Oñoro e Irun, as operações das alfandegas hespanholas limitam-se á sellagem dos volumes para que possam transitar de uma a outra fronteira, visto que se destinam a paiz estrangeiro.

Depois evita-se a inqualificavel actual demora em Medina, parando o comboio apenas uns poucos minutos para toma d'agua. Depois ainda uma boa meia hora só poderá economizar, não tornando obrigatorio aos passageiros ir á *gare* do Norte como até hoje, fazendo seguir o comboio de Les Aubrais para a *gare d'Orleans*.

Como é sabido, quer dos viajantes de Lisboa quer dos transatlanticos que veem desembarcar aqui para se dirigirem ao centro da Europa, preferindo a maior despesa que isso lhes origina a continuar a viagem maritima, de que já estão fartos quando aqui chegam, quer d'uns quer d'outros, diziamos, raras, rarissimos são os que se dirigem directamente a Londres, á Belgica, á Hollanda, sem pararem em Paris.

Ora n'estas condições escusado é fazer-lhes perder meia hora para os levar á estação do Norte, podendo empregar a metade, a terça parte d'esse tempo para chegar ao hotel, na capital francesa.

E mesmo as que tenham que seguir logo para mais além, como os comboios para Londres, por Calais, sahem do Norte ás 11 horas e 50 minutos e para a Belgica, Hollanda e Alemanha ao meio dia e 40, chegando á *gare* de Ivry ás 10 horas ou pouco mais, teem sempre tempo de atravessar a cidade, de tomar qualquer refeição, etc., sem perigo de perder o comboio.

Bom será que se comprehenda que não deve sacrificar-se o maior numero, que é indubitablemente o dos que ficam em Paris, aos raras viajantes apressados que não querem entrar na magica cidade, e muito mais quando estes ainda lucram em commodidades, porque diferente é almoçar em qualquer bom restaurante ou hotel dos *boulevards* a ser compellido a servir-se do *bufette* da estação do Norte, posto que este faça excellente serviço, não tendo em volta da praça de Roubaix mais que restaurantes de infima classe.

Ora se o nascimento do verdadeiro rapido Lisboa-Paris coincidisse com a morte das quarentenas, não era tão bonito serviço?

Linha Urbana do Porto

O estado dos trabalhos em 31 de Dezembro findo, segundo o relatorio pelo distinto director dos caminhos de ferro do Minho e Douro, o sr. Justino Teixeira, fornecido á Associação Commercial do Porto, era o seguinte :

1.º Troço—*Perfis* o a 22. — Os trabalhos das tres empreitadas, em que foi dividido este troço, teem continuado com toda a actividade, achando-se completamente acabada a segunda (passagem inferior da rua do Freixo) e em via de conclusão a 1.ª e a 3.ª, faltando apenas n'esta (viaducto de Rego Lameiro) o assentamento de parte do cordão e guardas.

As situações dos trabalhos d'estas empreitadas, referidas a 30 de novembro proximo passado, importaram no seguinte :

| | |
|--------------------------|-----------------|
| 1.ª empreitada | 2:851\$641 réis |
| 2.ª » | 1:100\$000 » |
| 3.ª » | 10:423\$249 » |

Todas as obras estão executadas com a maior perfeição e

PROGRESSOS DO NORTE

A INAUGURAÇÃO DE UM ESTABELECIMENTO MODELAR NO PORTO

NA Rua 31 de Janeiro, da cidade Invicta foi inaugurado no dia 18 do mês findo as novas instalações dos estabelecimentos comerciais de Agostinho Ricou Peres, inauguração que se salientou pela série de amigos e apreciadores do distinto comerciante que acorreram a felicitá-lo pelo seu grande empreendimento.

Um "Pôrto de Honra" serviu de base para que vários oradores puzessem em destaque as excelentes qualidades do sr. Ricou Peres, homenagem de grande aprêço que lhe prestaram os srs. Raul de Sousa Ferreira, em nome da Associação dos Comerciantes; António Pinto Moreira, em nome do Ateneu Comercial do Pôrto; Domingos Ferreira, António Pires Júnior, Agostinho Ribeiro Pinto, José Maria Simões, António Augusto Regueira e José Albano em nome do pessoal e das casas comerciais que representavam.

Os estabelecimentos do sr. Ricou Peres dedicam-se especialmente ao ramo de: locomotivas, caldeiras, máquinas a vapôr e maquinaria industrial e agrícola, artigos de electricidade e ferramentaria.

A inauguração dêste importante estabelecimento teve as honras de um importante acontecimento e ali compareceram os mais importantes comerciantes do Norte, além de capitalistas do Pôrto que quizeram patentejar ao seu proprietário as homenagens que êle bem merece.

De Lisboa seguiram especialmente com o fim de assistir também à referida inauguração os srs. José Honorato de Carvalho e Alvaro Figueiredo de Al-

meida, representantes da importante firma Black, Limitada, desta cidade, e o sr. Gilberto Séqueira que expôs dentro do mesmo estabelecimento o seu interessante "stand" das lâmpadas "Pallas", além de outros convidados.

No final do "Pôrto de Honra", o sr. Agostinho Ricou Peres agradeceu comovidamente tôdas as demonstrações de amizade e simpatia que lhes prestaram os seus amigos e admiradores.

A Direcção do Asilo do Têrço, a que pertence o ilustre comerciante, no desejo de se associar a essas manifestações de aprêço, mandou a sua banda de música tocar alguns trechos durante a inauguração do modelar estabelecimento, surpresa esta que muito sensibilizou o homenageado.

HEMORROIDAL VARIZES—FLÉBITES Ridalines Pills

dos Laboratórios ARNAUD, de Paris
Autorizado pela Direcção Geral de Saúde

O PRODUCTO QUE FALTAVA SOB ESTA FORMA E COM ESTE VALOR

Suprime as pomadas, supositórios, banhos, etc.
que são apenas palliativos

Acção rápida e segura, nas HEMORRAGIAS, DORES
e PRURÍDOS. Reducção e desaparecimento
das HEMORROIDAS

À VENDA NAS FARMÁCIAS:
TEIXEIRA LOPES & C.ª, Rua do Ouro, 154 — ESTÁCIO, Rocio
AVELAR, Rua Augusta, 225 — LIBERAL, Av. da Liberdade, 213
E NAS BOAS FARMÁCIAS

Representante exclusivo em Portugal
E. NEUVILLE DA CONCEIÇÃO, Limitada
Rua da Magdalena, 46, 2.º
LISBOA
TELEFONE 23572

solidez, especialmente o viaducto de Rego Lameiro, que é, seguramente, a obra mais importante d'estas empreitadas.

Estação Central.—Os trabalhos da estação central de exploração provisória constituem uma empreitada com a designação de «Empreitada E.»

Esta empreitada tem tido um considerável desenvolvimento, demonstrando os empreiteiros a sua competencia no modo por que teem dirigido os trabalhos, que, embora só devessem estar concluidos em setembro do proximo anno, pôde bem calcular-se que estarão terminados em abril proximo futuro.

Na situação referida a 30 de novembro findo foram abonados aos empreiteiros trabalhos no valor de réis 66:385\$303, havendo por isso apenas a abonar-lhes a quantia de 21:614\$697 para o completamento da importancia total da empreitada.

A obra mais importante d'esta empreitada, que falta concluir, é o muro de supporte da rua da Madeira.

Os aqueductos estão quasi todos concluidos.

As terraplenagens continuam com bastante desenvolvimento, sendo os transportes feitos por tracção a vapor.

O material de via para todo o lanço já se acha adjudicado,

tendo sido abertos tres concursos publicos: um para carris e respectivo material de fixação, outro para placas e signaes e outro para travessas.

Um assumpto de grande importancia, relativo á estação central, se acha submetido á aprovação superior, e que pôde bem traduzir-se de grande alcance para a construcção da estação definitiva e evidentemente de vantagens economicas para o Estado.

Consiste a proposta em construir imediatamente os tunneis completos do projecto definitivo, abrindo uma galeria na trincheira na frente dos mesmos tunneis em toda a largura da estação, a fim de se poderem construir rapidamente os dois tunneis que faltam e a parte correspondente do muro de testa.

Não posso remetter nota relativa aos serviços de exploração, por não estarem ainda n'esta epocha collecionados os elementos indispensaveis.

— ESTE NÚMERO FOI VISADO —
— PELA COMISSÃO DE CENSURA —



Os telefones e os "icebergs"

Com os serviços telefónicos sucede o mesmo que com os "ICEBERGS". A parte que não se vê, é muito superior à parte visível.



Edifícios próprios para Estações Centrais



Centenas de empregadas telefonistas e de todas as categorias

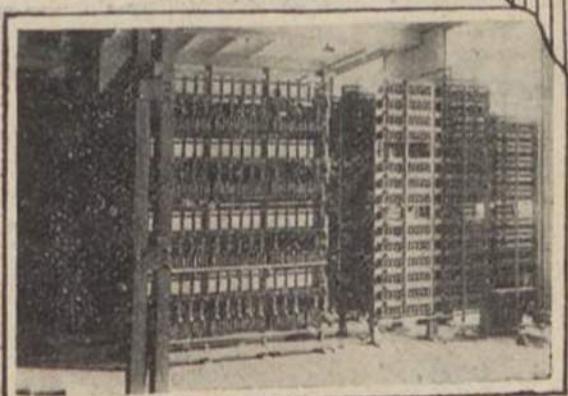


Caixas e cabos subterrâneos com milhares de quilómetros

O pequeno aparelho que V. Ex.ª possue em cima da meza de trabalho, ou em sua casa, está em contacto com uma vastíssima rede que compreende: milhares de quilómetros de cabos subterrâneos, milhões de quilómetros de postes, milhões de isoladores, centenas de empregados e empregadas trabalham dia e noite para o vosso serviço, grandes edifícios próprios encerram milhares de contos de reis em aparelhagem delicada e sensível, que vai sendo sempre aperfeiçoada. Nada disto se vê... e contudo existe. Medite-se um pouco e chegar-se-ha a conclusão que



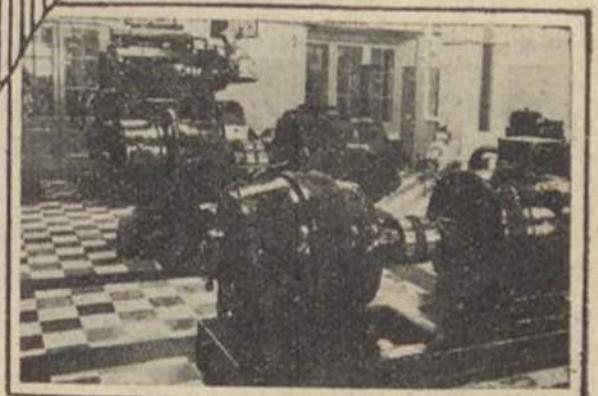
Milhares de postes por toda a parte



Aparelhagem delicadíssima avaliada em milhares de libras

O TELEFONE É DE GRAÇA

pelos serviços que presta !!



Motores, Dinâmos, Transformadores, etc.

THE ANGLO-PORTUGUESE TELEPHONE CO., LTD.

RUA NOVA DA TRINDADE, 43 — LISBOA
RUA DA PICARIA, 5 — PORTO

LUSA LITE

Chapas onduladas para telhados, e lisas para tabiques, tetos, isolamentos, etc. Canalizações de agua, gaz e vários produtos químicos, industriais e agrícolas para protecção de redes subterrâneas electricas e telefónicas, etc.

CORPORAÇÃO MERCANTIL PORTUGUESA, L. ^{DA}

RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA — Telefones 23948 e 28941

Companhia do Caminho de Ferro de Benguela

CAPITAL ACÇÕES — Esc. (ouro) 13.500.000\$00

CAPITAL OBRIG. — Esc. (ouro) 44.165.070\$00

SÉDE EM LISBOA

LARGO DO QUINTELA, 3

COMITÉ DE LONDRES:

PRINCES HOUSE, 95, GRESHAM STREET, E. C. 2

Linha férrea construída e em exploração:
Desde o Lobito à Fronteira, quilómetros 1.347. Distância do Lobito à região mineira da Katanga: Quilómetros 1.800

Tomás da Cruz & Filhos, Ltd.^a

Telefone PRAIA DO RIBATEJO N.º 4

Armazéns de madeiras e Fábricas Mecânicas de Serração

PRAIA DO RIBATEJO, PAMPILHOSA DO BOTÃO, CAXARIAS E CARRIÇO

CAIXOTARIA
DOCA DE ALCANTARA
LISBOA

Séde para onde deve ser dirigida toda a correspondência:

PRAIA DO RIBATEJO — PORTUGAL

Telegrams: TOCRUZILHOS

Praia do Ribatejo

A duração e regularidade

de trabalho nas máquinas depende, principalmente, dos OLEOS EMPREGADOS

Use V. Ex.ª exclusivamente os OLEOS MINERAIS



((AGUIA))
E FICARÁ SATISFEITO

A. DE SOUSA ANDRADE

Rua Trindade Coelho, 1-C-1.^o

TELEFONE 1197

P O R T O

TINTURARIA Gambouriac

11, LARGO DA ANUNCIADA, 12

TELEFONE 26415

Sucursal no Pórt: RUA DE S.ª CATARINA, 380

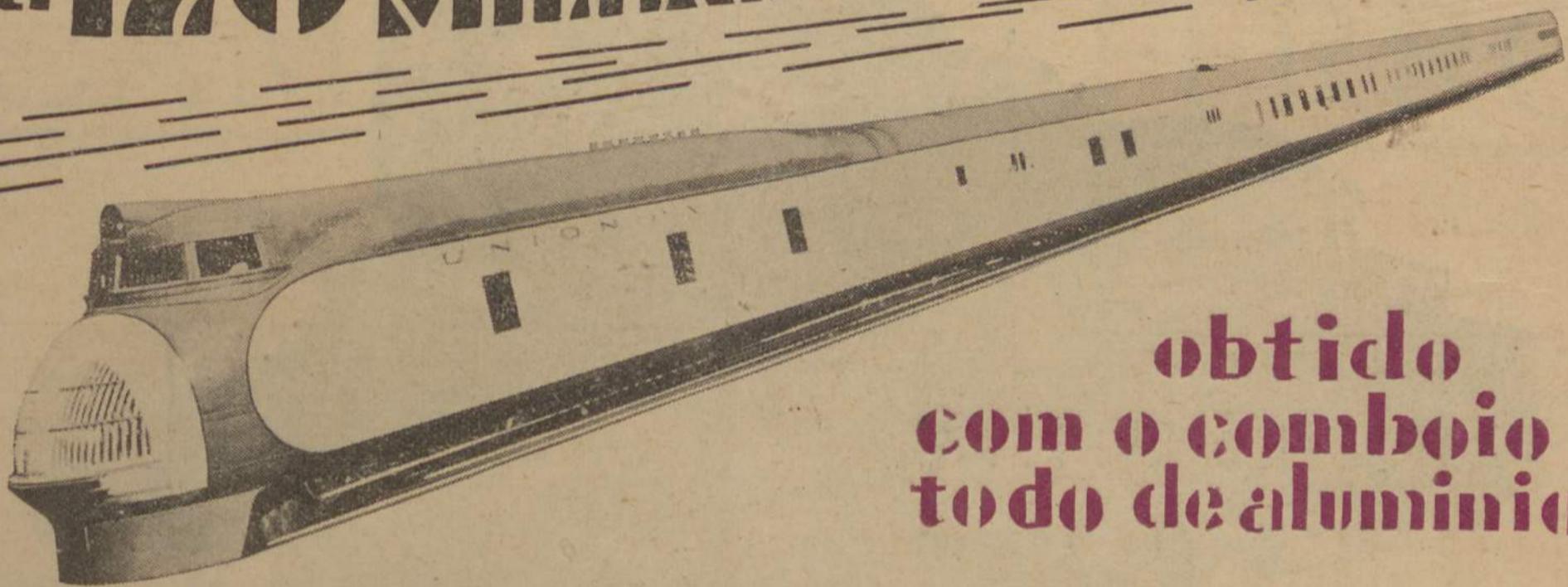
Oficinas a vapor — RIBEIRA DO PAPEL

Tintas para escrever de diversas qualidades
rivalizando com as dos fabricantes
ingleses, alemãis, e outros

Tinge seda, lã, linho e algodão em fio ou em tecidos bem como
fato feito ou desmanchado — Encarrega-se de reexpedição pelo ca-
minho de ferro ou qualquer outra via — Limpa pelo processo
parisiense fatos de homem, vestidos de seda ou de lã, etc., sem
serem desmanchados — Os artigos de lã, limpos por este pro-
cesso não estão sujeitos a serem atacados pela traça.

a 120 MILHAS á hora

MENOS COMBUSTIVEL
MAIS PASSAGEIROS E TARIFAS
MAIS ECONOMICAS



obtido
com o comboio
todo de alumínio

ALUMINIUM UNION LTD.

LONDRES,

Inglaterra

CONCESSIONÁRIO EXCLUSIVO PARA PORTUGAL

NICOLAS ROMERO

141, AVENIDA DOS ALIADOS — PORTO

O novo comboio aerodinâmico da UNION PACIFIC foi construído inteiramente com ALIAÇÕES de ALUMINIO, exceptuando a instalação da fôrça motriz, jogos de rodas de aço, longarinas, carlingas e cabeçotes.

A sua primeira viagem foi um verdadeiro desafio lançado para combater o incremento dos tráficos aereo e por estrada, assim como a baixa observada nas receitas dos Caminhos de Ferro.

Todos os records mundiais de velocidade foram ultrapassados quando alcançou a pasmosa velocidade de 120 MILHAS POR HORA. Méde 376 pés de comprido e pesa sómente 210 TONELADAS, enquanto que o peso do convencional comboio a vapôr é de quasi 700 TONELADAS. Esta enorme redução de peso morto é aproveitada pelas Companhias de maneiras diversas, utilizando-a para: reduzir o custo da exploração, diminuição de tarifas, aumento da capacidade de transporte de passageiros, rapidez de percursos, etc.

O ALUMINIO revolucionou muitos Caminhos de Ferro na maior parte dos paizes. Factos e cifras comprovadas estão à sua disposição. Porque não consulta o nosso pessoal técnico sem nenhuma obrigação da sua parte?

AOS SRS. EMPREITEIROS DE ESTRADAS

OS MELHORES PICARETAS
PREÇOS MARRETAS
MARTELÕES

TELEGRAMAS: CASA EZEQUIEL

É favor ao escrever
fazer referência a
este ANUNCIO

FORQUILHAS

(MÓDULO ESPECIAL DA NOSSA CASA,
USADO E PREFERIDO
PELOS PRINCIPAIS EMPREITEIROS)

CASA EZEQUIEL

86, Largo dos Loios, 89

PORTO

FORNECEDORES DAS PRINCIPAIS COMPANHIAS DE CAMINHOS DE FERRO

PÁS
ENXADAS
ALAVANCAS

O SORTIDO MAIS
COMPLETO EM TODAS
AS CLASSES DE
Ferragens para Construção

TELEFONE: 1607

BOLSA - PREDIAL

DE
A. F. RAMALHO

POR INTERMÉDIO DELA ENCONTRAREIS
A GARANTIA DO VOSSO CAPITAL

COMPRA, VENDA E ADMINISTRAÇÃO DE PROPRIEDADES

HIPOTECAS

RUA DOS FANQUEIROS, 65-1.^o
LISBOA — PORTUGAL
TELEFONE 28730

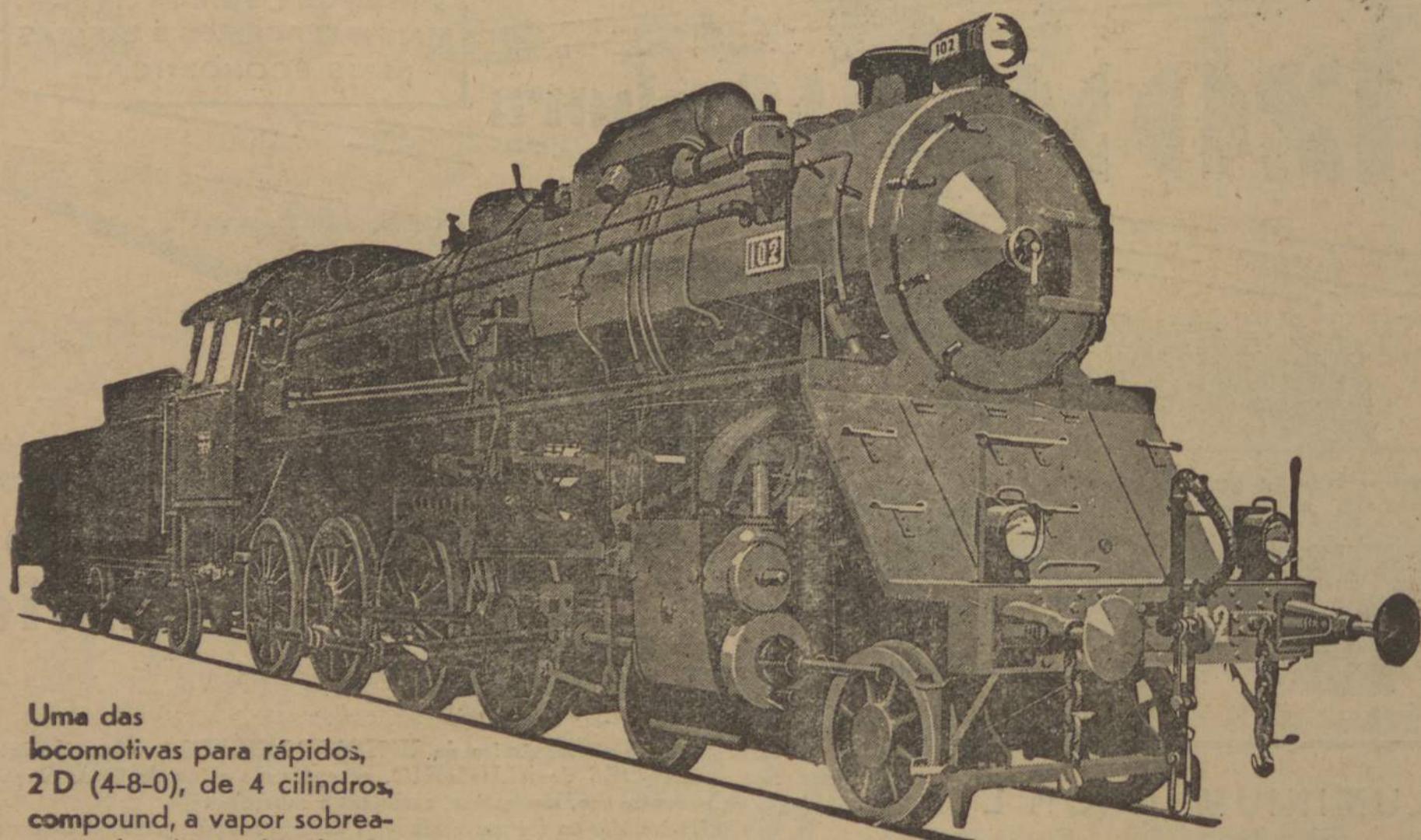
JOSÉ SANTOS, L.^{DA}

COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES
RUSTICAS E URBANAS

ADMINISTRAÇÃO E RECEBIMENTO DE RENDAS

COLOCAÇÃO DE CAPITAL SOBRE HIPOTÉCAS

R. DOS CORREIROS, 101-1.^o
LISBOA — PORTUGAL
TELEFONE 27616



Uma das
locomotivas para rápidos,
2 D (4-8-0), de 4 cilindros,
compound, a vapor sobre-aquecido, (para bitola de
1670 m/m) da Companhia
dos Caminhos de Ferro Por-
tuguêses da

BEIRA ALTA,
fornecidas em 1930 por
HENSCHEL & SOHN A.G.

Há já mais de meio século

que as locomotivas "Henschel" são conhecidas e preferidas
em Portugal e suas Colônias, onde as mesmas se tem
qualificado.

Centenas de locomotivas "HENSCHEL"

circulam nas mais importantes linhas portuguêses da Metro-
pole e Ultramar.



REPRESENTANTE GERAL
para Portugal e Colónias:

CARLOS EMPIS
Rua de S. Julião, 23, 1º

LISBOA